

Historias de Escuela

$a+b+c$

CO_2



$x-y=?$

CONSELHO EDITORIAL

Secretário da Educação

José Renato Nalini

Dirigente Regional de Ensino

Rosania Morales Morroni

Diretor do Núcleo Pedagógico

Mickael Nunes dos Santos

Professores Responsáveis

Idê Moraes dos Santos

Marcos Rodrigues Ferreira

Professores do Núcleo Pedagógico

Angela Maria de Oliveira

Audrey Ines Siqueira Garcia

Ediane Carvalho Prado do E. Santo

Elizabeth Reymi Rodrigues

Erik David Perozini de Oliveira

Idê Moraes dos Santos

Jefferson de Castro Marinho

José Roberto Marques Raphael

Kelly Macedo Soares Prado

Marcos Rodrigues Ferreira

Nathalia Deliberato Asparsio Sartori

Paulo Cesar Fukugawa Andrade

Pedro Eduardo Tassoni

Rita de Cássia Alves das Chagas

Sandra Catarina Ribeiro

“HISTÓRIAS DE ESCOLA”

é um livro de circulação interna, editado sob
a responsabilidade da Diretoria de Ensino
da Região de Mogi das Cruzes

Rua Dr. Antônio Cândido Vieira, 451 – Centro
CEP 08780-030 – Mogi das Cruzes- SP
E-mail: demgc@educacao.sp.gov.br
Telefone: (11) 4728-4400
www.facebook.com.br/dermgc

Dezembro – 2017

CONVERSANDO COM OS LEITORES

O senhor mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam, verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra montão.¹

João Guimarães Rosa

As palavras contidas neste livro, produzidas por diretores, coordenadores pedagógicos, vice-diretores, professores, funcionários, ex-alunos e pais de alunos da Rede Estadual de Ensino, da Diretoria de Ensino da Região de Mogi das Cruzes, estão repletas de lembranças, memórias de um passado prazeroso... sabores de escola.

São os sons, os barulhinhos bons de ouvir... As conversas nas salas dos professores, as discussões homéricas sobre assuntos logo esquecidos, ou guardados com carinho naquele cantinho especial da memória. O olho irritado pelo vento de giz... As dores, os sonhos, os amores... As pessoas, com seus dons de encantamento... Aquelas histórias que repetimos com prazer...

A alegria de desfrutar aquela aula especial, as dores de não conseguir atingir aquela meta... A sensação de estar em um lugar especial, que nos remete à amplitude dos nossos sentidos, do nosso aprendizado, do conhecimento acumulado ao longo de nossa trajetória pessoal.

Este é um convite para que nos emocionemos juntos com a leitura das nossas Histórias de Escola!!

Rosania Morales Morroni
Dirigente Regional de Ensino

¹ ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 14ª ed., 1980, 54.

COLABORADORES

Projeto Gráfico

João Paulo Paulo Andrade Dias

Revisão

Ediane Carvalho Prado do E. Santo

Idê Moraes dos Santos

Marcos Rodrigues Ferreira

Homenagem especial...

À Dirigente Regional de Ensino, **Rosania Morales Morrone**, pela confiança e credibilidade na execução do Projeto pela Equipe de Língua Portuguesa.

À Supervisora de Ensino **Andrea Nagatani** por acreditar na possibilidade de buscarmos parceiros para editar o livro.

À Diretora **Nadia Aparecida Borba Montes** pela dedicação na elaboração do projeto.

Ao Diretor do Núcleo Pedagógico **Mickael Nunes dos Santos** por nos acompanhar e incentivar a realização do projeto da primeira videoconferência até sua execução final.

Ao PCNP Paulo Cesar Fukugawa Andrade, pelo companheirismo, dedicação e confiança no projeto. Mas, sobretudo, por permitir-se sonhar conosco.

Aos professores das salas de leitura que colaboraram efetivamente para a realização do projeto, nosso sincero agradecimento: Luciana Carla Gonçalves, Shirley Aparecida de Souza, Rosa Maria Rodrigues Batalha, Clerymar Rodrigues de Moraes, Lucimara Aparecida T. do Nascimento, Katia Cilene da Silva Moreira Borsois, William Alves da Silva, Gislene Maria dos Santos, Rita de Cássia Fioresi Jungers, Denise Vieira de Moraes Indena, José Cuadrado Garcia Júnior, Marcia Borowiec Marciano, Rosimer Gomes da Fonseca Antonio, Claudia Maria Alves de Souza, Maria de Fátima Nóbrega Andreucci, Daisy Aparecida da Silva, Egle Regina Ferreira de Faria, Rosângela de Almeida Leite de Siqueira, Roseli de Barros Siqueira, Célia Marinês Polarini Sartoreto (*in memoriam*).

A todos os **Educadores (as)** que trabalharam na mediação do registro das diversas e diferentes vozes de nossos alunos, projetadas em "**Histórias de Escola**".

COLABORADORES

Às pessoas do bem que contribuíram para a concretização da edição do livro **Histórias de Escola**, nossos agradecimentos.



DR. JOÃO MENDES
Veterinário

DRA. VANICE MARIA DE SENA
Advogada



ADVOCACIA MARTINS MOTA
Araci e Paulo Mota



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
DO CAMINHO ATÉ AQUI	11
AS TRAJETÓRIAS INICIAIS	12
ETAPAS DA REDAÇÃO E SELEÇÃO DOS TEXTOS	14
CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO E DESCLASSIFICAÇÃO DOS TEXTOS	15
TRAJETÓRIA E DESENVOLVIMENTO DAS AÇÕES	16
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	22
SALA CHEIA OU VAZIA?	23
RÁPIDO	24
REAPRENDEDO NA ESCOLA COM AS VIDAS	26
TRINTA ANOS, NÃO SÃO TRINTA DIAS	27
A ARTE DE LECIONAR	29
MINHA HISTÓRIA SOBRE A ESCOLA	30
SEGUNDA MÃE	31
UM QUINQUÊNIO DE AMOR	32
DONA MAFALDA	33
VOLTA POR CIMA	34
A MALDIÇÃO DO CHINELO	36
TOTALMENTE SEM JEITO	37
VALE A PENA ACREDITAR	38
MINHA INFÂNCIA NA ESCOLA	39
HISTÓRIA DE ESCOLA	41
PRIMEIRO ANO	42
BRILHANTE EXPERIÊNCIA	43
MISTÉRIO OU SÓ IMAGINAÇÃO?	45
OPA! QUEM É VOCÊ?	46
CORINTHIANS X SÃO PAULO	47
MENTE OBSERVADORA	49
O MANHÊ	50
E.M - 1G - TURMA DO BARUUULHHHHHHOOOOOOO	52
HISTÓRIAS DE ESCOLA	54
A PARCERIA QUE DEU CERTO	56
O PODER DA ORAÇÃO	58
UM ANJO CHAMADO GISELA	60
NOSTALGIA	62
PELOS CORREDORES DA ESCOLA	64
A VIDA DO MEU FILHO MUDOU	65
RESGATE	66
QUE VENHA O NATAL	67
ESTOU GESTORA, MAS SOU PROFESSORA	68
LIÇÕES DE VIDA	70
AS MÃOS FALAM	71
O BEIJA-FLOR	72
O HINO DA ESCOLA	73
DUPLO SENTIDO	75
POUCO MENOS DE DEZ PASSOS	78
APRENDEDO A LIDAR	80
A CAMINHADA	81
RETROCESSO DA HUMANIDADE	82
MOMENTOS DE DIVERSÃO E RISOS	83
ESCOLAS, MARAVILHOSAS ESCOLAS	84

PESADELOS: TRAJES E UNIFORMES.....	85
PÃO, BOLACHA E LEITE.....	86
IRA IRÔNICA.....	87
LEANDRO, O RATO DE LABORATÓRIO.....	88
LEMBRANÇAS.....	89
MOMENTOS.....	90
TUM, TUM, TUM.....	91
MEU GRANDE E ÚNICO AMOR.....	92
MOMENTO GRATIFICANTE NA ESCOLA.....	95
ESCOLA DE LATA.....	96
O QUE NÃO ERA SONHO.... VIROU REALIDADE!!!.....	97
PROFESSOR: ALÉM DE PROFISSÃO, UMA MISSÃO.....	99
SITUAÇÕES NUNCA REGISTRADAS.....	101
UMA TRANSFORMAÇÃO QUÍMICA E A PRIMAVERA.....	103
REFLEXÃO DE UM EX- ALUNO.....	104
CONTOS DE UMA ADOLESCENTE.....	105
EU E A ESCOLA, APRENDIZADO E MEMÓRIAS.....	106
MEMÓRIAS DA NAIR.....	107
TODOS SÃO ESPECIAIS.....	108
“PROFESSORA, AGRADEÇO TODOS OS DIAS”.....	110
TIPONITE.....	113
AMOR E DEDICAÇÃO.....	114
DOCES LEMBRANÇAS.....	117
TECENDO O AMANHÃ.....	118
GENEROSIDADE GERA GENEROSIDADE.....	119
QUANDO FUI ALFABETIZADA.....	121
UM DIA DE PROVA.....	123
RECORDAÇÕES.....	124
AH QUE SAUDADES TENHO!.....	125
PALAVRAS QUE ECOAM.....	127
A VIDA SEGUE.....	128
CONFUSÕES DO ENEM.....	129
IBAMA AMERICANO.....	130
AUTISTAS E O MEDO DA BOLA!.....	131
A CONVENÇÃO DAS T.I.A.S.....	133
MEU TEMPO DE ESCOLA.....	135
COMEÇAR E RECOMEÇAR.....	136
NEM SEMPRE O ÓBVIO ACONTECE!.....	138
ALGUÉM ENXERGA O PROFESSOR?.....	139
A FORMATURA.....	140
EDUARDO.....	141
RELATO DE MEMÓRIA.....	142
O ÚLTIMO ADEUS A TANCREDO.....	144
ESQUECI DA CALIGRAFIA.....	146
MOMENTOS INESQUECÍVEIS DE UMA PROFESSORA ALFABETIZADORA.....	148
CHURRASCO NA SALA.....	151
UM DIA DIFERENTE NA ESCOLA.....	152
MINHA VIDA NA ESCOLA.....	153
MINHA ESCOLA, MINHA VIDA.....	154
O PROFESSOR NOVATO.....	156
APROXIMAÇÃO ANIMAL.....	157
MINHA ESCOLA – COMO A VEJO.....	158

INTRODUÇÃO

“Histórias de Escola” é um projeto que contou com a participação de professores, funcionários, ex-alunos, pais de alunos, enfim, com toda a comunidade escolar. Os participantes foram convidados a relembrar alguma experiência singular e marcante em sua trajetória acadêmica para compartilhar com os leitores. Além da memória emocional, a escrita possibilitou o resgate de informações, acontecimentos, fatos que ajudam a preservar a memória da escola e do seu entorno.

Ao longo do ano e a partir do tema apresentado, as escolas foram mobilizadas para a leitura e produção de crônicas. Sempre que possível com a mediação e colaboração dos professores.

Muitas lembranças, sentimentos, fatos curiosos, resgates emocionais... Assim a leitura dos textos nos convida para uma viagem em torno de acontecimentos, fatos, experiências.... Sabores que ecoam nas mais delicadas memórias... Assim são nossas **Histórias de Escola**.

Boa leitura!

DO CAMINHO ATÉ AQUI....

O trabalho desenvolvido em 2016, referente ao I Concurso Literário, rendeu muitos frutos, dentre eles a participação no III CONBALF (Congresso Brasileiro de Alfabetização), realizado nos dias 17 e 18 de julho de 2017 em Vitória, no Espírito Santo. Reproduzimos a seguir o artigo apresentado, com adaptações.

A PRODUÇÃO TEXTUAL SIGNIFICATIVA: A ESCRITA REFLEXIVA SOBRE O LUGAR ONDE SE VIVE

Idê Moraes dos Santos
Doutoranda no PPG Língua Portuguesa-PUC/SP
gutidelirou@gmail.com

Marcos Rodrigues Ferreira
Mestre em Educação –UNICAMP/SP
marcos.rohfe@gmail.com

Eixo temático: Alfabetização e Cultura

Tínhamos horta, galinheiro, vacas, cavalos e um pomar enorme, onde colocávamos, minha mãe e eu, banquinhos aos pés do limoeiro e chupávamos limão com sal. Tinha uma balança pendurada na mangueira, onde balançava os meus sonhos e as minhas fantasias.

Aluna: Isleide Leal da Silva - Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEEJA) - Mogi das Cruzes

“Histórias e memórias: o lugar onde vivo” foi um projeto de produção de textos desenvolvido pela Diretoria de Ensino Região de Mogi das Cruzes no ano de 2016, com base nos materiais pedagógicos do Programa Olimpíada de Língua Portuguesa. Tal iniciativa proporcionou incentivar práticas de leitura e escrita nos contextos escolares, tendo como foco o desenvolvimento das competências leitora e escritora. Nesse sentido, entendemos que trabalhar com o texto é interagir pela linguagem levando em conta o que está dito ou silenciado, os valores, os sentimentos, as vivências e as visões de mundo dos interlocutores envolvidos em uma determinada situação comunicativa. (SÃO PAULO, 2012, p. 33).

Situação comunicativa essa que nos leva à questão da contextualização e remete-nos à reflexão a respeito da **intertextualidade** e da **interdisciplinaridade**. De que maneira cada objeto cultural se relaciona com outros objetos culturais? Como uma mesma ideia, um mesmo sentimento, uma mesma informação são tratados pelas diferentes linguagens? (SÃO PAULO, 2012, p. 29).

Os processos de pesquisa, investigação e o trabalho da escola na seleção dos textos para compor o livro com as produções dos alunos objetivaram, sobretudo, contribuir para a melhoria da escrita do aluno para que ele pudesse realizar diversas leituras e tecer diferentes escritas e olhares sobre o lugar onde vive; propiciar aos participantes o desenvolvimento de habilidades de leitura e de escrita, em conformidade com os conteúdos e materiais formativos utilizados pelos docentes, ampliando o olhar sobre o Currículo Oficial do Estado de São Paulo; participar e envolver alunos, professores, gestores e a comunidade interna e externa da escola interdisciplinarmente, tornando o trabalho de produção textual mais significativo, desvinculando-o do contexto de produção escolar sem um fim específico, de modo que todos dialogassem e registrassem suas percepções sobre o lugar onde vivem.

Percepções essas que denotam a multiplicidade de culturas que o aluno pode encontrar no meio em que se insere. Para Rojo (2009) “com seus produtos, a Indústria Cultural busca o reforço das normas sociais, repetidas até a exaustão e sem discussão.” A autora também pontua outras questões relacionadas ao grande desenvolvimento da cultura de massa através da globalização, que pasteuriza, unifica tudo. Salienta a importância que a escola tem para potencializar uma relação dialógica na qual as várias vertentes da cultura sejam consideradas, não só a hegemônica, trazendo desta forma, para dentro dos muros da escola, a multiculturalidade. Neste sentido, promover e incentivar o aluno a produzir se reconhecer-se como autor de produções culturais promove uma ampliação da relação de ampliação do letramento no que se refere ao seu conhecimento de mundo (ROJO, 2009, p. 30).

AS TRAJETÓRIAS INICIAIS

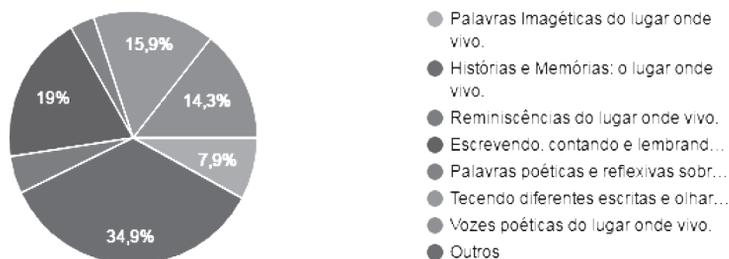
Quanto aos procedimentos iniciais, com base na leitura, estudo e análise do Regulamento do Projeto, os professores receberam formação continuada (presenciais e por intermédio de videoconferências) com orientações de como poderiam discorrer sobre a temática do lugar onde os alunos viviam e de que modo utilizariam os materiais pedagógicos que já estavam na escola, para desenvolver atividades de leitura e escrita dos gêneros crônica, memória literária, artigo de opinião e poema. Materiais esses que deram margem para que o professor pudesse também discutir com os discentes, tal como bem postulou Bakhtin (2003) “enunciações concretas”, ou seja, diversos modos de utilização da língua materna reproduzidos e construídos por intermédio da “comunicação viva”,

A língua materna – sua composição vocabular e sua estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas mas de enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação viva com as pessoas que nos rodeiam. (BAKHTIN, 2003, p. 282,283).

O tema foi o lugar onde vivo. Porque não tínhamos um título para o livro, iniciamos o projeto com o título provisório Palavras imagéticas do lugar onde vivo. Sugerimos às escolas que pensassem em um título, em conformidade com o trabalho que estava sendo desenvolvido na escola, para que, posteriormente pudéssemos eleger um título final.

Muitas sugestões de título para o livro foram dadas. Para garantir que todos pudessem participar, promovemos um processo de votação on-line. Para tanto, utilizamos a ferramenta Google docs, através de um formulário. O resultado foi o seguinte:

GRÁFICO 1: ESCOLHA DO TÍTULO DO LIVRO



Concurso Literário - Escolha do Título do Livro

Quanto aos requisitos para participar do projeto, convidamos os alunos regularmente matriculados na rede estadual, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Especial, das modalidades regular, integral, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEEJA, sob a jurisdição da Diretoria de Ensino Região de Mogi das Cruzes.

Quanto aos gêneros trabalhados e com a extensão de 30 linhas (exceto poema), as escolas realizaram a seleção e trabalho de escrita de crônicas (até 30 linhas); artigos de opinião (até 30 linhas); poemas (sem números de linhas) e memórias literárias (até 30 linhas).

ETAPAS DA REDAÇÃO E SELEÇÃO DOS TEXTOS

Nas etapas da redação e seleção dos textos percebemos que, tanto nas falas dos alunos como nas das professoras que estavam participando do projeto, diferentes modos de interação com o outro, bem como consigo mesmo por meio da linguagem, sobre isso Koch (2013), assinala que

“Quando interagimos através da linguagem (quando nos propomos a jogar o “jogo”), temos sempre objetivos, fins a serem atingidos; há relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, isto é, pretendemos atuar sobre o(s) outro(s) de determinada maneira, obter dele(s) determinadas reações (verbais ou não verbais). (KOCH, 2013 p. 29).

As ações de leitura e seleção dos textos, realizadas tanto pela escola como Diretoria de Ensino, foram executadas em três etapas distintas: 1ª etapa – escola; 2ª etapa – Diretoria de Ensino e 3ª etapa – Diretoria de Ensino e Escolas. Na primeira etapa, as escolas observaram os seguintes requisitos:

A) Promoção de atividades relacionadas ao tema “O lugar onde vivo”, com o objetivo de estimular a produção dos textos em sala de aula, sob a orientação do professor. Sob essa temática, os alunos escreveram crônicas, artigos de opinião, memórias literárias e poemas. As atividades foram fotografadas e enviadas à Diretoria de Ensino;

B) Trabalho com as atividades que tiveram caráter interdisciplinar. A escola elaborou uma comissão responsável para a leitura e seleção dos textos que foram encaminhados à Diretoria de Ensino.

Embora o foco tenha sido a escrita dos textos sobre o lugar onde o aluno vivia, percebemos que os conceitos gramaticais não foram deixados de lado, mas aproveitados na investigação do texto do aluno para realizar sua análise. Sobre a utilização do texto do aluno, Possenti (1996), diz que

É certo que não há, para esse roteiro, materiais didáticos prontos. Mas, a própria natureza desse tipo de roteiro coloca o material didático em plano secundário, já que o material prioritário do trabalho é a produção linguística do aluno, ao lado de uma pequena coleção de materiais de leitura. (POSSENTI, 1996, p. 85)

C) Seleção de 4 redações (1 crônica; 1 artigo de opinião; 1 poema; 1 memória literária) e encaminhamento à Diretoria de Ensino.

D) Encaminhamento da redação manuscrita pelo próprio aluno, sem rasuras e com identificação do aluno, assinada pelo diretor da escola e pelo professor responsável;

E) Encaminhamento do texto digitado (formato Word) no ambiente da Oficina Pedagógica da Diretoria de Ensino.

No que se refere à segunda etapa, fase Diretoria de Ensino, houve a

A) Leitura e análise dos textos pela comissão técnica de Professores Coordenadores do Núcleo Pedagógico (PCNP) de Língua Portuguesa responsável na Diretoria, para encaminhamento à gráfica.

B) Consolidação dos textos em arquivo e elaboração do sumário. Nessa etapa os textos foram encaminhados ao diagramador (“boneco”) e, posteriormente, à gráfica para a confecção do livro.

Na terceira etapa – Diretoria de Ensino e Escolas:

Cerimônia de entrega do livro com participações culturais dos alunos (dança, músicas, etc) e exposição das atividades em fotos para a comunidade escolar e externa.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO E DESCLASSIFICAÇÃO DOS TEXTOS

As redações inscritas foram avaliadas, em conformidade com as grades de correção do Programa Olimpíada da Língua Portuguesa, segundo os seguintes critérios técnicos:

A) Ter entre 20 e 30 linhas e ser manuscrita em língua portuguesa e redigida pelo próprio aluno, à exceção daqueles que necessitassem de atendimento diferenciado e específico;

B) Observação da correção gramatical e sintática, a objetividade, a originalidade, a ortografia e a propriedade vocabular;

C) Ser inédito, não podendo ter sido publicado em quaisquer mídias ou inscrito em concursos anteriores.

Seriam desclassificadas as escolas:

A) Em que o texto se apresentasse fora do tema (fuga ao tema);

B) Não atendimento ao gênero da categoria em que estava inscrito (inscrever-se na categoria crônica e enviar um poema, por exemplo);

C) Com textos retirados da web (plágio), ou confeccionados por outros como parentes do aluno, ou professores;

D) Que enviassem textos fora da data estipulada pela Diretoria de Ensino (não atendimento ao cronograma).

TRAJETÓRIA E DESENVOLVIMENTO DAS AÇÕES

O projeto foi realizado ao longo do período letivo de 2016. Grosso modo, no mês de março foram iniciadas as atividades com a reunião da equipe pedagógica para a elaboração do regulamento do projeto. Posteriormente, mais precisamente no dia 4 do mês de abril, elaboramos uma videoconferência com informações sobre o processo de redação e seleção dos textos pelas escolas.

Já no final do mês de abril, até julho, orientamos as escolas para a realização de ações de leitura e escrita que ampliassem o repertório cultural do aluno, objetivando a elaboração do texto final. No mês de agosto presenciamos a seleção das escolas dos 4 textos 4 textos manuscritos (1 poema, 1 crônica, 1 artigo de opinião, 1 memória), pelos professores e digitação pelos alunos integrantes do Grêmio (ou outros alunos) e envio à Diretoria de Ensino. Feito isso, em setembro, foi a data final das escolas enviarem, por e-mail, ao Núcleo Pedagógico da Diretoria de Ensino, os quatro textos selecionados. (Vale dizer que os textos manuscritos foram usados na confecção de um origami em forma de pássaro tsuru, e entregue na entrada do Teatro, no dia da Cerimônia de entrega do livro).

Em outubro, houve a consolidação dos textos em arquivo, envio dos textos ao diagramador (parceiro) para a elaboração de sumário e revisão final dos textos/arquivos. Já no final de outubro e início de novembro, procurou estabelecer contato com os patrocinadores que financiaram a edição do livro (obtivemos 15 patrocinadores, incluindo o diagramador).

Foi em outubro, também que a Professora da Educação Básica das nossas escolas, Eliana, mostrou interesse em ilustrar todos os textos do livro e, juntamente com o aluno Brandon, também ilustrou a capa do livro, caracterizando nela, as três localidades estudadas: Mogi das Cruzes, Salesópolis e Biritiba Mirim.

Em meados de novembro assistimos às apresentações culturais dos alunos com o objetivo de realizar uma seleção prévia, para a entrega do livro. Participaram da cerimônia de entrega Professores, alunos, pais e responsáveis, além de representantes da Secretaria Municipal de Educação de Mogi das Cruzes.

PERCEPÇÃO/PERFIL DO ALUNO QUANTO AO LUGAR ONDE VIVE

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. (ORLANDI, 2005, p. 47).

Se o objetivo inicial do projeto foi o de incentivar o aluno a leitura e escrita de textos, para que ele pudesse tecer diferentes olhares e sentidos sobre o lugar onde vivia (ORLANDI, 2005, p. 47), isso de fato foi constatado nos textos dos alunos que disseram, entre outras coisas, que

- Conhecem a história de seu município e a valoriza (festividades);

As festas típicas reúnem diversas pessoas, é uma maneira de socialização e cultura. A do Divino do Espírito Santo, por exemplo, ocorre em meados do mês de Junho, nem o frio dessa época consegue desanimar e afugentar os devotos, que se reúnem e organizam tudo, bem cedinho. O bom de tudo, são as barracas com culinárias regionais, e o famoso afogado, que é referência para as famílias que se reúnem para apreciar esse prato, um cozido de carne com vegetais.

Aluna: Mariana Ribeiro da Silva - 9º Ano B - Ensino Fundamental

Atualmente Mogi das Cruzes possui pontos turísticos muito bons, como o pico do urubu, onde as pessoas se divertem e muitas praticam saltos de asa-delta. Também há o parque centenário, no qual as famílias se reúnem para um piquenique ou mesmo um passeio em local aberto. O outro parque, do município, Leon Feffer, lugar em que, além das reuniões familiares, as pessoas ainda desfrutam de quadras de futebol, de vôlei e brinquedos pra as crianças.

Aluno: Vitor Fraga dos Santos - 2ª Série A - Ensino Médio

A praça, a igreja, a rua, a prefeitura, tudo isso faz parte da minha cidade "Salesópolis", um lugar ótimo de se viver, com muitas histórias e segredos.

Aluna: Larissa Maria Santos de Moraes - 7º Ano - Ensino Fundamental

- Anseiam por melhorias de infraestrutura do lugar onde vive (sobre-tudo asfalto);

Uma de minhas ideias é que meu cantinho tenha cor e vida, que não seja tão urbanizado. Que suas vielas sejam uma passagem, e não um depósito de entulho, suas quadras coloridas e cuidadas para qualquer um se divertir. Que seja aproveitado com vida, plantas e árvores, com frutas (melhor ainda).

Aluna: Pâmela Camila de O. Silva - 2ª Série B - Ensino Médio

Jundiapéba, um lugar que, para quem mora, traz boas memórias, de quando ainda a estrada era de terra, e havia mais mato do que tijolo, as pessoas usavam enceradeiras em casa e as crianças, após a mãe deixar o chão intacto de tanto brilho, começavam a deslizar de lá pra cá pela casa toda.

Aluna: Angela Dayana Maznik Oliveira - 3ª Série F - Ensino Médio

- Sabem e conhecem seus direitos e deveres quanto às localidades (quer boa educação; conservação de seu bairro/patrimônio);

Mogi das Cruzes. Caminho em seu centro e me vejo diante de alguns edifícios antigos, com uma bela arquitetura acolhedora. Em algumas praças, deparei-me com monumentos de vários tamanhos e significados marcantes, que todos deveriam ver, já outros estranhos e engraçados à vista.

Aluna: Luana Oliveira Viana - 8º Ano A – Ensino Fundamental

- Sabem opinar e se posicionar com criticidade sobre as questões políticas, ainda que medianamente;

Resumindo, acho que não é uma das piores cidades do estado de São Paulo, pelo contrário, acho que é uma das melhores da região. O Brasil não é um país com um alto padrão de vida, pois dinheiro não é bem aplicado, já que há gastos com coisas inúteis para a população, tais como contratar duplas sertanejas em datas comemorativas da cidade, investir em desfiles de escolas de samba durante o carnaval e construir shoppings e galerias que requerem manutenção de alto custo.

Aluna: Letícia Gonçalves Capelli Lima – 9º Ano – Ensino Fundamental

Posso não conhecer 100% da cidade onde moro, mas nasci e cresci aqui. Poderia fazer um texto citando apenas seus "pontos fracos", como, lixo nas ruas; calçadas esburacadas; casas mal – estruturadas; animais abandonados; pessoas que morrem de frio, fome e sede; água de esgoto correndo nas ruas etc, mas infelizmente, isso não se encontra apenas em Mogi, e sim em grande parte das cidades do Brasil e apesar da situação não ser agradável, é melhor do que tempos antigos.

Aluna: Laura Furtado Alexandre - 2ª Série B – Ensino Médio

- Valorizam a família e as amizades construídas na escola/comunidade;

Minha rua é como a minha família, todos se ajudam, se respeitam, é tudo muito colorido. Na rua, a diversão é garantida com as brincadeiras mãe da rua, futebol, esconde-esconde e pipa. Assim é o lugar onde eu vivo. Nossos visitantes são recebidos e acolhidos logo na entrada da cidade pelo Cristo Redentor. Este lugar é Biritiba Mirim, lugar onde tenho orgulho de viver.

Aluna: Letícia Yucari Melo Tanaka - 8º ano A – Ensino Fundamental

O outro parque, do município, Leon Feffer, lugar em que, além das reuniões familiares, as pessoas ainda desfrutam de quadras de futebol, de vôlei e brinquedos pra as crianças. Além disso, a cidade vem ganhando mais recursos para a população, como por exemplo: postos de saúde, hospitais, áreas de lazer, bem como a construção de moradias populares para os habitantes de baixa renda.

Aluno: Vitor Fraga dos Santos - 2ª Série A – Ensino Médio

- São saudosos dos tempos em que o diálogo não era realizado somente pelos celulares (contação de casos na varanda);

As crianças brincavam na rua e se divertiam mais, hoje as vejo no celular em jogos ou outras coisas que não tem tanta graça assim. Tenho muitas lembranças daquele tempo que era bom demais! Frequentava as festas das igrejas Santo Antônio e São João, próximas a minha casa. Era o campeão na brincadeira do pau-de-sebo, minha técnica era única, esperava todos subirem, assim saia todo o sebo, quando chegava minha vez, já estava mais fácil, assim eu ganhava sempre, brindes e até dinheiro. Hoje isso também acabou, que bom, pois a idade e a barriga já não me deixariam competir. Tenho muitas saudades dessa época!

Aluna: Camila de Melo Araújo - 8º Ano D – Ensino Fundamental

Nos lugares que temos para apreciar a cidade só há gente no celular em vez de aproveitar a vista, há muita falta de segurança também, mas tudo isso por causa de alguns cidadãos que “destroem” o que temos.

Aluna: Vitória Aparecida da Silva - 9º Ano C – Ensino Fundamental

- Denunciam o aumento do consumo de entorpecentes pelos jovens e o descaso das autoridades quanto ao auxílio às famílias:

O uso de drogas favorece a integração de jovens em determinados grupos sociais? Na minha comunidade boa parte dos jovens faz uso de drogas para se sentir integrado a um grupo. Esse problema se agrava a cada dia com o uso em locais públicos e que não admitem comportamentos dessa natureza, como: escolas básicas, faculdades, parques, praças.

Aluna: Maysa Lorens Calazans da Nóbrega - 2ª Série A – Ensino Médio

Quanto a leitura e escrita de seus textos, os alunos:

- Sabem pesquisar e apontam dados estatísticos sobre seu município;

Fundada em 1 de setembro de 1560, Mogi é o maior e o mais desenvolvido município da região do Alto Tietê. Levando em conta que apesar de ser uma das grandes elites do estado de São Paulo, Mogi gasta muito tempo investindo em algumas coisas que não são tão necessárias. A saúde do município passa por vários problemas, como falta de médicos, aparelhos apropriados para os atendimentos dos pacientes, as grandes filas, faltam bom atendimento dos funcionários das instituições hospitalares. Já a educação passa por sérios problemas, como a falta de professores apropriados para dar aula, falta de interesse dos alunos, etc. E a parte do lazer, a cidade não oferece muitas opções, causando então a falta de interesse e esportes e diversão, e infelizmente a motivação por buscar nas drogas a saída para sua "diversão".

Aluna: Luana Gabriela Bezerra de Lima - 3ª Série B – Ensino Médio

Quanto às questões que envolvem procedimentos de trabalho com a linguística textual, os alunos:

- Têm dificuldades em escrever artigos de opinião e o gênero memórias literárias;
- Têm dificuldades em empregar figuras de linguagem na construção do texto poético;
- Apresentam marcas de oralidade em detrimento do uso da norma padrão;
- Têm dificuldades em pontuar os textos;
- Apresentam ausência de reescrita e revisão textual.

Perspectivas quanto à formação docente para 2017, realização de formação continuada (orientações técnicas) com foco em:

- Estudo dos gêneros: artigo de opinião, poema, memórias literárias e crônica, abarcando suas especificidades, realizadas por meio de orientações técnicas presenciais e cursos on-line.
- Estudo dos aspectos linguísticos relacionados ao texto (pontuação, uso de conectivos), por meio de realizações de formação continuada (cursos presenciais e a distância).
- Prática de reescrita e revisão textual, por meio de cursos de curta duração e atividades on-line, sobre a temática estudada.
- Análise de diferentes contextos de utilização e trabalho com as linguagens padrão e oral, a partir da leitura e investigação dos cotidianos escolares.

Por fim, de um total de 66 escolas, sob a jurisdição da Diretoria de Ensino do Município de Mogi das Cruzes, a coletânea contou com 198 produções de alunos de 52 escolas participantes (79%), das cidades de Biritiba Mirim, Mogi das Cruzes e Salesópolis. A entrega aos alunos autores foi realizada no Teatro Vasques, dia 16 de dezembro de 2016. No dia, tanto os alunos autores dos textos, como os professores responsáveis pelo projeto nas escolas receberam exemplares do livro (primeira tiragem de 500 exemplares).

Ao avaliarmos os resultados finais da execução do livro de produção textual *Histórias e memórias: o lugar onde vivo*, entendemos que tanto professores quanto alunos tomaram para si o conhecimento como instrumento mobilizador de competências, o que reforça o sentido cultural do aprendizado, pois pressupõe um modelo de escola no qual o professor não se limita a suprir o aluno de saberes, mas dele é parceiro nos fazeres culturais; é quem promove, das mais variadas formas, o desejo de aprender, sobretudo com o exemplo de seu próprio entusiasmo pela cultura humanista, científica e artística (SÃO PAULO, 2011, p. 13).

Em face do exposto, é imprescindível discutir as escolhas que a escola faz sobre as discussões que irá pontuar. O texto exemplifica considerar o contexto social, histórico e econômico no qual o aluno está inserido, o contexto de produção e as várias possibilidades de análise que os conteúdos escolares podem proporcionar para os alunos. É fundamental valorizar e compreender os diversos letramentos que circulam nos espaços escolares e efetivamente possibilitar que os demais que ainda margeiam os muros encontrem passagem livre, porém imbuída de reflexão e cuidado, para que as salas de aula e as práticas escolares possam constituir-se de forma mais crítica ao considerar as diversas possibilidades de letramento. É preciso que a escola se torne efetivo espaço no qual o aluno poderá desenvolver-se de forma crítica, ética, democrática, sendo o protagonista de seu processo de ensino aprendizagem.

Ao pensarmos sobre as necessidades dos alunos de hoje, é importante ressaltar que, ao menos em discurso, é de comum acordo que a escola é um espaço destinado a todos os alunos, sem exceção. O ensino de língua materna hoje está relacionado a uma necessidade de construção de um cidadão crítico e reflexivo. Destacando que saber ler e escrever com certa autonomia, por si só, não garante efetivamente que alguém venha a se tornar mais crítico, um cidadão reflexivo.

Finalizando, para que o ensino de Língua Portuguesa possa pautar-se por uma visão que atribua sentido amplo à leitura e à produção de textos, é necessário que o trabalho com a gramática e a literatura ocorra de forma mesclada e significativa, vinculado à ideia de elaboração de sentidos inerentes ao texto. O que deve ser privilegiado é a leitura e a produção de textos, buscando desenvolver nos alunos não só a leitura utilitária, mas também a fruição literária, o prazer pelo ato de ler. Eis a grande reflexão que a realização deste trabalho proporcionou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo: Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa: Tzvetan Todorov. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 282-283.

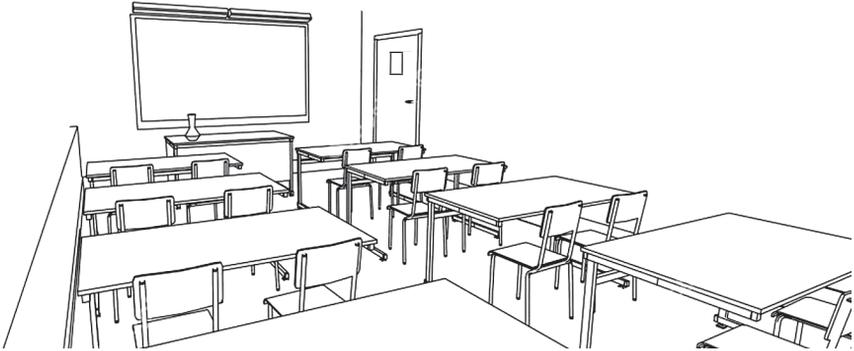
DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. Tradução e organização de R. H. R. Rojo e G. S. Cordeiro.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo, Campinas: Pontes, 6ª edição, 2005, p. 47.

ROJO, R. H. R. **Letramento múltiplo, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTOS, Idê Moraes. FERREIRA, Marcos Rodrigues. (Orgs.) **Histórias e Memórias – o lugar onde vivo**. São Paulo: Murc Editora Gráfica Ltda, 2016 (247 p).

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo: **Linguagens, códigos e suas tecnologias** / Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Alice Vieira. – 2. ed. – São Paulo: SE, 2012, p.33 (260 p).



SALA CHEIA OU VAZIA?

Era mais um dia normal em meu curso de inglês. Estudava no período da tarde.

Cheguei à escola um pouco antes da aula começar e fui direto para a sala.

Antes de entrar, olhei pela janelinha que tinha na porta. Estranhei, pois o ambiente estava cheio! Alunos sentados e outros em pé, todos estudando com muito afinco.

Fui avisar ao meu professor que não poderíamos utilizar aquele espaço. Ele ficou perplexo, pois naquele horário nenhum outro profissional iria utilizar aquela sala, a não ser ele, que decidiu ir até a sala dos docentes para pegar a chave.

Acompanhei o meu mestre até a porta. Ele a destrancou e... não havia ninguém!

Meu professor disse que eu não era a única a ter visto “estudantes de outro mundo” por lá.

No fim, pensei comigo mesma: não dizem que o verdadeiro amor sobrevive à morte? Neste caso, foi o amor aos estudos!



RÁPIDO

Levanto às cinco, da cama direto para o chuveiro. Ducha rápida, roupas, malas, materiais, notas... confere! Ah, o café está pronto!

Tento controlar meu nervosismo. Primeiro dia de aula naquela sala. Substituição de fim de ano.

Suor... suor... pego o jornal, folheio "Ônibus com quarenta estudantes e dois professores desaparece durante excursão". Essa notícia não ajuda muito, droga!

Ligo a TV... canais... canais... espera! Volto dois canais... "Professores planejam greve por reajuste salarial". Ah!!! Esqueci o café!

Café forte e quente... Droga! A camisa não! Corro para procurar outra. Essa não... essa não... Ué! Ué! O quê? Seis e dez... Santo Deus!!!

Ainda dá tempo de repassar a aula. Tomo os papéis, me coloco em frente ao espelho... nossa! Que gato! Narcisista, penso.

Soa o alarme do celular pela milésima vez. Onde estão as chaves? Onde? Ah, aqui... malditos bolsos profundos!!!

Fecho a porta, tranco e corro para o carro, tento ligá-lo uma, duas, três vezes... inverno... não vai pegar... solução? Chupeta! Nome absurdo para essa situação! Chupeta me remete a um bebê gordo dentro de um berço... Ridículos esses extremos dessa expressão! Chamo o vizinho... Chupeta feita! Estou a caminho da escola.

Ponho uma música enquanto manobro, são só 30 quilômetros até a escola.

Chego, vou ao banheiro, reavalio meu visual, olho as anotações, treino meu sorriso, uma, duas, três vezes... ahhh... está bom!!!

Fora do banheiro, passos confiantes. Lá vem a coordenadora, me aprumo ainda mais:

- Bom dia, professor! Algum problema?

Penso: por que haveria um problema? Minha roupa? Meu cabelo? Meu hálito? Me desespero. Calma, calma!

Histórias de Escola

- Por quê?
- O senhor tem aula hoje?
- Sim, a primeira. Daqui a 10 minutos... Espera. Que dia é hoje?
- Sexta-feira
- Putz! Era na outra escola!!!

Guaraciara Antônio
Professora de Língua Portuguesa
Idade: 32 anos
Profa.: Ariani Caroline O. C. dos Santos
E.E. Aprigio de Oliveira



REAPRENDENDO NA ESCOLA COM AS VIDAS

No começo os olhares dos alunos eram de desconfiança, e aquela que em tudo lhes é novo e desconhecido começa e despertar-se em um “Nós”. Posso dizer que também me sentia assim, afinal nunca havia exercido essa profissão e aquele meu tempo como aluna não é o mesmo de hoje. Mas assim, aos poucos a figura da “tia nova” foi ficando familiar, por nós nos virmos tanto, pelo ser amigável e por terem mais um par de ouvidos para contar.

Houve dias que o desabafo de uma vida dura e comportamentos difíceis me fizeram refletir sobre as raízes de um problema, que por outro lado, quando saudáveis essas raízes sustentam uma vida em evolução plena e tranquila, a família. A segurança de uma criança, o espelho do adolescente, o porto de todo ser. Nossas crianças são mais confiantes com o acompanhamento de quem amam. Confiança notável nas apresentações das festividades, no empenho da menina que em cada passo de dança ensaiado escuta no seu íntimo o elogio que merece, e por fim sorri ao olhar para sua família, ali lhe assistindo.

Quando me alegro apreciando o crescer de vidas que jamais imaginara conhecer, sou tomada pela esperança e fé em dias melhores. E isso na certeza que nossa família é fundamental em cada passo. Assim sigo observando a vida com um olhar antes distraído e desconfiado... E não são só as crianças que andam aprendendo por aqui. Que bom é assim quando o ato e os olhos que o observam sintonizam juntos no bem.

Bruna Cristina Santos Ribeiro
Agente de Organização Escolar
Idade: 28 anos
Profa.: Alba Nice de Oliveira
E.E. Professor Aristóteles de Andrade



TRINTA ANOS, NÃO SÃO TRINTA DIAS

Domingo à noite. Outra semana vai começar e chegou o momento de me preparar para retomar a rotina. Será a primeira semana do mês, com todos aqueles prazos de digitação. Na minha cabeça tento organizar uma agenda básica, seguindo algumas prioridades: terminar de fechar os Livros de Ponto, fazer os Boletins de Ocorrência e mandar para as outras escolas, em seguida começar a digitar o Boletim de Frequência. E assim, vou organizando os pensamentos e acabo adormecendo. A noite parece que passa em cinco minutos e na mesma hora toca o alarme do celular. Levanto, me arrumo e saio em direção à escola que fica no mesmo Distrito onde moro. No caminho vou encontrando vizinhos e pessoas conhecidas que também partem para a sua rotina diária.

Aproximo-me da escola e vou repassando a agenda formulada mentalmente no dia anterior, muito trabalho pela frente. Mas é só passar pelo portão que já me deparo com diversas situações que colocam longe a minha agenda mental. Nem bem chego na minha mesa e já vou resolvendo e ajudando a resolver as prioridades, tentando sanar alguns casos e, assim, o tempo vai passando e como passa rápido. Aquela mesa de trabalho é um verdadeiro cenário onde se desenrolam todas as situações cotidianas. Por ali passam não só documentos, mas passam também as vidas de tantas pessoas: alunos, professores, funcionários, famílias inteiras... E estes trazem, sejam na mochila ou na bolsa, ou, na pasta, os seus anseios, suas preocupações, suas alegrias e realizações.

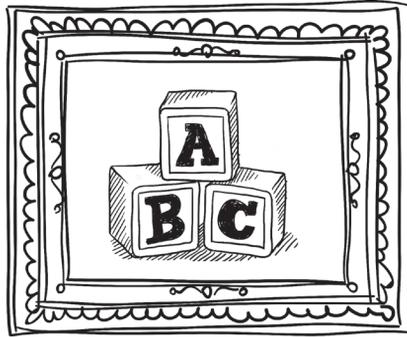
É comum, com o passar do dia, me deparar com um rosto conhecido naquele guichê. São pessoas que procuram a escola para assinar ou retirar um documento. Esse rosto conhecido hoje é pai, mãe, avô, avó, mas já foi um dia um aluno. E num momento voltamos no tempo lembrando tudo o que foi vivido por aquela pessoa dentro da escola. E fica sempre uma alegria e uma emoção no ar e um sentimento prazeroso de dever cumprido. As horas passam e acontecem muitas outras coisas que vamos ponderando e solucionando de acordo com a situação. Mas em meio às situações rotineiras, acontecem também as situações inusitadas, como a professora que chega roxa de vergonha. Perguntamos o que

Histórias de Escola

aconteceu. E ela conta que havia colocado roupas no varal de manhã e que na hora de sair para o trabalho, percebe que está armando uma chuva e volta para recolher a roupa. Na correria vai colocando tudo no ombro e depois coloca em um cesto, pega seu material e sai às pressas. Chegando ao portão da escola vê que os alunos começam a olhar para ela e rir, e ela pergunta o porquê. Qual a sua surpresa quando percebe que de toda aquela roupa que recolheu, uma calcinha havia ficado no seu ombro. Todos rimos muito, e ela acaba se descontraindo. Outros colegas lembram-se de alguma coisa parecida e outra professora conta que um dia saiu da escola tão estressada que quando subiu no ônibus e chegou na catraca, começou a bater forte sobre ela, gritando silêncio. Só percebeu a loucura quando viu os olhares espantados de todos os passageiros e do cobrador em sua direção. O toque do sinal ou o som do telefone nos traz de volta a realidade. E assim o dia vai passando, com momentos de extrema exaustão, mas também com momentos de descontração, de emoção, de solidariedade, de companheirismo e tantos outros.

Hoje, analisando um pouco, percebo que sempre foi assim, que trabalhar em uma escola está longe de se ter uma rotina entediante, onde o tempo não passa, onde tudo é mecânico e sem sentimentos. Muito pelo contrário, escola é escola, na mais pura concepção da palavra, lugar onde verdadeiramente aprendemos a viver e conviver. Sinto-me orgulhosa de ter vivido 30 anos dentro do cotidiano escolar, porque é como sempre falo: "... 30 anos não são 30 dias, é uma vida...".

Maria Ester Carrasco Leal
Secretária de Escola
Idade: 56 anos
Profa.: Alba Nice de Oliveira
E.E. Professor Aristóteles de Andrade



A ARTE DE LECIONAR

E finalmente ela se formou. Que orgulho para a família de professores! Ah! As letras! É disso que ela gosta... Linguagem.

Primeiro dia na sala de aula e qual é a disciplina? Português? Inglês? Não! Química... Química? Sim! Professora eventual. Aliás, isso já virou um verbo: “você pode ‘eventuar’ nessa sala?”. Ela tremia. Dar aula de Química? Oi? Não sabia o que era um átomo, por isso escolheu as linguagens. Entretanto, o gerente do banco, a companhia de energia elétrica e a de água não estavam interessados nisso. Precisava trabalhar. Professor eventual sofre. Física, Matemática, História, Geografia...Logo ela, que nasceu com o GPS quebrado. Não importa! O que interessa é o dinheiro na conta. Somente no quinto dia útil, sem direito a vale. E o salário? Nem sempre é o mesmo, pois depende do número de aulas que ela dá no mês. Mas a vida é feita de escolhas e essa foi a dela.

Crianças e adolescentes...Como lidar? Piaget e Vygotsky. Construtivismo. Oba! Vamos construir o conhecimento! Mas eles não querem fazer isso. Não hoje. São curiosos. Perguntas e mais perguntas: “você tem quantos anos?”, “você é professora substituta?”. Ufa! Ainda bem que ele disse “substituta”. “Você também trabalha ou só dá aula?”. Como assim? Essa é para acabar com a autoestima de qualquer professor.

O dia termina. Hora de voltar para casa. No dia seguinte tem mais, afinal, nada pode abalar a vontade de transformar o futuro daquelas crianças

Fernanda Yoshie de Oliveira Costa
Gerente de Organização Escolar
Idade: 38 anos
Profa.: Maria de Lourdes Manussakis Mello
E. E. Prof. Benedito Borges Vieira



MINHA HISTÓRIA SOBRE A ESCOLA

A verdadeira educação é aquela que nos possibilita sermos seres humanos, verdadeiramente humanos. Hoje sei que aprendi o suficiente, mas para passar de ano e não o que realmente me tornava apto a prestar uma Faculdade Federal ou até mesmo passar em um Concurso Público. É essa a realidade pela qual passei e que muitos ainda hoje também enfrentam: como fazer cursinhos preparatórios se a renda familiar não permite?

Meus pais não puderam pagar estudos melhores para mim, no entanto, nunca permitiram que meus estudos fossem interrompidos. Posso dizer de boca cheia, foram e são verdadeiros guerreiros vestidos de pais, que lutaram para que nada pudesse comprometer meus estudos e de meus irmãos, todos frequentaram escolas públicas, e para eles (meus pais), com certeza não foi fácil sustentar e encorajar todos a nunca parar. Enfrentei situações difíceis durante minha escolaridade, sempre tive que realizar esforços para poder estar na escola.

O tempo passou, e apenas no de 2000 surge a oportunidade de tornar possível um velho sonho de me formar como Tecnólogo em Seguros Gerais pela FUNENSEG (Faculdade Nacional de Seguros), e depois me formei em Bacharel em Teologia com especialização na área Eclesiástica, por isso digo a você que está lendo agora: Nunca desista de seus sonhos, independente do que aconteça na sua vida, dos obstáculos que se apresente à sua frente, das lutas e batalhas. Você pode! Você vai vencer! Acredite nisso!

Só sei de uma coisa, se cheguei aqui foi porque, além do Meu DEUS Todo Poderoso me ajudar, eu acreditei em mim mesmo! Para tanto foi preciso muitos sonhos, muitos desejos, muito esforço, muita dedicação e empenho! E isso só foi possível porque eu não desisti de atingir meus objetivos! Muitos virão, e como fiz antes e faço hoje, farei sempre! Eu acredito que a educação é o nosso passaporte para o futuro, pois, o amanhã pertence às pessoas que se preparam hoje.

Joseildo J. do Nascimento
Agente de Organização Escolar
Idade: 46 anos
Profa.: Maria de Lourdes Manussakis Mello
E.E.Prof. Benedito Borges Vieira



SEGUNDA MÃE

Trabalhei quase que minha vida inteira nessa escola, a família das crianças muitas vezes achava que eu é quem tinha que resolver os problemas delas, pois eu morava no bairro e estava na escola desde a sua inauguração.

Tinha um aluno de 7 anos que não queria entrar na escola de jeito nenhum, todos os dias era a maior choradeira. A mãe e a madrinha dele vieram e me pediram ajuda para que cuidasse dele e o fizesse entrar na escola. Falei que tentaria ajudar. No dia seguinte fiquei aguardando no portão e comecei a ouvir gritos, era ele quem estava gritando, sendo arrastado pelos dois braços por sua mãe e sua madrinha. Deixaram ele comigo no portão e foram embora. Coloquei-o dentro da escola, ele continuava gritando, fui conversar com ele para acalmá-lo. Quando me abaixei para falar com ele, levei uma cuspada, dei-lhe uma bronca enorme, me levantei, pois sou alta, o encarei de cima e disse “Vou chamar a polícia agora!”. Ele abaixou a cabeça e foi direto para a sala de aula.

Depois desse dia ele não deu mais trabalho para entrar na escola, e tudo que precisava ele vinha atrás de mim. Todos até falavam ou perguntavam se ele era meu filho. No final do ano, no último dia de aula, ele me presenteou com uma toalha de banho.

Depois de muitos anos para minha surpresa, quem vem trazer o filho para eu cuidar no primeiro dia de aula na escola foi ele. Deu-me um sorriso e disse “Agora é a vez do meu filho”.

Guilhermina Maria Souza da Silva
Inspetora de Alunos
Idade: 62 anos
Profa.: Kátia Cilene da Silva Moreira Borsois
E.E Prof. Camilo Faustino de Mello



UM QUINQUÊNIO DE AMOR

Eu, Agente de Organização Escolar, desde o ano de 2012 conto a amizade que criei com uma aluna que hoje está no 8 Ano do Ensino Fundamental. Uma linda menina meiga, porém muito nervosa e temperamental, que desde o terceiro ano confiou em mim e criamos um laço de amizade que já dura 5 anos.

Ela é uma adolescente que mora com quatro irmãos e cinco enteados de seu pai, família muito humilde, ela às vezes vinha sem tomar banho para a escola, e os amiguinhos faziam chacota com ela. Ela se escondia embaixo do balcão e os outros funcionários me chamavam na secretaria para tirá-la de lá, pois só eu conseguia com todo meu amor por ela convencê-la a sair.

O tempo passou e muitos conselhos lhe dei: sobre higiene pessoal, comportamento e principalmente sobre **PACIÊNCIA!!!**

Hoje somos grandes amigas e espero continuar sendo ainda por longos anos, amiga e exemplo para essa linda menina.

Não é o que ganhamos que faz valer a pena estar aqui, mas aquilo que conquistamos com cada história, com esse amor que vivenciamos a cada novo período letivo.

Aline Mara de Paula Vasconcelos
Agente de Organização Escolar.
Idade: 37 anos
Profa.: Kátia Cilene da Silva Moreira Borsois
E.E Prof. Camilo Faustino de Mello



DONA MAFALDA

Lembro-me bem, eu tinha onze anos de idade, e naquele tempo, meados de 1975, as crianças começavam a estudar com sete anos de idade. Não havia sido retido em nenhum ano e com onze anos já cursava a quinta-série do ginásio, por sinal, muito elogiado pelos professores. O futuro era promissor e eu estava preparado.

A minha mãe sempre me levava para a escola de forma impecável: shorts de tergal azul-marinho, camisa branca com botões, sapatos pretos e meias – brancas. Os materiais escolares eu os levava em uma pequena bolsa de couro na cor preta. As meninas iam de saia de tergal no tom azul-marinho. As saias eram todas produzidas com pregas pinçadas, as camisas eram brancas, os colarinhos eram diferenciados, tinham um pequeno laço na cor azul para combinar com a saia, para não confundir com o uniforme dos meninos; os sapatos eram pretos, e as meias cobriam até a altura do joelho. Esse uniforme pertencia à turma do ginásio; já os alunos que frequentavam o colegial, o uniforme era diferente, acho que era para não se misturarem com os menores.

Dona Mafalda era a professora coordenadora da sala de aula. Com ela não se podia brincar, um simples olhar para o lado, pronto, ela já se irritava. Ministrava aula de Educação Moral e Cívica era uma excelente professora, apesar de ser um tanto ríspida.

Ela tinha uma sobrinha que estudava na mesma sala que eu. A menina era bailarina, “o orgulho da professora”. Às quintas-feiras tínhamos que assisti-la fazendo suas apresentações de “balé”. O nome da aluna era Kelly. Se prestássemos atenção, era evidente que ela ficava meio constrangida com a situação, pois os colegas sabiam que ela só estava ali por ser sobrinha da professora. Sem contar que as quartas-feiras tínhamos também a execução do Hino Nacional, ninguém podia se mexer, todos com mão ao peito, firmes e fortes. A ordem era que só podíamos sair quando a Bandeira fosse flexionada e guardada no seu devido lugar. Ficávamos sempre estáticos, e de olho na “Dona Mafalda”.

Paulo Souza de Araújo
Professor de Língua Portuguesa
Idade: 50 anos
Profa.: Cláudia Maria Alves de Souza
EE. Prof. José Carlos Prestes



VOLTA POR CIMA

Era o ano de 1979 se não me falha a memória e eu estudava na 2ª série do antigo primário.

A professora Maria de Fátima não ia muito com a minha cara, acho que se sentia um pouco incomodada, porque quando ela passava um exercício na lousa e chamava alguém para resolver, ninguém se habilitava e eu era o único que se dispunha a resolver, muitas vezes ainda explicava para a classe.

Como não bastasse a má vontade da professora comigo, ainda tinha o quarteto fantástico, que eram quatro garotos que me detestavam, Joazinho, Alberto, Elias e Mário, todos metidos a valentões e adoravam praticar boxe depois das aulas e o saco de pancadas deles era eu.

Mas voltando à professora Maria de Fátima, ela não gostava mesmo de mim, por diversas vezes ela viu o quarteto fantástico tramando para me baterem depois da aula e mesmo assim ela não tomava nenhuma providência, era como se o assunto não interessasse nem um pouco a ela, era o cúmulo, eles chegavam a tirar a sorte no palitinho para ver quem me bateria.

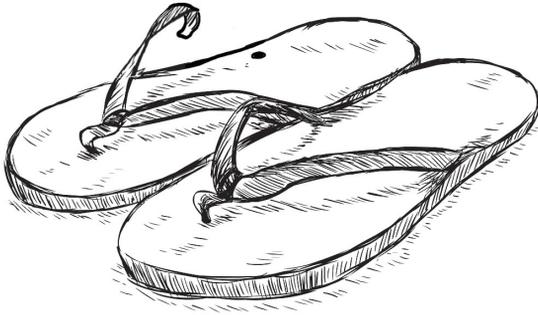
Eu estava cansado dessa história de apanhar em dose dupla, pois apanhava na escola e quando chegava em casa apanhava de minha mãe, segundo ela era para eu aprender a me defender. Um dia já quase no final do ano letivo, resolveram escolher o mais magrinho do quarteto para me bater, o Marinho, bem franzino, que não tinha muita força, além de ser bem menor que eu. Quando tocou o sinal todos saíram correndo, lá fora o circo já estava armado, tentei argumentar que não queria brigar, mas não adiantou, empurraram o garoto para cima de mim, ele veio com punhos cerrados para me dar um soco, coloquei o braço na frente e ele trombou comigo e caiu, parece que desmaiou por alguns segundos e foi o bastante para os outros saírem correndo, desde então passaram a me respeitar.

Na semana seguinte, quase no final das aulas a professora ordenou que fizessemos fila e levássemos o caderno de provas para ela corrigir e dar a última nota, marcando no caderno quem foi aprovado ou reprovado. Eu estava perdido, porque naqueles dias ela estava furiosa comigo, talvez por eu ter vencido a luta contra um dos integrantes do quarteto fantástico que eram os amiguinhos dela, certamente iria me reprovar e aprovar todos eles independente da nota.

Histórias de Escola

Quando chegou minha vez na fila, por várias vezes a vi olhando para os outros atrás de mim e dando um sorriso cínico de vingança. Quando enfim chegou a minha vez, entreguei o caderno a ela que corrigiu e me deu uma nota dez, mas abaixo escreveu parabéns e em cima de um R bem grande que já havia escrito e colocou a palavra aprovado.

José Geraldo da Silva
Agente de Organização Escolar
Idade: 48 anos
Profa.: Cláudia Maria Alves de Souza
EE. Prof. José Carlos Prestes



A MALDIÇÃO DO CHINELO

Era dia de prova, havia estudado como nunca. Saí atrasada de casa para ir à escola. Passos apressados... Sabe aqueles passos acelerados? Ando, ando e não saio do lugar. De repente, olho para meus pés, estou calçada com chinelos. Como assim? Nunca fui de chinelo à escola.

Para meu desespero, piso em falso e a correia do chinelo arrebenta. Tudo conspira contra mim...

Atrasada para aula, cansada de tanto correr e o chinelo decide me sabotar. E agora José? O que fazer? Continuo descalça ou volto para casa para finalmente colocar o sapato com o qual já deveria estar em meus pés?

Num sobressalto, acordo e vejo que tudo não passou de um sonho, ou melhor, de um pesadelo. Pesadelo este que me acompanhou durante muitas noites. Em algumas eram dias de provas, em outras, entrega de trabalho ou apresentação de seminário.

Ora o chinelo que arrebentava, ora atolava o pé na lama, mas o cansaço da correria e o desespero de que não chegaria a tempo eram constantes.

O tempo passou e hoje meus pesadelos são outros, minhas correrias são por outros motivos.

Engraçado é que, ao analisar o passado e o presente, constato que sempre há uma preocupação incessante dentro de mim, outros dirão que sou neurótica, mas prefiro me ver como uma pessoa responsável, até dormindo.

Alair Pereira Kawakami
Gerente de Organização Escolar - GOE
Idade: 42 anos
Profa.: Glenda Karen Cavalcante Santana
E.E. Profa. Laurinda Cardoso Mello Freire



TOTALMENTE SEM JEITO

Sempre fui bem desastrada, desde pequena. Talvez devido a minha baixa visão, derrubar coisas é comigo mesma. Minha habitual falta de destreza sempre me acompanhou durante toda a minha vida escolar.

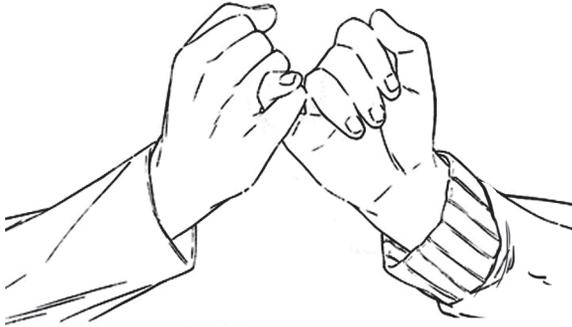
Em 1997 consegui minha tão sonhada vaga no magistério, fui estudar no antigo Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM). O uniforme sempre impecável...Até que um novo desastre se anunciava: sempre derrubava alguma coisa na roupa, sério! De suco à molho.

Era o alvo certo das piadas das colegas, que costumavam dizer "Você tem duas mãos esquerdas!" Diante de tamanho incentivo, resolvi me policiar e acabar com a carreira na área das manchas do uniforme, evitando ter que sempre trocar de roupas para ir ao estágio e as eternas gozações.

Naquela fatídica manhã, tomávamos café eu e as minhas colegas, na classe. Então, sentei peguei minha caneca com café com leite quente e bem doce, meu pão e com muito sacrifício não permiti que caísse uma só migalha. Coloquei a caneca sobre a mesa em uma atitude de total superação. Minhas colegas mal podiam acreditar no que viam: meu uniforme intacto. Minha emoção foi tanta! Era a primeira vez que eu não tinha derrubado nada. Estupidamente, eu gritei: "Viram só?! Não derrubei nada" e espontaneamente o desastre me achou. Bati a mão na mesa enquanto declarava a minha glória e o café com leite quente e cheio de açúcar miseravelmente acertou o meu uniforme. Me sujei inteira, tive que pegar emprestada uma camisa com a Inspetora (duas vezes maior do que eu!) e passar o resto do dia rodeada por abelhas atraídas pelo açúcar do café doce que se tornou amargo, convencida de que realmente eu tenho duas mãos esquerdas bem estabanasadas.

Aceitar isso não foi fácil, mas hoje elas são a marca registrada de uma total falta de jeito que torna o dia de muitos mais feliz.

Telma Campos de Jesus
Agente de Organização Escolar
Idade: 36 anos
Profa.: Glenda Karen Cavalcante Santana
E.E. Profa. Laurinda Cardoso Mello Freire



VALE A PENA ACREDITAR

Em uma escola da rede estadual estudava Mariana. Ela se esforçava para aprender as matérias e ter boas notas, sempre fazia seus deveres de casa e ainda ajudava sua mãe nas tarefas do lar.

Certo dia, Mariana ficou doente e teve que faltar por muitos dias na escola. Diante desta situação, ela não conseguiu acompanhar os estudos que já haviam avançado muito e começou a ter muitas dificuldades para aprender principalmente nas aulas de Matemática. Alguns professores não tinham paciência para entender que ela estava em atraso por conta de suas faltas e ajudá-la. Mariana ficou muito triste e naquele ano não conseguiu passar para a série seguinte.

Quando voltaram as aulas, no novo ano, novos professores vieram e Mariana conheceu uma professora muito especial. Ela percebeu a dificuldade da aluna e começou a ajudá-la. Mariana gostou muito dessa atenção e do método de ensino da nova professora e bem rápido conseguiu se desenvolver, seu desempenho melhorou e suas notas subiram. Ela ficou muito animada porque essa professora acreditou em sua capacidade e lhe deu o incentivo necessário para que ela tivesse confiança em si mesma e entendesse que no decorrer da vida podemos nos deparar com muitas dificuldades, mas com determinação e força de vontade e também com a ajuda de outras pessoas podemos superá-las.

Hoje, Mariana já concluiu seus estudos há alguns anos, levou esse ensinamento para sua vida e se sente muito feliz e agradecida por ter tido uma professora que não desistiu dela.

Adriana Gomes do Nascimento
Merendeira
Idade: 33 anos
Profa.: Renata Cassorielo
E.E. Dr. Arlindo Aquino de Oliveira



MINHA INFÂNCIA NA ESCOLA

Quando eu tinha 9 anos estudava em uma escola municipal perto de casa. Eu ia a pé com as outras crianças da mesma idade. Íamos contando casos, rindo e as vezes brigando por causa de bolinhas de gude, bicicleta, queimada e embaixadinha, eram as brincadeiras da época, que saudades (risos).

Tínhamos uma professora que se chamava Dina, para nós Dona Dina. Ela puxava nossas orelhas, gritava e batia a régua de quase um metro na mesa. Ela quase sempre batia a régua em minha carteira, pois eu me sentava na frente dela. Porém apesar de ser rígida, com minha professora aprendi muito e principalmente respeito.

Ela ia na carteira de um por um para corrigir a lição. Dava nota no caderno e no final de cada mês distribuía bala para sala toda. Ela era brava, mas ao mesmo tempo atenciosa e se preocupava com cada um de nós.

Lembro-me de que havia um posto de saúde perto da minha escola, quando um aluno passava mal, ela pedia para alguém acompanhar a criança ao posto e ligava para os pais irem buscar, no outro dia visitava a criança.

Lembro-me bem o porquê dos puxões de orelha que ela me dava, eu era uma pestinha!

Todas às quartas-feiras fazíamos orações e cantávamos o Hino Nacional. Quando era minha vez de hastear a Bandeira, eu ficava atrás dela fazendo careta para a turminha que estava na fila, fazia gestos feios e as crianças caíam na gargalhada. Já viu o reboição!

Na aula de Educação Física não podia treinar, pois tenho bronquite, mas ia no bebedouro molhar os cabelos, já que fazia muito calor na minha cidade. E vinha Dona Dina:

-Corre cinco voltas na quadra! - Ela era demais!

Além das quatro disciplinas que ela lecionava, ainda encontrava tempo para dar aula de Educação Física às crianças carentes para não ficarem na rua à mercê. Ah, meu Deus, que saudade daquele tempo! Já existia Melissa e eu era louca para ter uma com o nome de Paola. E não é que eu ganhei da Dona Dina.

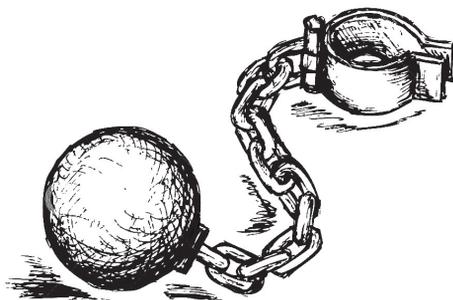
Quando ela foi fechar as notas naquele final de ano, eu e mais algumas garotas tiramos dez em todas as disciplinas, inclusive em Educação Física que eu não queria fazer naquele sol quente, mas naquele ano cheguei a dar duzentas

Histórias de Escola

voltas na quadra! O que para Dona Dina era castigo, para mim era diversão correr na quadra com uma dúzia de moleques.

Depois de Dona Dina vários educadores vieram, alguns adoravam colocar apelidos, inclusive de mau gosto. Nem sempre tenho boas lembranças, pois ao contrário de Dona Dina, não sabiam o que é respeito.

Monica Aparecida da Silva
Merendeira
Idade: 48 anos
Profa.: Renata Cassorielo
E.E. Dr. Arlindo Aquino de Oliveira



HISTÓRIA DE ESCOLA

Nas escolas que me fiz professor, o aluno bagunçava, mas questionava e respeitava o espaço do seu mestre como condutor de sua aprendizagem. Entre debates e questionamentos demonstrava seu interesse como interlocutor ativo da trama, no interior da sala de aula. Discente como protagonista de conteúdos ressaltado pelo seu professor, como um condutor que guia seus pilotos ao acerto, sendo ensinado a aguentar.

A cada aula que ministrei escapando da rotina de ser um mero transmissor, procurei meu aluno para despertar nele o protagonismo, a autoavaliação e realmente o interesse pelo conteúdo em pauta estudado. Estaria presente e não ausente de corpo e alma na aula ministrada.

Escolas são feitas por pessoas que querem se lançar ao voo do descobrir no aprender e de se libertar dos grillhões que o prende ao chão infértil do desaprender. Ver no aluno alguém em estágio de desenvolvimento que procura para desta forma conquistar o espaço desejado.

Severino José da Silva
Professor de História
Idade: 50 anos
Profa.: Rosemer Gomes da Fonseca Antônio
E.E. Isabel Ferreira da Silva Profa. Belinha



PRIMEIRO ANO

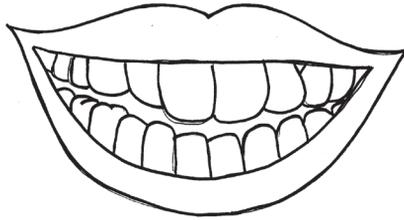
Estava acostumada com o cheiro do sabonete, da sopinha da merenda, daqueles amiguinhos que já conhecia, da professora que chamava de tia, e, que não me respondia rispidamente que não era irmã dos meus pais, me dava bom dia, enxugava minhas lágrimas quando caía, me dava uma bronca bem brava quando merecia, mas, no final do dia me dava um abraço e se despedia.

O tempo naquela escolinha se findou, fui para uma escola grande, as mulheres se vestiam de pinguins, falavam com um sotaque que não entendia. Me sentia perdida, padres, freiras, idas à capela, éramos castigados frequentemente, meus pais não acreditavam em mim, na hora de ir para escola, sempre inventava uma dor, às vezes até urinava na calça para não ter que ir. Levávamos xingos, gritos, folhas do caderninho arrancadas, entre nós, um amigo era o que mais sofria, por infelicidade a professora era sua tia, mas, ele a amava, menino tão nobre e inteligente, eu o admirava, pedi aos meus pais que dessem seu nome a meu irmão.

Parecendo uma eternidade, os dois primeiros meses se foram. Me adaptei, comecei achar as freiras “fofinhas”, já entendia aquele “latim aportuguesado”, as palavras não eram mais hieróglifos, passaram a fazer sentido, até a verruga da “bruxa” da professora havia sumido, será mesmo que ela tinha? Ela mudou, aprendíamos todos os dias.

Li meu primeiro livro, escrevi minha primeira história, naquele ano descobri que não ficaria longe da escola nunca mais! E o que descobri? Escolas, nossas escolas, “Dias de Lutas, Dias de Glórias”, dias felizes, dias de história!

Ana Paula Chrispiniano Leite Duarte
Professora de História
Idade: 38 anos
Profa.: Andréia Rocha dos Santos Ruivo
EE Desemb. Heráclides Batalha de Camargo



BRILHANTE EXPERIÊNCIA

Na minha profissão: a experiência conta muito, pois trabalho com jovens e adolescentes e tenho que, cada dia mais, estar buscando novos conhecimentos. Ah! desculpa, não te falei qual a minha profissão; sou professora “com muito orgulho”. Sou daquelas que acredito nos meus alunos e tenho plena consciência do meu papel em suas vidas.

Hum...achou estranho como me refiro aos alunos usando um pronome de posse? Chamo-os de “meus” não por posse, mas porque sei que eles precisam ser acolhidos e respeitados.

Mas vamos lá: voltando a importância das experiências - recorde-me do dia em que resolvi enfrentar novos desafios e, então, decidi ocupar o cargo de coordenador pedagógico. Fiz todos os procedimentos necessários -montei o projeto, pesquisei as escolas com cargos disponíveis e me aventurei nessa busca.

No dia de entregar os projetos, decidi entregá-lo em uma escola que eu não conhecia; não conhecia a escola, nem o bairro. Ao chegar no local escolhido, tive que pedir ajuda a um “sinhorzinho” que estava passando na rua e que me informou que eu estava no bairro das Varinhas e que a escola ficava a duas quadras dali.

Chegando ao local percebi que não era a escola que havia colocado em meu roteiro, mas mesmo assim resolvi deixar o meu projeto. E ao me dirigir a secretaria, fui surpreendida por um simpático Vice-diretor que não só me recebeu com um lindo sorriso no rosto, como também, resolveu me apresentar a escola. Coitado! A todo momento me pedia desculpas, pois estava com problemas de coluna. A cada espaço escolar que conhecíamos ele se entortava cada vez mais.

Acabei sendo escolhida e tornei-me Coordenadora da escola do Vice-diretor tortinho e da diretora sorridente. Epa! Não havia citado a diretora ainda, mas ela foi a peça principal em tudo isso, pois no dia da minha entrevista foi seu sorriso que me fez ter segurança e confiança de que eu podia viver essa nova experiência.

Histórias de Escola

Comecei a ocupar o meu cargo e muitas foram as surpresas, pois o grupo com o qual iria trabalhar era muito competente e dedicado. Foram os melhores anos da minha profissão, aprendi muito e, hoje, sou professora titular dessa escola. É a vida nos leva para caminhos tortuosos e por falar em torto o Vice-diretor entente muito bem disso!

Regiane Domingues
Professora Língua Portuguesa/Geografia
Idade: 42 anos
Profa.: Andréia Rocha dos Santos Ruivo
EE Desemb. Heráclides Batalha de Camargo



MISTÉRIO OU SÓ IMAGINAÇÃO?

Era um dia como outro qualquer, aparentemente, porque alguns eventos estranhos aconteceram naquele dia. Uns podem não acreditar, outros acharão que foi tudo uma invenção ou imaginação na mente de uma professora.

Eventos estranhos aconteciam em suas aulas, principalmente na sala 7, aquela sala que já fora ocupada pela disciplina de Arte, reformada para virar o laboratório de Ciências e que se transformara em sala de aula.

Dizia que, quando a professora chegava, o ventilador, do nada, como num passe de mágica, voltava a funcionar, as lâmpadas apagadas acendiam num pisar na sala da mágica professora.

Mas, o mais aterrorizante, foi no dia em que a professora perguntou aos alunos:

- Chiquinho, quem é esse colega que está sentado ao seu lado?

Chiquinho espantado responde meio trêmulo:

- Quem professora? Não tem ninguém aqui.

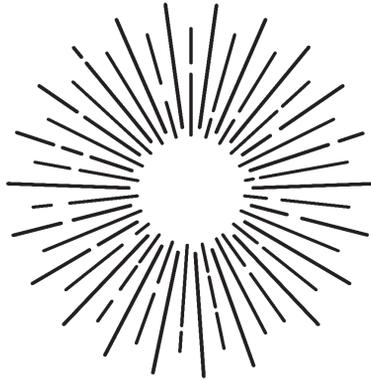
A professora disfarçou, mudou de assunto não querendo fortalecer a fama que já tinha.

Mas, lá no fundo de seus pensamentos, ainda se encontra intrigada. Tinha um menino ali sim! Ah tinha!

Não é novidade que a vida de professor não é fácil. Muitas vezes, saímos tão esgotados que nosso único desejo é voltar para casa rapidamente, para o nosso tão merecido descanso.

E o que não faltam na escola são conversas nas quais confessamos nossas gafes cometidas e que são atribuídas ao nosso cansaço.

Miriam Yumi Matsui Azuma
Professora de Ciências
Idade: 47 anos
Profa.: Leila Corrêa do Prado Franco
EE Gabriel Pereira



OPA! QUEM É VOCÊ?

Era um dia de verão escaldante, daqueles dias em que se têm oito aulas, mais horário de atividade pedagógica coletiva. A professora estava tão cansada que seu único desejo era voltar para casa, afinal ela cumprira a sua jornada de trabalho, com aula expositiva, correção de exercícios, participação em discussões e debates, repreendeu aqueles alunos que não queriam fazer a lição e outros que estavam com comportamento inadequado.

Pois, após todas estas tarefas, nossa professora, sai da escola, onde seu marido a aguardava no carro para levá-la ao descanso de seus sonhos.

A professora entra em seu carro e diz alegremente ao marido:

- Ufa! Até que enfim para casa!

- Vamos?

Mas para espanto da professora, a voz que ouve lhe fazendo uma pergunta, não lhe era conhecida.

Como assim? Um desconhecido no meu carro?

E com os olhos arregalados fixos no motorista ouve estarecida.

- Vamos?

- Vamos para onde? Quem é você? Cadê minha filha?

A professora fica vermelha, ou melhor, roxa de tanta vergonha, pois confundira o carro com de outra pessoa, ou melhor, com o de um pai que como ela, devia estar muito cansado para descer e esperar a filha no portão da escola. Os risos contagiaram a todos ali por perto e aliviaram o peso daquele dia. A professora saiu rapidamente, com o rosto ainda muito vermelho, tal qual o carro que havia confundido e com atitude rápida entrou aliviada agora no seu lindo carrinho vermelho, onde seu marido aguardava sorridente.



CORINTHIANS X SÃO PAULO

Eu sou professor de Matemática. Iniciei minha vida no magistério em 1989, na Escola Estadual Benedito de Souza Lima em Taiapuê, um lugar muito gostoso, como se fosse uma cidade. Neste tempo ainda chegava ao distrito pela estrada velha onde hoje está tomada pelas águas da Represa Taiapuê. Lecionei até dezembro de 1989. No ano seguinte em 1990 foi onde ocorreu uma história engraçada, a qual vou lhe contar.

Na Escola Galdino Pinheiro Franco, no distrito de Brás Cubas, onde adorei e fiquei por longos dez anos. Eu sempre fui Corinthiano e no início das aulas, na apresentação brincava que o aluno que fosse do mesmo time do professor teria vantagens e que os demais seriam tratados com mais rigor, tudo para se chegar ao aluno e deixar um clima mais amistoso, visto que, na disciplina de Matemática encontramos muitos medos e “temores”, e neste clima conseguia atingir meus objetivos.

Foi em uma sexta-feira em 1997 que um aluno São Paulino Douglas Ricardo de Souza da 2ª série B, na época com dezessete anos, propôs um desafio para uma aposta; no domingo ocorreria o clássico Corinthians contra o São Paulo, o torcedor do time que perdesse deveria vestir a camisa do time vencedor. Eu convicto de que meu time venceria, topei prontamente. Infelizmente, meu time perdeu por 2x1, fiquei muito triste e pensei, segunda-feira à noite será bastante desastrosa na escola.

Na segunda-feira, fui para escola já prevendo o pior, como não tinha aula na 2ª série B, naquela noite, estava um “pouco” tranquilo. A escola Galdino, para quem não conhece, começa no nível da rua e vai descendo, sendo que neste nível localiza-se a sala dos professores, secretaria, e algumas salas e no piso inferior ficava as segundas séries e as demais salas.

A aula transcorria normal como sempre, até que tocou o sinal do intervalo, quando sai da sala, minha surpresa, o aluno Douglas com muitos dos seus amigos São Paulinos na porta com a camisa do São Paulo para eu vestir, no início, disse que não podia, estava com o avental, mas não teve jeito, tive de colocar a camisa do Tricolor e sair pela escola até chegar a sala dos professores, não foi fácil, pois todos sabiam que era Corinthiano e tiravam mais “sarro”; “Oh professor virou casaca”, e davam risadas, dentro da sala dos professores mais risadas.

Histórias de Escola

Foi um episódio muito marcante e alegre, apesar da vergonha, foi muito divertido! Além de lecionar a noite, também trabalhava durante o dia na Indústria de Papel Simão, foi quando passado três anos, a história voltou à tona; quando estou no refeitório da empresa vejo em uma mesa almoçando, nada mais, nada menos que meu ex-aluno Douglas, fiquei muitíssimo feliz com o encontro, porém todos da fábrica ficaram sabendo da história e “tome” mais gozações, o Herlei Corintiano “roxo” já vestiu a camisa do São Paulo e todos riram.

Herlei Soares de Oliveira
Vice-diretor de Escola
Idade: 52 anos
Profª.: Gislene Maria dos Santos
E.E. Profº. Claudio Abraão



MENTE OBSERVADORA

Ao longo dos meus anos de trabalho como professora, dando aula em um bairro longe de casa, tive um aluno muito carente e que para aquela série e ano, ele já era considerado bem alto, mas muito infantil para sua idade, ele estava no 6º ano do Ensino Fundamental quando aconteceu algo que me tocou.

Ministrava aulas de Inglês uma vez por semana para aquela turma, minhas aulas eram as duas últimas, e quando tocava o sinal eu os levava até o portão, e lá estava sua mãe a esperá-lo, pois moravam distantes dali. Ela bem branquinha usava um batom “efeito mate” marrom, que lhe caía muito bem. E eu a elogiava vez por outra.

Naquele ano, mais precisamente no mês de outubro, já na semana em que se comemorava o Dia dos Professores, recebi alguns “mimos” de alguns alunos; flores, chocolate em barra, bombons, lembrancinhas singelas, mas escolhidas a dedos pelos seus pais. Ele por sua vez ficava no seu mundinho só observando o movimento, e contido em seus pensamentos, quando de repente ele dirigiu-se até a mim, e com muito desejo de presentear-me com algo que estivesse ao seu alcance, abriu a sua mochila e retirou do seu estojo uma caneta vermelha e disparou: professora minha querida, a única coisa que tenho para te dar é esta caneta vermelha. Eu mais que depressa feliz! Agradei e respondi que aquela caneta foi a melhor coisa que poderia ter recebido naquele momento.

Passado o final de semana voltamos a nos ver na terça-feira, pois era novamente o dia de lecionar para aquela turma. Chegando à escola ele me avistou de longe e gritou: “TEACHER” olha o que trouxe para você ficar ainda mais bonita! Para minha surpresa, era um batom da cor marrom com “efeito mate” na embalagem, o mesmo que sua mãe usava quando eu a elogiava.

Com isso aprendi que a vida nos ensina a todo o momento, e principalmente quando lidamos com as crianças, as mentes mais puras e inteligentes que nos cercam e isso me emociona por demais, até os dias de hoje. Portando, nunca subestime a sabedoria de uma criança, pois elas estão a nos observar constantemente, acredite!

Gislene Maria dos Santos
Professora da Sala de Leitura
Idade: 47 anos
Profa.: Gislene Maria dos Santos
E.E Prof.: Cláudio Abrahão



O MANHÊ...

Hoje lembrei-me do Thiago. Ele foi nosso aluno na EE Profº Rodolfo Mellmann, lá por volta de 2009. Tinha 9 anos e vivia com a avó materna. A família nunca comparecia nas reuniões e o que sabíamos sobre ele é que a mãe faleceu e ele ainda pequeno foi morar com a avó, até porque ele recebia uma pensão da mãe.

Ele vivia sempre muito doente, e eu sempre perguntava para a professora: “como ele está em classe, muitas faltas? Sabe se alguém o levou ao médico?” Como resposta obtinha sempre a negação. Os responsáveis nunca compareciam às reuniões e nem justificavam as ausências.

Thiago, apesar da idade, era um menino muito sofrido e carente; tinha um sorriso largo e era inteligente. Logo após o retorno das férias de julho Thiago estava muito gripado, e nesse dia eu mesma resolvi fazer contato com a avó que, ao atender ao telefone e ouvir, reclamou dizendo que não era necessário ir até a escola, era manha dele.

Coitado, era possível notar o quanto Thiago estava debilitado.

Resolvi então levá-lo para casa e ter uma conversa muito séria com sua avó, que tinha a guarda legal e recebia a pensão dele, também se limitava a dizer que a mãe havia morrido de tuberculose.

Pensei... “nossa tuberculose hoje em dia causa morte? Isso não me convenceu”.

Depois disso, Thiago ficou mais de vinte dias ausente, e retornando à escola trouxe um envelope com xerox de receitas, exames e uma carta da Assistente Social. Comecei a ler e observei que minhas suspeitas se confirmaram... ele era soro positivo.

Que dor na alma! Nunca vou esquecer o que ele me disse um dia: “Posso te chamar de mãe, Dona Benê?” Eu disse sim.

Era um dia de setembro... Chovia, ele sentado no pátio chorava de dor

Histórias de Escola

de cabeça, olhos vermelhos... Fazia três dias que havia tomado o coquetel de medicamentos...

– Ó, manhê!... E lá fui eu... “Ó filho, chora não! Assim você fica com mais dor de cabeça”:

Ele disse: “É, então você fica comigo?” – Fico!

Thiago não chegou a completar um ano de tratamento.

Benedita Ap. de Oliveira Sousa

Diretora

Idade: 54 anos

Profa. Responsável: Marcia Borowiec

E.E. Profa. Irene Caporali de Souza

Histórias de Escola

“Ok turma! Mas agora chega! Já sei quem fez a lição de casa sobre onomatopeia. Dez para todos”: Uhull, uhull, uhull, uhull... wwwwwwwwwwwwwwwwwwwh
hhhooooooooooooooooo 8h20. “Será que
aguento a próxima sala?”

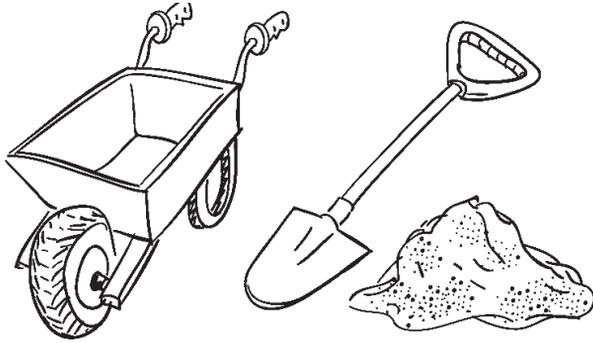
Wilson de Miranda Silva

Idade: 59 anos

Professor de Língua Portuguesa

Profa. Responsável: Marcia Borowiec

E.E. Profa. Irene Caporali de Souza



HISTÓRIAS DE ESCOLA

Meu nome é Gislene de Lima Martins, sou Agente de Organização, me efetivei no cargo público junto à Secretaria de Estado da Educação no ano de 1992 e depois de alguns anos, mais precisamente em 2004, pedi remoção para a Escola Alzira Fernandes Scungisqui, onde permaneço até hoje.

Ao longo desses anos, muitos fatos, muitas histórias, muitas mudanças, muitos colegas de trabalho, alguns que viraram amigo e outros que nem sentirei saudade. Enfim, achamos que o tempo demora a passar, mas quando reporto meus pensamentos lá para o início de tudo, percebo que o tempo passou mais rápido do que pude perceber. Percebo também que o tempo deixou muitas marcas, muitas experiências e muito crescimento. Mas o que mais aprendi trabalhando no ambiente escolar é sobre o quanto temos condição de lidar com os desafios diários.

Dentre esses desafios, um que me marcou bastante foi a reforma do prédio escolar da Escola Alzira Fernandes Scungisqui que iniciou no final de 2008 com o objetivo de ampliar o número de salas de aula, devido a demanda daquele momento e também para a readequação do espaço administrativo. Essa reforma se estendeu até 2010, porém com sua fase mais crítica durante o decorrer do ano de 2009.

Esta obra foi muito esperada pela equipe escolar devido à extrema necessidade de espaços mais adequados, porém foi extremamente difícil passar esses quase dois anos com aulas regulares ao meio de escombros, demolições, construção de um novo pavimento, diversos profissionais das empreiteiras dividindo o espaço conosco, alergias que vieram com o excesso de poeira, o cuidado redobrado com a segurança dos alunos, enfim, momentos muito difíceis que as vezes nos faziam pensar em nunca mais voltar pra escola.

Histórias de Escola

Enfim tudo foi se acomodando e a cada dia víamos o progresso da obra, e isso ia nos confortando e nos fazendo acreditar que valeu a pena. Até que finalmente a obra foi concluída em meados de 2010, nossa escola ficou mais bonita e aconchegante, inclusive com acessibilidade para pessoas com dificuldade de locomoção.

Esta é uma de muitas histórias que vivenciei ao longo dos meus 25 anos de trabalho.

Gislene de Lima Martins
Agente de Organização Escolar
Idade: 48 anos
Profa.: Sheila Sabatini Matsuyama
E. E. Alzira Fernandes Scungisqui



A PARCERIA QUE DEU CERTO

Posso garantir que os desafios com os quais se convive diariamente em uma escola é comum a todos que compartilham tal ambiente inúmeras mazelas que a sociedade nos impõe. O grande diferencial muitas vezes é o fato de sentir-se pertencente e se reconhecer naquilo que faz e sobretudo perceber esse reflexo nos. Como acreditava o mestre Paulo Freire, só podemos colaborar com algo quando nos sentimos parte, e quanto a este quesito tenho certeza de que todo educador faz questão de possuir.

Adentrar um espaço escolar com grau zero de experiência faz com que qualquer ser humano “treme nas bases”. Os primeiros momentos podem ser de quase surtos ao se deparar com brigas e intervenções que devem ser feitas, sem, no entanto, ter contato físico para não configurar agressão. A falta de técnica, e principalmente de cordialidade por parte de alguns dificultam imensuravelmente esse processo inicial.

Com o passar do tempo observa-se que muito além de separar brigas é possível preveni-las e nesse ponto exato entra a possibilidade de fazer a diferença. É notório que a ociosidade comumente induz à comportamentos inadequados, sendo assim a melhor opção é você desenvolver estratégias que possam contribuir significativamente na melhora da convivência. A afinidade com companheiros de trabalho também é fundamental no sucesso de qualquer proposta. Neste espaço em específico a junção dos agentes Elielma e Joel foi requisito indispensável para o sucesso das ações propostas. Quando adentra no espaço essa figura masculina com ideias que vão ao encontro das ansiedades e expectativas de quem já fazia parte do ambiente, juntou “a fome com a vontade de comer” e o sucesso foi garantido.

Após unir forças iniciou-se uma série de atividades com objetivo de ressignificar a socialização e a prática do respeito coletivo. O tempo passa, as pessoas se removem por “ene” motivos particulares, porém o que

Histórias de Escola

é plantado, quando regado floresce. Atualmente compartilhar um espaço no qual impera o respeito e interação é recompensa que não tem preço, mas tem um valor imensurável para todos aqueles que dele compartilham. Agradeço a Deus por cada momento de aprendizagem e intervenção na vida de nossos alunos.

Elielma Maria Coelho Carvalho Lopes
Agente de Organização Escolar
Idade: 30 anos
Profa.: Monica Salti
EE Profa. Maria Isabel dos Santos Mello



O PODER DA ORAÇÃO

Aquela escola era mesmo diferente de todas as que eu já havia trabalhado lá tudo acontecia...

Foi por volta das quatorze e trinta, em uma sexta-feira, dia esse que eu jamais pude esquecer. Uma professora apavorada trazia pelas mãos uma garotinha assustada que chorava muito, um corre-corre que até cheguei a pensar que algo muito grave estava acontecendo.

Passsei a observar a cena com muita atenção, aguardando o momento de intervir caso fosse solicitada por um dos envolvidos. Era um vai para lá outro vem para cá, copinhos com água e a menina continuava apavorada.

Os professores que rodeavam a pobre menina mostravam-se mais assustados que a própria criança. Junto da menina estava uma professora visivelmente assustada. Todos tentavam acalmar a menina, mas nada dela parar de chorar, então resolvi intervir. Ao chegar perto do grupo à professora correu ao meu encontro e foi logo dizendo: Por favor, me ajude, naquela sala eu não volto mais! Pedi que ela se dirigisse até a minha sala acompanhada apenas da garotinha, sua aluna.

Ao chegar à sala, a professora começou a relatar que em um determinado momento da aula a menina fixou os olhos no canto da lousa, próximo ao cesto de lixo e aos prantos começou a dizer: Vai embora me deixe em paz, não quero ir com você! Todos na sala de aula ficaram assustados. Perguntei o que estava acontecendo, mas só repetia a mesma frase. Naquele momento chamei alguém e pedi que levassem a professora para tomar uma água e se acalmar.

Assim que a professora se retirou, a garotinha foi relatando o motivo de tanto choro; segundo ela uma mulher ensanguentada estava lá no canto da lousa, perto da lata de lixo, olhando-a e dizendo que iria levá-la, por ser culpada pelo seu acidente e que agora ela estava ali do meu lado, na frente dela. Fiz várias tentativas de acalmar a menina, mas todas vão.

Então fui atrás da cadeira em que a garotinha estava sentada, coloquei as mãos sobre seu ombro e comecei a conversar com a “mulher” como se de fato ela estivesse ali e em voz alta fui pedindo a ela que fosse embora, pois estava assustando uma criança inocente e caso ela desejasse alguma coisa poderia pedir para mim que eu providenciaria e fui fazendo uma oração pedindo a Deus

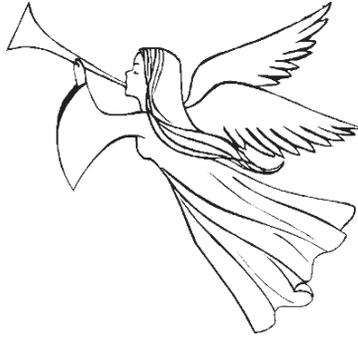
Histórias de Escola

que acalmasse aquela criança e tirasse dela qualquer sensação de estar sendo observada.

Por mais incrível que pareça a garotinha foi se acalmando e parou de chorar em poucos minutos, voltando para sala de aula e com seu próprio relato acalmou a professora e os demais colegas de sala. Durante os dias seguintes visitei a sala e conversei com a garotinha e com a professora que me confidenciou que o episódio nunca mais se repetiu.

Muitos disseram ser frescura de uma criança, outros acreditaram no relato e consequentemente no poder da oração. E pelo sim ou pelo não é melhor prevenir do que remediar, se era frescura ou não nunca vou saber com certeza, mas que ter fé e acreditar naquilo que faz pode resolver muitos problemas, isso lá pode!

Silvana Aparecida de Souza
Professora de Língua Portuguesa
Idade: 50 anos
Prof.: Monica Salti
EE Profa. Maria Isabel dos Santos Mello



UM ANJO CHAMADO GISELA

História de escola... São tantas em tantos anos de carreira... Mas, uma das mais belas que conheço não aconteceu enquanto eu ministrava aulas. Aconteceu quando eu ainda nem conhecia o mistério das letras.

Era no ano de 1980. Eu completava sete anos e nunca havia frequentado a escola, nem a Educação Infantil, na época, pré-escola. Naquele tempo, os alunos frequentavam as salas de acordo com seu desempenho, designado pelas letras. A letra "A" era a de alunos excelente; a "D", "E"... Nem preciso falar... Pois bem, obviamente fui para turma "D", a sala dita dos repetentes. Mal sabia pegar no lápis, por isso, a professora esqueceu-se de mim, quando lembrava passava exercícios, que hoje sei, para desenvolver a coordenação motora: cobrinhas, chavinhas, chinesinhas... E nada de aprender a ler e escrever.

Em determinada tarde, recebemos a notícia de que a professora iria deixar a sala e, em seu lugar viria uma efetiva, segundo ela, muito brava.

E eis que no dia seguinte... Justamente no dia seguinte, cheguei atrasada e os alunos já haviam entrado.

Lá estava ela! A professora nova. Uma loura descendente de alemães, com mais ou menos um metro e oitenta de altura, corpo esguio, olhos azuis, muito frios. Senti um arrepio percorrer a coluna.

Ao me ver parada junto à porta, logo percebeu que eu pertencia à sala e pediu que eu entrasse, retirasse meu caderno e copiasse a lição da lousa. Foi aí que aconteceu. Pela primeira vez, sem saber o que estava escrito, copiei toda a lição.

Logo Dona Gisela percebeu minha situação e pôs-se a me alfabetizar. Como um anjo, todos os dias, através da cartilha, ensinava com paciência e esmero as letras, as famílias silábicas, as palavras.

Histórias de Escola

Em pouco tempo eu estava plenamente alfabetizada e aí passei a auxiliar meus colegas, ensinando-os. Ao auxiliar quem tinha dificuldades, sem saber, iniciava o que, no futuro, se tornaria minha profissão. E pensar que aquela mulher que, em princípio, transmitiu medo, foi a pessoa que me olhou como ser humano e apostou em mim. Jamais a esqueci e, graças a essa inspiração, escolhi a profissão mais bela, capaz de formar verdadeiros seres humanos. Graças ao anjo Gisela!

Eliana Regina Barbosa Mizugushi
Professor de Língua Portuguesa
Idade: 45 anos
Profa.: Eliana Regina Barbosa Mizugushi
E.E. Prof. Ilson Gomes



NOSTALGIA

Eis que me vi novamente a caminho da escola. Há décadas essa escola entrou na minha vida, os eternos amigos, as primeiras paixões, o primeiro time, o caráter. Depois de muito tempo descobrindo o mundo, retornei para continuar o que meus mestres continuaram também. Ao retornar, no primeiro dia fui olhar a minha antiga sala, onde tantas chamadas respondi, tantas provas, mas... onde estavam aquelas carteiras antigas? Aquele chão encerado? Aquele silêncio gelado e obrigatório? Engraçado, a sala parece ter diminuído de tamanho...

De olhos fechados, voltei ao passado e revivi tantos momentos que entristeci, o tempo de colégio tinha que ser eterno, mas tudo tem que evoluir, o tempo não para. Hoje as carteiras, o chão e o silêncio não existem mais, ficou tudo na memória.

Quase chegando à escola agora, tanta lembrança que não percebi o caminho, ainda está cedo, depois de muito tempo, uma noite bem dormida, ânimos redobrados, nem clareou nesse inverno, as crianças devem estar tomando café para vir à escola tal como eu fazia. Lembro agora do uniforme, da expectativa diária, da cabeça livre de problemas onde a obrigação era apenas estudar. Hoje em dia, por esses percalços da vida se faz necessário um calmante para aliviar a tensão que é hoje lecionar, será que sou o único a tomar?

Eram 6h40min ainda e a escola vazia, fui à biblioteca ler um pouco e notei a ausência da pessoa que toma conta nesse horário. Sentei-me à mesa e lendo veio o caseiro me chamar porque estava fechando a escola. Fechando a escola? O que teria acontecido? Indaguei.

- Já são quase sete horas, professor.

- Estou aguardando o sinal.

- Como assim? Já está anoitecendo, professor.

- Ah, querendo me enganar, hein? Deve ser uma brincadeira daquele professor, pode ir e falar que eu descobri tudo.

- Mas professor...

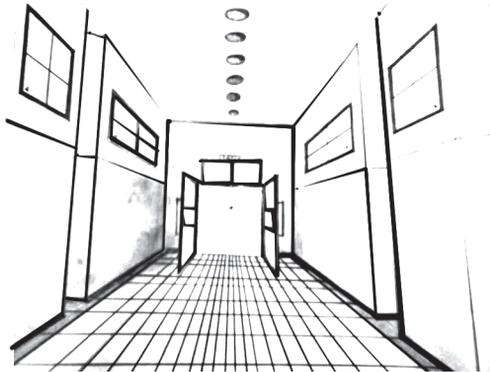
Sete horas e o sinal não bateu, nem chegaram os alunos, os professores, cantina fechada...

Histórias de Escola

Comecei a relembrar o que fiz “ontem”. Meu Deus! Tomei aquele bendito calmante depois do almoço, dormi a tarde inteira, acordei escurecendo e pensei que era outro dia, eram sete horas, mas da noite, vim trabalhar duas vezes no mesmo dia.

Se aquele caseiro abrir a boca...

Jorge Luiz Manussakis
Professor de Matemática
Idade: 59 anos
Profa.: Loredana Braga
E. E. Dr. Washington Luís



PELOS CORREDORES DA ESCOLA

Mais um dia de vidas que se cruzam nos imensos corredores da escola, que não servem apenas para a circulação dos alunos, mas também são cenários de muitas histórias.

Já vi de tudo, amores começando, meninas chorando, amizades terminando, garotos brigando e por aí vai, mas naquele dia, algo me chamou a atenção que guardarei na memória.

Três alunas do terceiro ano do Ensino Médio vieram ao meu encontro dizendo que, por ser o último ano na escola, queriam deixar sua marca, para que, de alguma forma fossem lembradas. Pensei comigo, “que ideia boa!” Fiquei até surpresa imaginando que coisas maravilhosas aquelas meninas pretendiam fazer. Imagens de alunas exemplares desenvolvendo um projeto vieram à minha mente. Fiquei ali pensando até que... uma certa palavra me fez despertar daquele agradável devaneio: “bomba”.

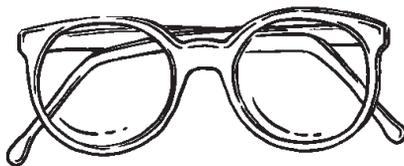
Despenquei da minha ilusão e as imagens iam aos poucos, sumindo e dando lugar a uma grande confusão. Uma mistura de sentimento tomou conta de mim e então voltei a prestar atenção naquela conversa. “Vamos soltar uma bomba no pátio, tia... nunca fomos conversar com o diretor... queremos saber como é”.

Naquele instante, não sabia se deveria rir ou chorar. “Como assim?” Tanta dedicação diária para torná-las pessoas de bem, e é isso que escuto? Resolvi levar na brincadeira. Elas não teriam essa coragem... ou será que teriam? Bem, na dúvida, pedi que me informassem a data do feito, para que pudesse marcar algum compromisso, é claro.

Saí “de fininho”, retornando as minhas tarefas. Apesar da minha preocupação não passou de uma brincadeira. Ufa!

Então é assim, ideias malucas, choros, risos e confusões. A cada dia tudo muda. E quem sabe o que virá amanhã?

Elis Regina de Oliveira
Agente de Organização Escolar
Idade: 37 anos
Profa.: Érica Battani Vieira Viana
E. E. Dr. Washington Luís



A VIDA DO MEU FILHO MUDOU...

Oi meu nome é Karla, comecei a trabalhar na escola Cid Boucault em 2011 por meio de um processo seletivo. Nesse tempo, conheci várias pessoas e com a ajuda de muitos consegui permanecer trabalhando, pois tenho meu filho João Victor de 10 anos hoje e na época com 5 anos. Como mãe e trabalhadora tive que me desdobrar para cuidar e criar meu filho sozinha, ele desde cedo precisou usar óculos, porque tem um problema de visão.

Assim se passou alguns anos, saí do meu trabalho na escola devido a minha segunda gravidez que graças a Deus ocorreu tudo bem. Retornei ao trabalho em Fevereiro de 2016 e tive a sorte de voltar para a escola que tanto gosto e fiquei muito feliz.

Nesse tempo que retornei, estava levando meu filho ao oftalmologista para fazer exames de rotina e desse modo descobri que seu problema de visão agravou, por isso aumentou o grau do óculos nas duas últimas visitas ao especialista. Naquele momento minha situação financeira estava bem complicada, já que a compra de um novo óculos sairia bem caro. Por sorte conheci a professora Marlene que me ajudou junto ao Lions Club, entidade que ajuda crianças que estavam na mesma situação que o meu filho, através de um evento que reuni oftalmologistas que realizam exames gratuitos, facilitando a compra dos óculos o qual adquiri por um valor bem acessível ao meu salário.

Enfim, tudo deu certo, meu filho consegue ver melhor com os novos óculos e isso mudou nossas vidas e a sua rotina.

Karla Aparecida da Silva dos Santos
Merendeira
Idade: 31 anos
Profa.: Marlene Couto Martins
E. E. Prof. Cid Boucault



RESGATE

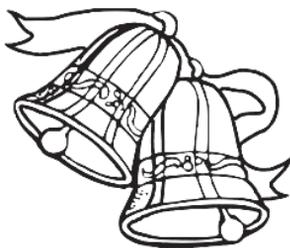
Às vésperas de me aposentar, pois, estou aguardando minha segunda aposentadoria, proporcional, tive a grata surpresa de ser uma das minhas alunas, do 2º ano B, Ensino Médio, período manhã, Mayra Cristina ser premiada com a classificação de 2º lugar no Concurso do Serviço Municipal de águas e esgotos (Sema), categoria artigo de opinião, cujo o tema era “Eu sou amigo da água”.

Assim, pude estar presente a sua premiação no Centro Municipal de Formação de Professores (CEMFORP), Mogi das Cruzes, ver a felicidade estampada em sua face, por estar representando tão bem nossa escola Cid Boucault, com sua produção textual.

Tiramos muitas fotos, conversamos e foi muito gratificante vê-la ganhar o certificado e eu como professora orientadora do trabalho realizado pela aluna. Posso dizer que, nesses 39 anos de magistério tive grandes alegrias, como esta e a cada dia me surpreendo. Quando um comentário, feito pelo aluno do 2º ano E, Matheus Cury, o qual no dia em que estivemos na premiação me fez, ao saber que este é o último ano que eu leciono, me questionou se eu iria parar com meu trabalho de professora, ao ouvir minha resposta afirmativa, ele declarou. “Puxa, professora, é uma pena, vai ser difícil encontrar uma professora que explique tão bem a matéria como a senhora e tenha a sua paciência”.

Fiquei muito feliz pelo reconhecimento deste aluno, embora sejam poucos que o sintam, hoje em dia. Portanto, entre tantas satisfações e as vezes algumas frustrações, construí minha carreira com amor e saldo positivo no coração. Belas recordações...

Marlene Couto Martins
Idade: 64 anos
Professora de Língua Portuguesa
Profa.: Marlene Couto Martins
E. E. Prof. Cid Boucault



QUE VENHA O NATAL

Quando se trabalha, ou melhor, praticamente se vive vinte e oito anos no interior de uma escola, é possível presenciar vários tipos de situações.

Meu lado solidário e altruístico sempre foi muito aflorado, portanto ser voluntária em projetos passou a ser meu ponto forte. Convido você a participar de um fato marcante, ocorrido no ano de dois mil e dez quando fui, gentilmente, convidada a escrever uma peça de teatro com a temática “Natal” direcionada para um público idoso, que vivia no Lar da Melhor Idade, no bairro em que resido, Jundiapéba. Aceitei a proposta e logo que selecionamos os alunos, começamos os ensaios aos sábados, para não prejudicar a aprendizagem durante a semana. Eles ficaram tão envolvidos com o projeto, que decidiram montar kits de higiene para doar aos idosos. Quando chegou o grande dia, vários professores, coordenação, direção e familiares dos alunos foram ao local para apoio técnico e prestígio da apresentação.

O sucesso foi absoluto, todos gostaram principalmente porque no final da peça, Papai Noel apareceria para abraçar os idosos e fazer a distribuição dos kits. Como a maioria das coisas que são feitas “ao vivo e em cores” envolvendo crianças ou idosos, o final foi surpreendentemente inesperado. Um velhinho quando viu Papai Noel tirou o sapato e jogou em sua direção, claro, que o ator não se deixou abater e continuou seu bonito desempenho.

Essa atitude nos obriga a algumas reflexões: o que teria levado aquele idoso a ter tal atitude? Será que papai Noel não trouxe o presente desejado, ou por que o velhinho não queria estar naquele lugar no Natal?

Enfim, o que ficou de bom nesta das muitas histórias, que se iniciam na escola, foi a influência que tal momento teve na vida de cada pessoa presente naquele momento, o aflorar da sensibilidade, as lágrimas nos olhos daqueles que se compadeceram com as memórias de vida compartilhadas por aquelas frágeis pessoas de cabelos tão brancos, pele fina e olhar triste. O saber que deveriam dar valor a cada momento em suas vidas e, sobretudo a importância de nunca abandonar um ente querido. Essas são as aprendizagens que, certamente, serão levadas vida afora, sem vencimento da validade.

Alzeni Aparecida Marcondes de Gois

Agente de organização escolar

Idade: 53 anos

Prof.: Cláudia Cristina Corá e Roseli de Barros Siqueira Toledo

E.E. Professor Paulo Ferrari Massaro



ESTOU GESTORA, MAS SOU PROFESSORA

No ano de 2000, cheguei à E.E. Professor Paulo Ferrari Massaro, em concurso de remoção para exercer a função de professora de educação física. Jovem, recém-separada, escola nova no meio do ano letivo, insegurança e medo eram predicativos inerentes à minha pessoa naquele momento.

Pensando que não poderia desistir, pois tinha responsabilidades familiares, respirei fundo, levantei a cabeça e direcionei-me ao que realmente viera fazer, dar as melhores aulas de Educação Física, pois este era o meu sonho.

Nas aulas não fui muito bem recepcionada, mais uma vez meu mundo desmoronava, mas o pior estava por vir. Atribuíram-me o projeto Atividade Curricular Desportiva (ACD), no qual reúnem-se todos os alunos, afim do preparo em treinos para a participação da escola em jogos e campeonatos externos e, qual não foi a minha surpresa quando todos os alunos, sem exceção, viraram-me as costas, alegando que eu havia tirado o lugar do professor anterior, exatamente com essas palavras me definiram como “a professora que roubava aulas”, como num livro desses de ficção. Retive as lágrimas para não demonstrar o meu dissabor, mas a minha real vontade era sumir daquele lugar para sempre.

Voltei para casa, pesarosa por minha sofrível situação, naquele momento tinha duas opções: desistir ou seguir e como sou guerreira optei pela segunda, é claro! Bem... a partir deste episódio, decidi reverter a minha história nesse lugar, trabalhei as minhas fragilidades em prol do meu único objetivo: conquistar aluno por aluno, sem a mínima desmotivação ou derrota.

Assim iniciei os meus melhores dias, paulatinamente galgávamos “juntos”, pois no dia posterior a minha fatídica rejeição, no encontro com o grupo explicitiei os meus anseios, medos, mas principalmente a minha vontade de lutar ao lado de todos. O desfecho já se pode imaginar... Atingi o nível mais alto que o esporte pode oferecer, a confiança e o espaço na vida de cada aluno, uma imensa vontade de conquistar medalhas tomou conta do grupo. Conseguimos a tão almejada primeira vitória, depois outras e outras; em pouco tempo estávamos entre as melhores escolas.

A reciprocidade de carinho entre alunos e a professora Joseane eram perceptíveis em gestos, olhares, palavras, mas principalmente em ações, pois “títulos e medalhas” chegavam a todo instante.

Histórias de Escola

Mas como não podemos aquietar nossas metas, novas oportunidades fizeram-me trilhar um caminho acima do até então exercido, convidada a fazer parte da equipe gestora da unidade, confesso que, inicialmente, aquele tão famoso “frio na barriga” surgiu, todavia como desafios me impulsionam, aceitei e decidi relembrar o meu segundo dia aqui na escola, resolvi que faria a diferença. Desde então, na função de vice-diretora, não desisti do meu sonho: ser a melhor professora de Educação Física, “estou” Gestora, mas “sou” Professora, atendo a todos com o mesmo respeito com o qual gosto de ser tratada. Sei que fiz e faço a diferença na vida da maioria, se não consigo atingir os 100% é porque há coisas e situações que não são pertinentes a mim, porém hoje posso dizer que tenho alma e consciência tranquilas, pois meu sonho não acabou!

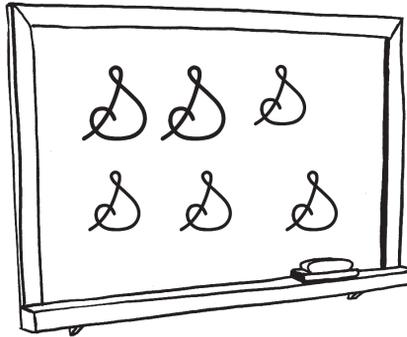
Joseane Matheus

Vice-diretora

Idade: 51 anos

Prof.: Cláudia Cristina Corá e Roseli de Barros Siqueira Toledo

E.E. Professor Paulo Ferrari Massaro



LIÇÕES DE VIDA

Quando criança, lembro-me de quando ela contava suas histórias. Não teve a oportunidade de estudar. Naquela época, década de 40, mulher era criada apenas para aprender a realizar atividades domésticas, cuidar dos irmãos menores e preparar-se para o casamento. Não era comum questionar os costumes enraizados da sociedade.

Mais tarde, ao tornar-se mãe, ocupou-se dos afazeres da casa, da família... Mas havia um diferencial: ela me incentivava a estudar. Queria que, através dos estudos, eu fosse além de onde ela pôde ir.

À medida que as dificuldades se apresentavam na escola, fui aprendendo a me recuperar. Ser chamada para fazer o “S” cursivo e maiúsculo na lousa fazia-me transpirar! Eu não sabia! Logo, a voz de um amigo apresentou-me uma solução: “Guarde todo seu material e esconda-se embaixo da carteira; assim, a professora não vai ver você”. A professora viu. E, ao som das risadas de todos, lá fui eu até a lousa... Não consegui fazer o “S”.

Para me ajudar, meu pai comprou uma lousinha - daquelas de brinquedo mesmo. E, do alto de sua pouca instrução e imensa generosidade, começou a dar-me aulas de “reforço”.

Os anos passaram; a turma ainda era a mesma. Na escola, os risos continuaram, mas os motivos eram outros. Agora, eles pediam que lesse minhas histórias, pois achavam-nas divertidas e era eu quem passava textos na lousa...

O auxílio dos meus sábios professores “particulares” foi imprescindível, como também fora o dos demais que encontrei ao longo do caminho. Aprendi a fazer o “S” e todas as outras Letras também.

Seria incoerente não transmitir aos meus alunos as lições de vida aprendidas com meus pais, meus professores e amigos.

E, hoje, na sala de aula, em meio às “turbulências”, os risos continuam e são positivos; derivados de histórias que conto; derivados das que meus alunos contam, derivados de ideias mirabolantes (ou não). Seja como for, que as boas lições sejam aprendidas por todos o tempo todo.

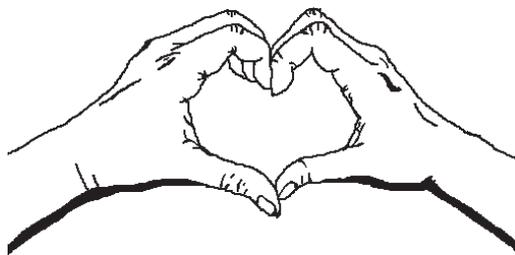
Maria Aparecida Rodrigues Quirino

Professora de Língua Portuguesa

Idade: 40 anos

Profa.: Maria Aparecida Rodrigues Quirino

E.E. Prof. Firmino Ladeira



AS MÃOS FALAM

Eu considerei a glória das mãos gesticulando, o esplendor de seus movimentos, e cada ponto articulado de meu corpo, ao ver as expressões dos surdos tentando entender o mundo barulhento das pessoas ouvintes.

Ah! Mais que mundo é esse tão silencioso, que não se ouve o cair de um alfinete?! E, eles, ao verem uma luz fragmentada como um prisma, logo passam a observá-la.

Considero que seja um luxo falar com as mãos. “Deus é um grande artista por criar pessoas especiais com surdez (ou não), mas as mãos, falantes”. No gesticular de minhas mãos, nos olhos de cada Deficiente Auditivo, histórias são contadas, frases são ditas, sentimentos são revelados.

Pensei, em um momento da vida, que talvez não conseguisse fazer as mãos falarem, entretanto uma força vinda do interior de meu ser impulsionou-me a continuar.

Venci meus medos, tornei-me interlocutora e isso me faz perceber que, mesmo sem palavras, a comunicação acontece... Seja ela entre mim e meus alunos mais que especiais; seja entre eles e o mundo...

Parece estranho, mas quando vejo as mãos falando, movimentando-se, e milhares de olhares focados no gesticular das mãos, sinto-me abençoada pois a comunicação tornou-se abrangente, inclusiva.

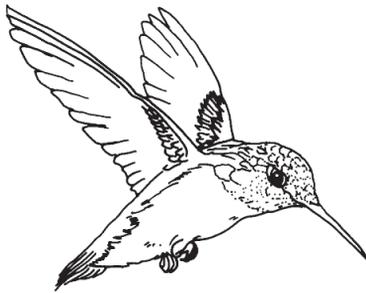
Luciana de Matos Alves Pereira

Professora Interlocutora

Idade: 40 anos

Profa.: Maria Aparecida Rodrigues Quirino

E.E. Prof. Firmino Ladeira



O BEIJA-FLOR

Chego cedo à escola, pego meus produtos, começo a limpeza e vou dando o meu bom dia para quem vai chegando.

Com o início da primavera a decoração da escola muda, pois enfeitamos tudo com e há também vários trabalhos expostos. Continuei com meus afazeres normais, a escola estava cheia de flores de papel, foi quando avistei um beija-flor. Ele voou e voou sobre as flores colocando seu longo bico em cada uma delas.

Quando ele passou pelo espelho que fica em frente ao banheiro ele se enxergou e ficou todo arrepiado.

Isso parece tê-lo enraivecido, ele soltou vários piados e avançou em direção ao se reflexo no espelho bicando-o várias vezes, até ficar exausto.

Eu fiquei bem pertinho observando tudo, ele ficou ali tão bravinho com sua imagem no espelho que nem ligou para minha presença.

O passarinho fez isso por vários dias e por diversas vezes, assim como nós que nem sempre percebemos que somos observados em todos os momentos do dia.

Maria Aparecida Pereira

Auxiliar de limpeza

Idade: 39 anos

Prof. responsável: Juliana Cristina Moraes de Oliveira

E.E. Prof. José Ayumar Gonçalves de Miranda



O HINO DA ESCOLA

Sou gestora de uma escola que com muito carinho dedico algumas horas de meu dia é claro que esta dedicação está pautada a meu salário mensal. Um belo dia, quando me preparava para os meus afazeres rotineiro, abro a caixa de e-mail e para o meu espanto, vejo que a Diretoria de Ensino, solicitava a todas as escolas que encaminhassem o Hino e como havia sido elaborado. Fiquei surpresa com a solicitação e percebi que a escola não tinha um Hino, pensei: O que farei agora?

A primeira ideia que surgiu foi fazer um levantamento dentro de nossos arquivos, mas infelizmente, devido a um acidente, parte dos acervos havia queimado e não havia como fazer o levantamento no montante que sobrou.

Mais uma vez tive uma brilhante ideia, fui consultar uma ex-funcionária que por mais de 30 anos havia dedicado a sua vida a esta escola, a senhora Dolina, que sempre muito gentil, sabia da existência de um Hino, mas a letra e sua música era difícil e não conseguia se lembrar. Minhas esperanças de encontrar o Hino mais uma vez haviam se perdido. Fiquei muito frustrada, pois não poderia atender à solicitação de minha Diretoria e uma sensação de vergonha e tristeza invadiram naquele momento o meu ser. Pensei: como não percebi que a escola não tinha um Hino?

Os dias se passaram e contei a história para os professores, mostrando a minha frustração em relação a não existência do Hino da Escola. Mas, nem tudo estava perdido, assim como nos filmes Americanos, duas professoras, junto com alguns alunos, maravilhosamente, muito bem elaborado, fizeram a letra e a música de um novo hino. Agora sim! Estava feliz!

Montei um lindo dossiê, contanto passo a passo, como o Hino da escola foi elaborado, com a biografia dos alunos autores, a letra e a música

Histórias de Escola

com a partitura. Um trabalho que ficará registrado para as gerações futuras, além de ter conseguido com alguns meses de atraso, encaminhar o Hino para a Diretoria de Ensino!

Finalizo com a palavra que me sinto muito bem em pronunciá-la: Gratidão!

Geane Batani Bento Luques

Diretor de Escola

Idade: 46 anos

Prof. responsável: Dagmar Marques Miloch

E.E. Prof. José Ayumar Gonçalves de Miranda



DUPLO SENTIDO

Assim que entrou na sala, o cartaz na parede lhe chamou a atenção. Era a foto de uma fruta linda, a fruta mais linda que já vira, brilhante, colorida, molhada pelo orvalho da manhã. Embaixo dela, os seguintes versos, que ela leu sem nenhuma dificuldade, apesar de ainda estar no primeiro ano.

“Para viver com saúde
E com boa disposição
Coma sempre pela manhã
Uma fruta da estação.”

Estação? Estranho, pensou, passava pela estação de trem da cidadezinha onde morava todos os dias e jamais vira aquela fruta. Aliás, nunca vira aquela fruta em lugar nenhum, embora ainda não conhecesse muitos lugares. Será que era de verdade? Deveria ser, senão como teriam tirado aquela foto? Não entendia, como ainda não entendia muitas coisas da vida.

- Dormindo de novo? A voz da professora parecia um trovão no silêncio da sala. A senhorita é muito distraída, vive com a cabeça no mundo da lua. Não presta atenção em nada. Parece que vive sonhando acordada.

- Como não? Pensou. Prestava atenção sim, em tudo. Nos campos verdinhos que via pela janela da sala de aula, nos bozinhos que pastavam, nas árvores, nos passarinhos, no céu... agora estava prestando atenção naquele cartaz. No cartaz não, naquela fruta que enchia os seus olhos, a sua mente.

- Professora!

- Que é? De novo a voz de trovão, os olhos enormes e assustadores, a cara amarrada afastando qualquer tentativa de aproximação.

Nada não, desculpe. Esqueci o que ia perguntar.

Definitivamente, a professora não gostava dela. Outra coisa que ela não

entendia. Ela era a melhor aluna da sala, só tirava dez, tinha o maior capricho com o caderno e as lições, os lápis sempre apontados respeitava as margens do caderno, lia sem dar soquinhos, já lera todos os livros da estantezinha da sala, e a professora só implicava, chamando-a de distraída, lerda, essas coisas. Implicava até com o seu cabelo, sua franja no olho. Não, não dava para falar com ela, perguntar nada.

Na volta para casa, passou pela estação na esperança de encontrar aquela fruta, quem sabe não olhara direito, distraída como sempre, mas ela não estava lá. Lá só havia umas bananeiras, um coqueiro, uns pés de mato. Nada da fruta!

Pensou em perguntar para seu irmão que estudava naquela sala, no terceiro ano, turma da tarde. Isto! Afinal fora a sala dele quem fizera o cartaz, então ele deveria saber em qual estação havia aquela fruta.

Mas o medo e a timidez faziam dela uma menina calada, precavida. Medo de falar bobagem, de perguntar bobagem, de rirem dela, chamarem-na de lerda. Melhor esperar.

Final de semana. Visitar os parentes no Vale do Paraíba. O pai, funcionário da Central do Brasil, fazia este passeio uma vez por mês. Adorava. O pai, a mãe, ela e a irmãzinha, de vestidinhos iguais, feitos pela mãe. Os irmãos mais velhos dificilmente iam. Era muita gente! Dez filhos! Ficavam em casa, os mais velhos cuidando dos mais novos.

Da janela do trem ela ia observando atentamente todas as estações. Não era mais o rio Paraíba, que sumia atrás das montanhas e reaparecia lá na frente, não era mais o trem, que corria como uma serpente, engolindo distâncias, apitando ao aproximar-se de cada estação, a briga com a irmã pelo lugar na janela, o vendedor de biscoitos de polvilho ou as histórias do pai sobre a o tempo da Maria Fumaça que prendiam a sua atenção. Seus olhos vasculhavam cada estação procurando por aquela fruta, seu objeto de desejo, seu segredo. Não encontrou. Em nenhuma das estações pelas quais passou. Decepcionou-se, ficou com raiva, chorou por dentro, como sempre fazia. Como teria uma boa saúde e disposição, se tinha que comer uma fruta que não existia? Sim, era isto, aquela fruta era de mentira! Melhor esquecer, mas não conseguiu. Precisava saber.

O irmão, aquele lhe ensinava as coisas de escola, que a ensinara a ler, mesmo antes de ter idade para isto, tomava a tabuada e ensinava a fazer as contas estava lá, sentado no chão, quebrando brejauvas com o martelo do pai. Chegara a hora de perguntar a ele, mas teria que ser com jeito, com tato feminino, já sabia ela. Perguntou, como quem não queria nada.

- Brejauva é fruta?

- Sei lá, resmungou. É coco. Brejauva é um coco.

Histórias de Escola

- E coco é fruta?

- O que você está querendo saber? Pergunta logo! Quando você fica me rodeando assim é porque está querendo perguntar alguma coisa.

- Quantas frutas você conhece? Fala os nomes.

- Um monte. Banana, melancia, pera, uva, mexerica, goiaba, amora. Sei lá, um montão.

- E qual é o nome daquela fruta do cartaz da sua classe?

- Cartaz? Ah sei, aquela fruta é um caqui, eu nunca vi nem nunca comi um. Acho que não tem por aqui.

- Não? E em qual estação de trem é que tem?

- Estação? Como, estação de trem? Ah, já entendi! Deixa de ser burra. Não é estação de trem que está escrito lá, é estação de tempo. Tempo de fruta. Não tem tempo de frio, de calor, tempo de vento, de empinar pipa? Tempo de goiaba?

Ela ficou ali parada olhando, vendo o irmão rindo pra valer, agora já cercado por uma parte dos outros irmãos, todos rindo dela, da sua ignorância. Mas ela não estava chateada, nem triste, nem brava. Estava feliz, muito feliz! Aprendera uma coisa nova, aprendera que todas as coisas na natureza têm um tempo certo e sua fruta, a sua linda, colorida e brilhante fruta existia, não era de mentira, não era só uma foto no cartaz da sala de aula, ela tinha um nome, um tempo certo para aparecer e uma estação só para ela.

Maria Aparecida Moreira Martins
Professora de Língua Portuguesa
Idade: 60 anos
Profa.: Maria Aparecida Moreira Martins
E.E. Prof. Francisco de Souza Mello



Pouco menos de dez passos nos separavam do portão. Isso se tivéssemos tempos de contá-los e não saíssemos praticamente saltando pela rua. Ofegantes, risonhos, olhos estatelados, ofegantes, rindo mais, e enfim, o portão. Ufa! Mais uma vez deu tempo e Seu Zé não precisou (ao menos dessa vez), fechar o portão em câmera lenta pra que desse tempo de todos entrarem antes do sinal.

Mas pisamos o lado de dentro da escola e o sinal tocou, mas já estávamos a salvo, então podíamos andar *va.ga.ro.sa.men.te* rumo à fila e colocar nosso papo em dia, afinal, foram longos trinta dias de férias e muita coisa havia acontecido. A primeira aula era a favorita de todos, ou quase todos. Era aula de Língua Portuguesa e aquele dia era especial porque todos (eu disse todos) os alunos iriam escrever sobre suas férias.

A professora entrou, deu um sorriso de “bem-vindos”, fez a chamada, colocou a data na lousa e logo abaixo, o que já sabíamos de cor, e mesmo assim, esperávamos: **REDAÇÃO**. Antes mesmo de perguntarmos o tema, ela já o dizia em voz baixa, quase balbuciando, meio que fazendo uma prece, enquanto escrevia com o giz amarelo e entre aspas: “Minhas férias”.

_De novo? Sempre um e outro perguntavam em tom de reclamação, e a professora, senhora de si respondia com a calma de sempre, com a sedutora segurança de sempre e com a arma mais poderosa que usava contra (ou a favor de) nós: os sorrisos. Sim, “sorrisos” no plural mesmo, porque ela sorria com os lábios e com os olhos. Aliás, acho que ela sorria com o corpo inteiro. Imagina só que paradoxo: a rainha das palavras não precisava usar sequer uma para dialogar conosco, aquele montão de alunos aflitos por uma resposta. Ela apenas nos fitava fixamente nos olhos e sorria.

E compreendíamos perfeitamente a lição do dia. Primeiro à lápis, no caderno, porque era o rascunho da redação. E depois, passávamos à limpo numa “folha à parte” com nome, número e série.

Silêncio total. Concentração total. Ao menos na sala, porque em nossas cabeças era uma gritaria só. Puxa assunto daqui, puxa história de acolá. Mexe com

Histórias de Escola

uma lembrança de ontem, mexe com outra do ano passado. E assim a redação ia saindo, tomando forma e virando texto.

Em vinte cinco linhas, às vezes até trinta (que no começo pareciam mais de mil, mas no final se revelavam pouco espaço pra tanta palavra guardada), as aventuras vividas nas férias iam sendo registradas.

Minhas férias sempre eram na praia com minha família. Sempre descíamos a Serra, alugávamos uma casa e passávamos duas semanas inteiras dormindo tarde e acordando cedo. Muitas vezes eu e meus primos até saíamos escondidos para ver o sol nascer no mar. Era uma lindeza mesmo. Dava uma alegria na gente.

A gente adorava o momento da leitura das redações. Assim podíamos sentir mais de perto as aventuras vividas por nosso colegas de classe. Podíamos viajar um pouco nas férias um do outro e conhecer suas vidas ou seus sonhos e ter mais inspiração pros nossos textos. A próxima redação, sem dúvida, estaria mais recheada de histórias, aventuras e emoções.

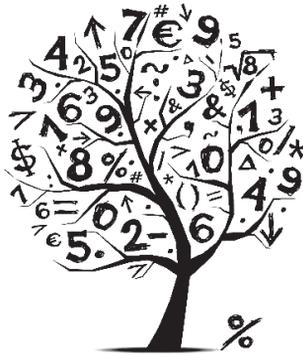
No fundo, sabíamos que cada redação daquela guardava um sonho, um desejo de infância. Eu nunca tinha ido à praia, nem sabia qual era o gosto do mar, muito menos havia presenciado um nascer do sol na praia, mas de tanto ouvir nas redações de muitos de meus colegas, achei lindo também poder passar as férias lá.

No fundo, todos nós, alunos e professora, também sabíamos que as aventuras narradas em nossas redações eram os sonhos que moravam em nós tomando forma. Era a nossa imaginação tomando corpo na palavra escrita, falada e sonhada.

PS: minhas férias (era assim que colocava meu título). Era um momento de existência mútua em que todos e cada um inventava um jeito bonito, alegre e colorido de viver e generosamente dava de presente ao outro na hora da leitura. Era um momento de troca e não importava se era verdade ou fantasia. Importava que era o registro de nossas vidas e de nossos sonhos de criança respeitado pela palavra e pelo olhar de cada um e pelo sorriso generoso da professora.

Depois de ouvirmos atentamente mais de trinta redações, as próximas férias, sem dúvidas, serão ainda mais empolgantes e as redações, muito mais inspiradoras.

Eva Pereira da Rocha
Professora de Língua Portuguesa
Idade: 47 anos
Profa.: Eva Pereira da Rocha
E.E. Prof. Francisco de Souza Mello



APRENDENDO A LIDAR

Quem não tem lembranças da sua época de escola? Sejam lembranças boas ou ruins, temos sempre algo que nos marcou. Nas séries iniciais, da pré-escola à antiga 4ª série, aquela única professora. A partir da 5ª série aquela quantidade imensa e rotativa de professores. Mas, temos sempre aqueles que deixaram sua marca como tatuagem.

A minha lembrança é viva e cotidiana: foi minha professora de Matemática, Lourdes, quem conseguiu fazer com que além de gostar da disciplina, conseguisse enxergar sua aplicação, no dia-a-dia. Graças ao amor que ela demonstrava pela Matemática que hoje sou professora desta disciplina e busco inspirar nos meus alunos o gosto pelos números, operações, equações, geometria, razão, álgebra, estatística...

Recordo-me de uma aula ministrada sobre razão na qual ensinei a razão no corpo humano e usei: “[...] O comprimento dos braços abertos de um homem é igual à sua altura [...]; desde o fundo do queixo até ao topo da cabeça é um oitavo da altura do homem [...]; a maior largura dos ombros contém em si própria a quarta parte do homem. [...] Desde o cotovelo até o ângulo da axila é um oitavo da altura do homem. A mão inteira será um décimo da altura do homem. [...] O pé é um sétimo do homem [...]; a distância entre o fundo do queixo e o nariz, e entre as raízes dos cabelos e as sobrancelhas é a mesma, e é, como a orelha, um terço da cara.” trechos do texto de Da Vinci que acompanham a gravura do Homem Vitruviano para mobilizar os educandos e, ao ver o entusiasmo dos meus alunos ao conferir estas razões, foi muito emocionante e gratificante.

Relacionar a matemática ao dia a dia, para eles serviu de ampliação e aplicação de saberes reais. A Matemática não é “um bicho de sete cabeças” como tantos acham, claro que possui “algumas cabeças”, todavia somos capazes de ensinar e de aprender a lidar.

Este é o desafio do professor de Matemática, amar os números e provocar o amor nos outros corações.

Sheile Cristine Gonçalves
Professora de Matemática
Idade: 36 anos

Profa.: Rosemari Perpétua Berto de Araújo
E.E. Prof.ª Helena Urbano Nagib



A CAMINHADA

Trabalho em uma escola que é de praxe, todos os anos, receber alunos dos anos iniciais, todos pequeninos. O que chama mais atenção é a forma como olham a escola, todos com aquela curiosidade e certa dose de afeto.

Como eles são receptivos, tudo é novo, e é essa novidade que torna essa transição de escolas algo que deve ser feito com muito mais cuidado, para que não produza nenhum desconforto ou falta de confiança.

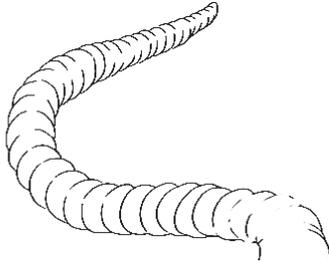
O que me chama atenção nessa renovação é o acompanhar dos ciclos, o que aprendo e, ainda mais, o que recebo dessas crianças. Numa sociedade que parece embrutecer, por tantos relatos de violência e desamor, existem ações que me fazem ver que tudo tem jeito, basta olhar com mais atenção e com outra perspectiva.

Foi em um desses dias que me deparei com um aluno recém-chegado, mesmo com algumas dificuldades de aprendizagem, mostrava-se interessado, mas não conseguia, ainda assim, manter a atenção nas aulas. Queria de todo modo impressionar a professora e os pais, porém, suas tentativas ficavam perdidas e sempre terminavam com o carimbo que dizia “não terminou”.

Esse relato torna-se diferente, devido à fé que ele possuía de que tudo isso iria melhorar. Um dia perguntei de onde vinha tanta certeza e eis que ele, cochichando para mim, disse “tia, estou rezando muito para São Jorge e ele vai me ajudar a fazer e a entender toda a lição”.

Foi aí que ele tirou, timidamente, uma imagem de santo para me mostrar, olhei-a com muito carinho e disse que aquela imagem era de São Cristovão e não de São Jorge. Minha surpresa foi única, ele sorriu e disse “é por isso que eu não consigo terminar a lição, estou pedindo para o santo errado”.

Lilian Aparecida de Oliveira Ferreira
Agente de Organização Escolar
Idade: 41 anos
Prof.: Cecilandia Maria de Moura Bianguli
E. E. Prof. João Cardoso dos Santos



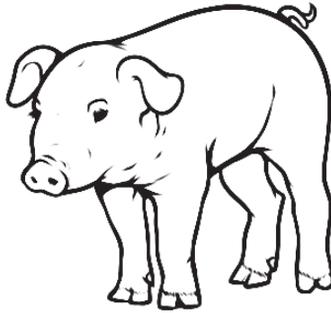
RETROCESSO DA HUMANIDADE

Formada em biologia, professora de ciências, eis que me vejo pensando em como vim parar nessa sofrida, porém, linda profissão. Pensamentos vêm e vão, e assim que olho para minhas mãos, recorro o momento em que me inclinei para essa área.

Tudo começou num dia normal de aula numa sétima série. Estava eu lá, aluna, curiosa, adolescente, buscando me encontrar, quando entra aquela professora, que já me fascinava, só de ouvi-la falar. A aula era sobre seres vivos, o ser era uma minhoca e a aula era prática. Minhas pupilas dilataram com aquela atividade, fiquei extasiada frente à prática proposta. Quando me vi, estava eu lá, espantando a pele aberta da minhoca, observando o que por dentro dela tinha. Tão maravilhada com a situação, que minhas mãos passaram pela minha face, como se estivesse enlouquecida, e ali senti um cheiro, inexplicavelmente, de minhoca. Um cheiro forte, gostoso, decidido, pois ali sabia que faria ciências.

Hoje, toda vez que preparo uma aula, sempre cheiro minhas mãos, lembrando dessa história que me inspirou, para poder ser a profissional que sou.

Suzamar Gabriel dos Santos
Professora de Ciências
Idade: 34 anos
Profa.: Márcia Candia Destro
E. E. Prof. João Cardoso dos Santos



MOMENTOS DE DIVERSÃO E RISOS

É de conhecimentos de todos e faz parte da cultura brasileira a realização de festas nas escolas, cito uma tradicional, a famosa Festa Junina.

Confesso que participei de várias nesta escola, festas memoráveis, grandiosas, casa cheia mesmo, com tudo que se tem direito, dupla sertaneja, vereadores, barraca do beijo, prisão, correio elegante, bingo com prêmios excelentes e a participação da comunidade japonesa e do povo “pindoramense”.

Em uma dessas festas um dos prêmios do bingo era uma porquinha viva, acho que “ela”, a porquinha, sentiu que o “bicho” ia pegar para o lado dela. Coitadinha! “Esse prêmio vivo” escapou da gaiola em que estava presa e fugiu, correu pela escola toda, um sufoco! Todos os presentes estavam a caráter e saíram igual doidos correndo atrás do “prêmio”, foi um Deus nos acuda, uma confusão danada, a porquinha gritando e nós também.

Depois de muitos tombos, gritos, risadas, conseguimos! Um aluno alcançou e agarrou a porquinha fujona, um dos prêmios mais cobiçados do nosso tradicional bingo. Tempos bons, pessoas inesquecíveis, fatos inusitados que me fazem sentir muitas saudades de um tempo que não volta mais e foi muito bem aproveitado.

Neusa Alves
Gerente de Organização Escolar
Idade: 46 anos
Profa.: Célia Regina Marques Batista
E.E. Américo Sugai



ESCOLAS, MARAVILHOSAS ESCOLAS

Acontecimentos diários, alegres ou tristes, fatos que embora o tempo passe e as gerações transcorram pela escola onde professores ministram aulas para filhos de pais que já foram alunos. Reunião de pais que sempre proporcionam encontros de ex-colegas de sala de aula.

Isso é o que acontece na nossa EE. Américo Sugai onde na última reunião bimestral, pais contavam que caiu um avião perto de nós no Sítio do Kataoka matando pai, mãe e filho. Disseram até que os alunos curiosos foram todos lá para ver a tragédia. Foi uma comoção geral um verdadeiro pânico entre os pais presentes que ouviram a notícia relatada por um dos pais ao seu companheiro e ex-colega de classe. Depois de muitos comentários e falatórios é que fomos começar a entender o que o marido de D. Vanda, funcionária de nossa escola, nos esclareceu que o dito avião caiu nos anos entre 1980 e 1981.

Acreditam nisso! Depois de acalmar as diversas perguntas ansiosas de que alunos foram ver o acidente, que hora aconteceu...

Lá veio os famosos “causos” sobre como eram as atividades entre as diversas disciplinas, em Educação Física o uso de uniformes diferentes: camiseta branca, calção, meias, e tênis branco. Fora contar sobre quando eles (alunos) fugiam das aulas (cabulavam) para irem nadar no Sítio Maeda, ou buscar rapadura lá no Tijuco Preto. E a Kombi que capotou e quase esses alunos foram parar no brejo.

O Sr. José Carlos de Lima, pai da nossa aluna, Caroline Paola de Lima e seus amigos, após os causos, sustos e falatórios, proporcionaram uma reunião de pais muito prazerosa e afetiva com conversas e lembranças.

José Carlos de Lima
Pai de aluno e ex-aluno
Idade: 51 anos
Profa.: Célia Regina Marques Batista
E.E. Américo Sugai



PESADELÓS: TRAJES E UNIFORMES

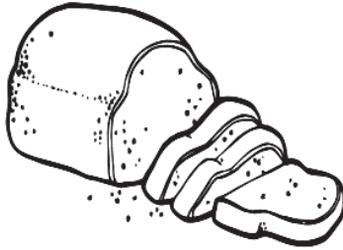
Década de 50. Eu, uma menina tímida do sertão que ganhou uma bolsa de estudos no Instituto D. Placidina, recebia aulas de freiras. E a minha maior intriga não era aprender o ABC, mas descobrir o sexo das freiras.

Elas andavam de hábitos, vestes compridas, pretas, com muitas pregas para não transparecer as formas do corpo. Usavam um chapéu enorme, com elástico circular no rosto para ocultar os cabelos e orelhas, deixando à mostra, apenas, um pequeno círculo do rosto. Nos meus pesadelos, as via ora como homem, ora como mulher, sempre me perseguindo, me castigando.

Década de 60. Eu, uma adolescente de origem humilde, consegui ser classificada para estudar a 1ª série ginasial no Instituto de Educação Dr. Washington Luís. O pesadelo, agora, era a rigidez do uniforme: saia pregueada azul-marinho, blusa branca com logotipo bordado no bolso, havia uma loja própria para esse bordado, e sapato colegial com cadarço. E o seu Chiquinho, inspetor de aluno, para fiscalizar.

Em dias de prova, um pesadelo me assolava... Era a imagem do seu Chiquinho no portão olhando cada detalhe nos uniformes. Porque eu sabia que, à falta de algum detalhe, a volta seria inevitável. Adeus prova! E eu teria que dar uma boa explicação para o meu pai!

Eunice Paz Kujavo
Professora de Língua Portuguesa
Idade: 67 anos
Profa.: Daisy Aparecida da Silva Galvão
E.E. Vereador Narciso Yague Guimarães



PÃO, BOLACHA E LEITE

No ano de 2006 eu, Daisy Aparecida da Silva Galvão, fui selecionada para atuar como educadora profissional em um projeto chamado Escola da Família, em uma das escolas estaduais da cidade de Mogi das Cruzes.

Chegando lá me deparei com sete crianças todas da mesma família que tinham entre 2 e 7 anos de idade, as quais eram muito carentes e viam a escola como um porto seguro. Essas crianças frequentavam a escola nos finais de semana e diziam para mim que estavam com fome, me pediam leite, comida etc...

Quando eu perguntava para elas, cadê a sua mãe? Elas diziam: tia, minha mãe tá fazendo faxina. Daí eu pensava... Fazendo faxina em pleno domingo, 9 horas da manhã. Ah tá.

De certa forma comecei a me sentir um pouco responsável por elas, já que passavam o dia inteiro na escola, então tive a ideia de pedir doações nos estabelecimentos vizinhos para ter o que oferecer quando as mesmas estivessem por lá.

Os recursos que consegui foram poucos, então passei a vender picóles no horário do intervalo dos alunos. Isso foi o que ajudou a ter verbas para poder comprar leite, bolacha, pão entre outros, assim elas saíam alimentadas e eu me sentia um pouco melhor.

Daisy Aparecida da Silva Galvão
Professora da Sala de Leitura
Idade: 43 anos
Prof.: Daisy Aparecida da Silva Galvão
E.E. Vereador Narciso Yague Guimarães



IRA IRÔNICA

Era nossa sexta série, uma sala muito heterogênea cada um com seu acentuado estilo, gosto e maneira de viver.

Quando estavam todos animados, ninguém podia com a gente...

Havia um grupo que era mais escandaloso, qualquer coisa era motivo de barulho.

Se o professor estivesse de bom humor, conseguia ter controle e organizar a sala; já se estivesse estressado o “caldo entornava”.

Certa feita, a sala nem estava bagunçando, pairava até um certo silêncio. Eis que uma garota resolve puxar o cabelo da outra, onde, no meio daquela ausência de ruídos. Ouvia-se um sonoro “ai”, isso despertou a ira do professor que além de falar muitos desaforos, dar lição de moral e de como deveríamos nos comportar na sala de aula, quebrou duas canetas “piloto” na lousa, ninguém piscava naquela hora, todos com os olhos arregalados, o professor saiu da sala e bateu a porta com toda força que conseguiu. Naquele momento não consegui saber quem seria o primeiro a pegar a carga da caneta “piloto”.

Egle Regina Ferreira de Faria

Idade: 44 anos

Professora da Sala de Leitura

Profa.: Egle Regina Ferreira de Faria

E.E. Prof. Olga Chakur Farah



LEANDRO, O RATO DE LABORATÓRIO

A pessoa que dá título a essa história nunca foi muito famosa na escola. Cabelos e olhos castanhos, estatura baixa, magro, sorriso sem graça. Diferenciava-se apenas por ser o aluno que tinha os pais que trabalhavam na escola, e ainda por, morar na escola (como se isso fosse grande coisa).

Em uma escola com centenas de alunos, era difícil chamar atenção, boas notas não traziam popularidade, bagunças e brigas só traziam problemas e quando se tem pais que trabalham onde você estuda, pode ter certeza que a última coisa que você vai querer é levar uma surra na frente dos outros e acabar virando motivo de piada pelo resto dos dias letivos.

Naquela época não havia internet, pelo menos não tão acessível assim, então sem redes sociais e sem possibilidades de sair no jornal municipal como manchete, Leandro começava a se conformar com sua mediocridade e pensava: Que mal tem, não ser ninguém?

Eis que um dia, sua mãe, antes de sair para o trabalho, grita desesperadamente:

-Um rato! Um rato!

De imediato ele correu e entres chutes e golpes de um desentupidor de privadas, ali estava o rato em seus últimos e agonizantes segundos de vida. O que fazer com ele? Era a questão pertinente. Já sei, disse sua mãe, colocamos em um vidro com tampa, cheio de álcool e o levamos ao laboratório da escola.

E assim foi feito, logo em alguns dias, todos da escola puderam ver um rato semiesmagado, dentro de um vidro que levava o nome Leandro em uma fita crepe (nome completo e em letras garrafais, coisa de mãe).

Sua popularidade estava cada vez maior, apelidado de “Rato de laboratório”, acabou por conquistar a fama que tanto queria, afinal, fama é fama.

Leandro Monteiro de Godoi
Agente de Organização Escolar
Idade: 34 anos
Profa.: Cássia Galvão
E. E. Professora Rosa Maria de Souza



LEMBRANÇAS

Tenho boa e má recordação dos meus tempos de escola. Digo isso porque o mundo estava confuso e o país não ficava atrás.

Vivíamos uma ditadura e o mundo vivia na presença de guerras, conflitos de libertação, os quais eu não entendia ainda, só sei que usei calça boca de sino e que havia avisos de censura na televisão...

Bom, minha vida escolar foi complicada, porque as dificuldades financeiras estavam presentes e naquela época não se ganhava nada, livros, caderno, tudo era comprado, então já imaginam, meu pai trabalhava muito, meus irmãos também estudavam.

Era muito tímida, quase não falava, mas tirava boas notas e isso irritava alguns colegas que a caminho de casa me apedrejavam, pode isso? Superei, não desisti, mas até apanhar num beco, apanhei, só Deus! Mas queria estudar para ajudar meus pais.

Estudamos no pátio da Igreja, era aberto, com sol queimando nossos rostos, mas ninguém reclamava, éramos crianças da ditadura. Uma nova escola estava sendo construída, estava na segunda série, nessa época.

Muitas coisas marcaram minha vida escolar, mas nunca esquecerei o “Diamante negro” que meu pai colocava na minha mochila de surpresa, que sem poder comprava para mim e eu o trazia de volta para dividir com meus irmãos. É isso... a vida é assim... simples e marcante.

Cássia Galvão
Professora de Língua Portuguesa
Idade: 51 anos
Profa.: Cássia Galvão
E. E. Professora Rosa Maria de Souza



MOMENTOS

Mais um dia normal como todos na terceira série A de Azaleia, na escola estadual professor João Cardoso de Siqueira Primo, em Biritiba Mirim.

Estou sentada nas primeiras carteiras, todas separadas por fileiras. A professora Alice, uma japonesa muito divertida e inteligente, nos diz que tem numa novidade para nossa turma. Ela é aluna de uma escola de idiomas, que está realizando uma promoção: bolsas gratuitas para alguns alunos do estado.

Me senti radiante, seria maravilhoso aprender outra língua, já me imaginei contando e falando frases; meus pais ficariam orgulhosos. Mas para conseguir precisava ter sorte pois mais amigos também estavam concorrendo ao sorteio para a bolsa no cursinho, mas acreditava que seria sorteada.

A professora anotou o nome dos alunos nos papéis e colocou no potinho e fez o sorteio; apenas dois alunos seriam contemplados.

Eu ficava ansiosa a cada sacudida que a professora dava naquele pote, então ela pegou o primeiro papel...e...não foi meu nome que ela leu; não posso negar: fiquei arrasada. Mas tinha mais uma chance, aquele papel tinha que estar escrito meu nome, e quando ela leu novamente para minha felicidade era o meu nome que ela chamou! Eu fiquei tão feliz que pulava de alegria, e ao mesmo tempo não acreditava.

Bom, quando cheguei em casa contei aos meus pais, que ficaram muito felizes por mim. Me matriculei no curso que foi a fonte principal para a escolha do meu futuro: lecionar Inglês!

Todas as vezes que lembro desse dia me emociono e sinto que Deus tem planos para todos nós e a cada um ele presenteia com uma vocação. A minha me faz muito feliz e sou muito grata a Ele, aos meus pais e a todos os professores, a Alice primeiramente, por ter me ajudado a tornar o meu sonho de criança em realidade.

Alessandra Machado
Professora de Língua Portuguesa
Idade: 26 anos
Profa.: Alessandra Rodrigues Machado
E. E. Professora Rosa Maria de Souza



TUM, TUM, TUM...

Eram seis horas da manhã e o telefone tocou, ele atendeu com uma voz de sono. Do outro lado uma voz doce e firme se apressou a dizer, sem rodeios:

- Alô, aqui quem fala é a Escola. Falo com o sr. Carlos?

Ele ficou atônito, e pensou ser um trote, pegadinha talvez. Mas resolveu entrar na brincadeira, e respondeu:

-Oi, então é da escola? Quanto tempo. Como posso ajudá-los?

-Não Carlinhos, não sou da escola, eu sou a própria, sou ela. A Escola.

Lembra-se de mim, não é? Sabe, tenho andado meio ocupada com meus alunos e tudo mais, mas resolvi tirar um tempinho para falar com você. Então me diga, como você está?

Ele com uma leve lágrima no canto dos olhos, que não se decidia se caía ou não, apressou-se a dizer:

-Escola, como vai a senhora? Estou bem, graças a senhora, claro. Sabe a senhora é a grande responsável por grande parte do que sou e do que serei. Durante muito tempo fiquei bravo com a senhora, achava a senhora má, mas ao mesmo tempo não via a hora de ver a senhora. Mas a senhora me entende né? Eu não sabia muita coisa da vida.

- Nossa Carlos, quantos "senhoras". Mas estou bem, um pouco maior. Mas em essência a mesma. Não sei se isso é bom, talvez seja, talvez não. Às vezes é preciso mudar. Você não acha?

-Sim, acho. Tenho saudades da senhora. Vou visitá-la em breve.

-Venha sim, a propósito espero que minha filha esteja cuidando bem de você. Vou te contar Carlos, a Faculdade desde pequena foi assim meio dura, mas é o jeito dela. No fundo ela é uma boa pessoa.

Ele riu, a lágrima enfim caiu...e ouviu só uma frase de fundo:

-Estou orgulhosa, te vejo em breve.

-...tum, tum, tum

Carlos Roberto de Jesus dos Santos

Agente de Organização Escolar

Idade: 25 anos

Profa.: Cássia Galvão

E. E. Professora Rosa Maria de Souza



MEU GRANDE E ÚNICO AMOR

Tudo começou quando vi pela primeira vez o “Homem da minha vida”, pai do meu filho, meu então marido na escola Mestra Henriqueta.

Nessa época estudava (eu) na Mestra Henriqueta, nesse período estava na 7ª série, escola que eu amava muito, estudei lá no prézinho com a então encantadora dona Rosa Souza, a qual nos recebíamos com aquele encantador sorriso e um abraço fraterno.

Na sua sala nas mesinhas com os grupos de alunos, fazíamos os desenhos com as canetinhas coloridas que eram um sucesso e pintávamos com os giz de cera, era um encanto, posso sentir o cheiro do giz de cera até hoje na sala do prézinho e lembrar daquele sorriso encantador da professora.

Já na primeira série, a dona Lenita foi a minha primeira professora do atual ensino fundamental, muito assídua, disciplinada e formal, recebi com ela meu “Primeiro Livro”.

Na segunda série fui para a escola Olga Chakur, lá tive aulas com a dona Yeda que ensinava além da lição a oração da Ave-Maria para aula iniciar. Na terceira série, tive aula com a professora dona Conceição que seguia o mesmo padrão da sua colega e amiga dona Yeda, também tive aula com a professora dona Luzia que também ensinava a lição e oração.

Mas ai quis a vida me mudar para escola Maria de Lourdes. Escola essa que ficava mais próximo da avenida da minha infância, avenida Victor Wu. Nessa escola comecei outras amizades, com as famílias : Pinto, Magalhães, Costa, Souza, Fróis, Candelária entre outros e lá iniciava minha mocidade, tive excelentes professores : dona Leonor Morente, dona Poli, dona Otávia na quarta série. No ano seguinte iniciava-se a quinta série com vários outros professores: Dona Ana Wu , dona Poli, dona Águeda, professor Narciso, professor Orlando Pagano , Bernadete Souza e outros.

Minha adaptação ali foi difícil, pois queria muito retornar a minha escola da infância e foi então que na sétima série consegui voltar para lá. Reencontrei meus antigos colegas: Vanessa Freire, Edmara Miranda, Rita Gouveia, Helena Rosa, Elcimara, Kely, Galdina, Marcos Pinto (nosso saudoso amigo), Rui Barbosa, Marcelo Renó, Reginaldo Prado (meu compadre), entre outros.

Foi nessa época que vi pela primeira vez o meu amor, estava eu e minha

Histórias de Escola

colega de classe Vanessa (atualmente minha comadre) comprando o lanche do Seu Zé, o pão com mortadela, que era a grande sensação, uma delícia, quando vi de longe entrando na loja do Fazendeiro aquele moço lindo e que logo chamou a minha atenção. Minha colega ao lado deu risadas, o tempo passou nunca mais vi esse moço e nós (eu e meus colegas) naquela escola éramos muitos felizes na Mestra Henriqueta, tínhamos aulas com a dona Toninha Leite, Toninha Soares, dona Terezinha, Rita Renó... nosso intervalo era festivo, tinha muitos campeonatos : de vôlei, dança, músicas... adorava jogar vôlei, violão, flauta até tentei: não deu certo não.

A escola oferecia todas essas atrações, nossos ensaios eram à tarde, ali me formei no atual Ensino Fundamental, houve até a formatura que guardo as fotos como recordação, recebi meu primeiro diploma e fomos para o Olga estudar. Eu como sempre gostava muito de escola quis no magistério me matricular e ainda frequentar as aulas noturnas do antigo colegial, eu e minha amiga Edmara Miranda.

Excelentes professores tivemos por lá, como: Seneval, João Osmar, Silvana Nascimento, Fernanda Fontaneli, Jonas...e no magistério: dona Graciete Miranda, dona Ygue Soares, Penha, Leonor Fonseca, Maria Aparecida, Lilian Valverde... e as aulas da mesma disciplina como Língua Portuguesa e Matemática. Eu e Edmara Miranda víamos na duplicidade, adorávamos nem reclamávamos e cursando os dois cursos fizemos várias amizades. No Magistério conheci a minha atual amiga de trabalho Fabrícia e outras como minha comadre Rosana Prado, Lúcia Pinto, Nena (minha madrinha), Irenildes, Regiane Prudente, Eglea, Inês Venâncio... já no Colegial era a turma que estudávamos juntos no Mestra Henriqueta que se uniu com alguns que vieram do Elisiário como a Simone Morais (amiga e madrinha) e outros na cidade que vieram morar como o doutor Camilo César. Tinha também o Marquinho da padaria, ele como sempre era muito divertido, éramos uma turma muito boa, gostávamos de estudar e quis o destino assim eu reencontrar com aquele " moço lindo" que um dia vi lá na sétima série.

Na saída do antigo magistério, já no último ano, indo embora para casa me reencontrei com ele. Nessas vindas e idas da escola para casa, já numa fase mais "adulta" começamos a namorar, terminei o magistério e iniciei a faculdade namorando com ele e logo nos casamos e tivemos um lindo e abençoado filho.

Agradeço a Deus, a minha família e aos excelentes professores que me ajudaram a amar e valorizar essa linda profissão!

Cristiane Barbosa de Morais

Professora de Língua Portuguesa

Idade: 42 anos

Professor responsável: Cristiane Barbosa de Morais

E. E. Professora Rosa Maria de Souza



MOMENTO GRATIFICANTE NA ESCOLA

No ano de dois mil e seis, trabalhando em sala de aula, eu ministrava aulas de leitura, foi um ano abençoado, desenvolvi um projeto, logo no início do ano para ser apresentado em agosto. Fiz uma junção de alguns problemas sociais, focalizando mais a reciclagem.

Cada classe receberia, por meio de sorteio, um tema, para construir, com produtos recicláveis, o tema a ser trabalhado, por exemplo, saci, iara, sereia, eram oito salas de aula. Os alunos deveriam fazer um teatro e desenvolver coletivamente uma forma de diminuir o lixo em sala de aula.

Em cada sala o representante geral colocava uma sacolinha de plástico pendurada na maçaneta da porta onde seria colocado o lixo produzido pelos alunos, e antes de acabar a aula, qualquer aluno pegava a sacolinha e amarrava e a colocava no lixo, essa ação colaborava em muito, na diminuição de lixo para ser retirado da classe, às vezes a sala permanecia limpa sem precisar até mesmo de varrer.

O projeto foi acolhido pela direção da escola e pelos professores da época, quando chegou em agosto, a escola parou um dia para que todos assistissem as peças de teatro e as mensagens de reflexão para conscientização da importância sobre o meio ambiente, como responsável pelo projeto, tive como protagonista todos os alunos participando e colaborando com todas as ações desenvolvidas.

Essa foi e é uma etapa vivida na escola, que tenho saudades, aproveitando, deixo aqui uma fala que significa muito para a vida do aluno envolvendo a competência Leitora e Escritora. Essas duas aulas oferecidas na disciplina de língua portuguesa, sabiamente bem trabalhadas, contribuiu ricamente para o aprendizado do aluno, ler, escrever, interpretar, que pena que essas aulas saíram do currículo.

Hoje ficou a saudade, porém no monitor do meu cérebro carrego esse momento que fez a diferença na vida de muitos estudantes.

Em 2007, fui para uma outra escola, plantar minha semente, e no ano seguinte 2008 retornei para a escola estadual Professora Rosa Maria de Souza, onde estou a nove anos. Hoje sou vice-diretora do Programa Escola da Família e amo a profissão que escolhi, a "Educação"

Histórias de Escola

Ah, se vocês vissem o saci-pererê, feito de lata vazia de Coca-cola, foi impressionante, e para finalizar o agente de serviço que atende pelo nome de Carlos, foi um dos meus alunos que participou do projeto que mencionei neste texto, e hoje trabalha na mesma escola, sendo meu colega de trabalho.

Emilia Barbosa Pinto

Vice-diretora

Idade: 52 anos

Profa.: Emilia Barbosa Pinto

E. E. Professora Rosa Maria de Souza



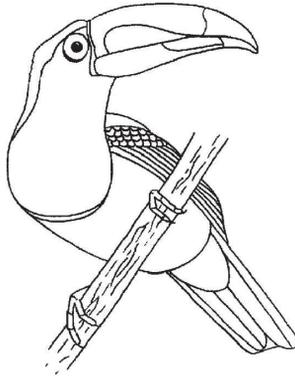
ESCOLA DE LATA

No decorrer da minha jornada como professora, passei por várias escolas, trabalhava em Itaquaquetuba.

Entre elas houve uma que ficou na história, nessa escola quando chegávamos de manhã, não podíamos escrever na lousa, então corrigíamos os cadernos, fazíamos leitura, nós usamos muito jornal nas aulas, do projeto DS Escola.

Isso facilitava muito para diversificar as aulas, isso porque com o calor do nosso corpo, a lousa, o piso, as carteiras dos alunos, e mesa do professor ficavam todas úmidas e as vigas do teto que eram de metal começam a pingar. O telhado de zinco fazia barulho como pingos de chuva ou pedras sendo jogadas por alguém.

Suas paredes de metal no frio deixava o ambiente mais frio e no calor muito quente, se chovesse não se conseguia ouvir nada a não ser o barulho da chuva. Enfim, essas eram as famosas escolas de lata, que em muitas cidades foram feitas para atender a demanda de alunos, uma solução criada pelo Governo do Estado.



O QUE NÃO ERA SONHO.... VIROU REALIDADE!!!

Não é esperado que, para realizar um sonho de seus pais, uma pessoa possa seguir, por longos vinte e nove anos, a carreira de professora, porém, o que poderia se tornar um verdadeiro martírio, com o passar dos anos transformou-se em prazer.

Inicialmente, as aulas eram em escolas distantes do centro da cidade, em bairros carentes, com transporte precário. Por vezes, sequer chegávamos ao nosso destino, devido as péssimas condições de conservação dos ônibus, contudo presenciando as dificuldades enfrentadas pelos alunos, alguns caminhavam até oito quilômetros a pé em busca do saber, o que era cansativo, para mim, tornava-se gratificante.

Na escola em que me encontro há mais de vinte anos, E. E. Profª Sueli Oliveira Silva Martins, passei por várias situações difíceis, como a não aceitação da reorganização escolar que aconteceu no ano em que me removi para cá, a possível extinção da unidade escolar por três vezes. Era muito triste pensar em uma escola que chegou a contar com aulas até no período noturno, de repente correr o risco de ter suas atividades encerradas.

Houve também momentos agradáveis. Devido a privilegiada localização da unidade escolar, por vezes éramos presenteados com “visitantes ilustres” a exemplo de tucanos, ouriços, quero-queros, formigas...Como havia formigas! Nos finais de semana a festança devia ser de arrasar porque toda segunda-feira baldes de terra eram retirados da secretaria. Apesar de não mais se fazerem presentes na área interna da escola, as formigas continuam frequentando nosso ambiente externo. Às vezes, confesso, paro para observar o trabalho delas. Análise a disciplina, a parceria e o esforço dedicado para o desenvolvimento de suas tarefas, porém, a situação que mais me surpreendeu ocorreu há alguns anos.

Certo dia, voltando do intervalo eu e meus alunos deparamos com algo inesperado. Um lindo canário azul estava dentro da sala de aula! Quando entramos o pássaro passou a se debater desesperadamente, de um lado ao outro. As crianças também se agitaram, preocupadas com o canário. Concluí que o melhor a fazer seria manter a calma. Então, consegui tranquilizar as

Histórias de Escola

crianças e, mesmo com receio de machucar o passarinho, tentei envolvê-lo na cortina, sem sucesso. Não sei ao certo, quem ficou mais agitado, se o pássaro ou os alunos, mas passado algum tempo a avezinha encontrou uma saída e tudo voltou a normalidade.

Se fosse relatar todas as histórias como diretora, professora, avó de alunos ou alguns momentos alegres e tristes envolvendo alunos, pais, colegas de trabalho eu me alongaria demasiado. Enfim...muitas foram as emoções. É maravilhoso voltar ao passado com a sensação de estar profissionalmente realizada e, porque não, de dever cumprido. Ainda que tenha enfrentado dificuldades, inclusive a de infelizmente estar na situação de professora readaptada, o que me impede de lecionar, enquanto em sala, sempre me dediquei ao máximo. Desdobrei-me entre a educação das filhas e trabalho, atualmente recebo filhos de ex-alunos que me abraçam demonstrando carinho e gratidão. Posso dizer com convicção: "Valeu a Pena".

Leontina Carvalho dos Santos Toledo
Professora Readaptada
Idade: 61 anos
Profa.: Francisca Moreira Neto
E.E. Professora Sueli de Oliveira Martins



PROFESSOR: ALÉM DE PROFISSÃO, UMA MISSÃO.

Houve um tempo, ou melhor, no meu tempo, escola era lugar sagrado, os portões serviam apenas para separar o lado de dentro e de fora. Não tinha muros nem grades e professor era respeitado tal qual a mãe que carrega seu filho nove meses em seu ventre.

Um tempo em que o maior orgulho de uma família era formar um filho professor, médico ou advogado. Lembro-me do orgulho do meu pai em ter uma filha professora que seguiu os passos da mãe. Mais tarde, meu sogro, que já não se encontra entre nós, espalhou por toda cidade que seu filho casou –se com uma professora como sendo o acontecimento mais sublime do ano. E eu, por vezes me senti me lisonjeada e ao mesmo tempo angustiada, se não fizesse jus a todo aquele orgulho e respeito em que me era depositado.

Passou o tempo e por arte do destino sai da minha pequena cidade para a imensa São Paulo. Amedrontada, inexperiente, mas com determinação e muita coragem fui lecionar em uma grande escola. Logo a diretora ordenou que a inspetora me colocasse na sala mais indisciplinada para me testar. Quando entrei fiquei apavorada, alunos gritavam, cadeiras voavam, se agrediam fisicamente, como animais enjaulados. Foram 50 minutos de horror e para piorar fui hostilizada por conta do meu sotaque nordestino marcante. Lembro – me com precisão das palavras da inspetora “aqui professor bom é aquele em que tranca a sua porta, os alunos não saem da sala e aconteça o que acontecer não pede socorro, não precisa nem passar lição, apenas mantenham –os dentro da sala”.

Naquele momento, fiquei ainda mais frustrada, indignada, decepcionada, mas principalmente envergonhada em descobrir que ali o meu sonho de ser professora acabaria se aceitasse aquela situação.

O tempo passou, enfrentei o preconceito com sabedoria, conquistei o meu espaço e a confiança de todos sem permitir que ninguém desmerecesse a minha profissão.

Certo dia, em uma das minhas aulas, propus que a turma trouxesse um objeto significativo para apresentar, através de um relato oral para a turma seus sentimentos, para despertar as emoções dos alunos de um trabalho com poesias que iniciariamos posteriormente.

Histórias de Escola

Naquela turma havia uma menina muito tímida, de poucas palavras, com dificuldades na fala e que tinha o rosto marcado por cicatrizes que desfiguravam seu rosto. Ao chegar a vez do seu relato, levantou-se foi até a frente da turma e mostrou uma foto de uma linda menina revelando que aquela tratava –se dela. Timidamente descreveu com detalhes o acidente com álcool e uma faísca de fogo que causaram aquelas marcas de queimaduras pelo seu corpo. Ouvíamos seu relato e senti minha alma queimar junto com aquelas chamas que consumiam o seu corpo. Quando levantei os olhos debulhados em lágrimas observei que todos os alunos, sem exceção, choravam a dor daquela triste menina que era rejeitada pela sua aparência.

Alguns dias depois, a aluna me relatou com lindo sorriso no rosto que a sua relação com os colegas tinha mudado para muito melhor e que o seu desabafo a libertou daquela dor que a torturava. Lembrei –me das palavras do meu tio “Toinho” em que dizia “que professor não é uma profissão e sim uma missão”, descobri naquele momento que a escola é um ambiente humanizado e que as diferenças devem ser respeitadas.

Alanne Alexandre Silva
Professora Coordenadora Pedagógica
Idade: 40 anos
Profa.: Alanne Alexandre Silva
E. E. Professora Maria Rodrigues Gonçalves



SITUAÇÕES NUNCA REGISTRADAS

O Coordenador Pedagógico é, antes de tudo, um professor. Mas, ao assumir a função de Coordenador ele é destituído de sua identidade docente para assumir a identidade de coordenador. Nóvoa (1999), afirma que o processo “identitário” dos Coordenadores Pedagógicos é composto por três princípios: a adesão que implica em escolhas pelos métodos de trabalho, em que sucessos e insucessos acabam definindo a postura do profissional e a autoconsciência que decide o processo reflexivo do docente diante das mudanças da profissão.

Assim, a identidade do Coordenador acaba se constituindo num contexto cheio de dilemas, dilemas estes resultantes das urgências que demandam do cotidiano escolar exigindo ação imediata, que muitas vezes, acaba tomando decisões de conflito ou de insegurança tornando-se, na prática, um “gestor de dilemas”, segundo Sacristán (1999).

Entre centenas de histórias ocorridas comigo, enquanto PC, relato algumas. Havia uma aluna da 1ª série do Ensino Médio passa a apresentar baixo desempenho nas disciplinas, cabisbaixa, passa a dormir durante as aulas. Conversei com ela e “nada”, então chamei o responsável e a mãe durante a conversa, simplesmente disse: “não sei mais o que fazer, depois que ela perdeu a virgindade, ficou assim, não fala nada!”.

Em outra história, um senhor chega ao guichê da Secretaria e diz que quer falar com o responsável da Escola, a Agente me chama, eu sem saber quem é ou do que se trata atendo: “a senhora poderia proibir as motos de vim aqui à noite, tá me atrapalhando, não consigo dormir com o barulho.”.

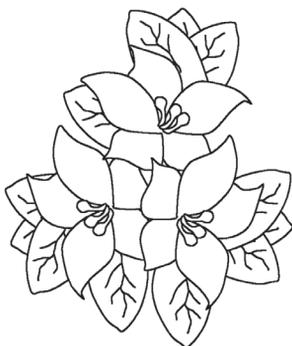
Outro momento hilário: durante uma partida de futebol, dois alunos se machucam, um deles teve o tornozelo ferido, que começou a sangrar, chamamos responsáveis e atendimento médico, uma das mães disse: “você me chamou aqui só por causa disso?”. Teve uma vez que um pai de aluno chegou querendo ser atendido pela Diretora, respondi que não era possível, pois a mesma estava na Diretoria de Ensino, ele olhou bem pra mim e falou: “você serve”.

Quando eu digo “Acabou o dia e eu tenho a impressão de que não fiz nada”, evidencio as demandas que o PC tem de dar conta no decorrer do cotidiano escolar, os atendimentos que exigem solução imediata e que

Histórias de Escola

não pertencem à função, o famoso “apagador de incêndios”. Comparando o trabalho do PC com o do professor, nota-se que o Coordenador é um profissional mais flexível, com tarefas não previstas nas atribuições, mas acabam sendo assumidas por ele.

Alzira Fonseca
Professora Coordenadora Pedagógica
Idade: 53 anos
Profa.: Alzira Fonseca
E.E. Profª Sylvia Mafra Machado



UMA TRANSFORMAÇÃO QUÍMICA E A PRIMAVERA

Na década de 90 os alunos eram marcados pela passividade por conta do modelo tradicional de ensino. Com o passar dos anos, ainda que esse modelo se correlacione com diversos modelos educacionais tais como: construtivismo, tecnicista dentre outros, o aluno da vez se transformou da mesma forma que uma borboleta que desabrocha de seu casulo explicitando assim, seus anseios, suas vontades, seus saberes; em suma o protagonismo juvenil.

Nesse contexto, a escola atual carece propiciar um ambiente favorável para que se atendam essas demandas de futuros talentos em nosso município, nosso Estado e nossa nação.

Vivemos um ano na Educação um tanto turbulento, onde a violência está presente entre os jovens. Ainda assim há exemplo de demonstração de afeto nas relações cotidianas entre todos os envolvidos no meio escolar. Tanto é que um exemplo real aconteceu em uma das minhas aulas de Química, cujo tema era transformações químicas e o aluno motivado após minha explicação, questionou a vontade de fazer desenhos relacionando o meio ambiente e a primavera.

Isso tudo me deu a luz de elaborar aulas diferenciadas a partir das sugestões desse grupo de alunos e foi muito positivo e produtivo.

Com base nisso, observamos que além da idade, uma característica marcante nesse alunado é a maturidade que o próprio convívio social propicia, tanto dentro da escola como fora e nos faz crer que não devemos deixar morrer esse lado criança que existe entre eles.

Maria Aparecida Crispim Pires
Professora de Química/Física
Idade: 59 anos
Profa.: Alzira Fonseca
E.E. Profª Sylvia Mafra Machado



REFLEXÃO DE UM EX- ALUNO

Essa é uma reflexão sobre um fato ocorrido há muitos anos, numa aula que, se eu não me engano, era de Língua Portuguesa.

Naquela época, sabe-se que existia um regime disciplinar muito rígido em todos os setores da sociedade e talvez por esse motivo, isso se refletia na vida pessoal de todos. O fato é o seguinte: eu, desde muito jovem gosto de desenho, mesmo nos primeiros anos escolares, a minha preferência era pelas aulas de arte, além das de histórias. Eu me lembro de que nas salas de aula existiam nas paredes reproduções de obras de arte, paisagens de artistas famosos que na época é claro, eu não conhecia, mas que gostavam de observar as cores e as cenas representadas.

Durante as aulas, muitas vezes me distraia nas atividades escolares e não acompanhava o conteúdo proposto, ficava tentando reproduzir nos cadernos as imagens dos quadros. Numa aula recordo-me, que comecei a pintar dentro das letras, me lembro que a palavra era "AMOR"; por essa atitude recebi um grande puxão de orelha, que literalmente me deixou com a orelha vermelha e doendo por horas, confesso que até hoje não entendi o motivo, o porquê dessa atitude da professora, o que teria despertado nela essa reação tão agressiva pelo simples motivo de pintar as palavras de um texto.

Mas uma coisa eu sei, isso não fez com que eu deixasse de gostar de pintar, pelo contrário, passei a me dedicar mais e mais ao desenho, até que muito tempo depois eu me tornei artista plástico e professor de arte. Portanto, mesmo diante de uma coisa aparentemente ruim que lhe aconteça, isso pode contribuir para despertar algo bom em nossa vida, só depende do seu ponto de vista.

Davi Alves Camargo
Professora de Arte
Idade: 55 anos
Profa.: Flávia de O. Morente
E.E. Angélica de Jesus Ferreira



CONTOS DE UMA ADOLESCENTE

Não via a hora de sair da 4º série, ir para 5º série só para ter aula de Educação Física e Educação Artística e usar o tão famoso caderno universitário. O sentimento de ser considerada mocinha pois estava saindo de uma escola pequena e indo para uma escola só de adultos.

Não via a hora de usar a tão sonhada saia de pregas brancas e shorts vermelho com a camiseta branca da escola e o famoso “bamba”. Enfim, conseguir ver os rapazes de shorts brancos e camisetas jogando futebol antes do horário.

Nossa educação física era no horário do contraturno. E sempre a Educação Física dos meninos era primeiro que a das meninas. Nós não víamos a hora de ver os rapazes, porque aproveitávamos para rolar as paqueras. Todos não viam a hora de chegar os campeonatos para torcermos pelos rapazes.

Era um tempo muito bom, não havia malícia, eram trocas de olhares e conheço muitas amigas que se casaram com os paqueras da época. Posso dizer que foi uma época muito boa. E para todas as meninas a Educação Física, além dos jogos, tinha as aulas de postura e ginástica. Nos divertíamos muito. E a nossa professora de Educação Física ficou marcada na memória de todos os colegas da minha turma, não era só uma professora era, uma amiga, mãe...

Que pena que este tempo não volta mais.

Milena Cristina Gonçalves
Professora de Matemática
Idade: 44 anos
Profa.: Flavia de O. Morente
E.E. Angélica de Jesus Ferreira



EU E A ESCOLA, APRENDIZADO E MEMÓRIAS

1991, ano em que surge duas bênçãos em minha vida, uma filha e uma escola. 23 de fevereiro de 1991, com dores de parto, aguardo nas sombras de um bambuzal a chegada de um carro que viria para me levar para a maternidade.

Esse bambuzal deu espaço a que em meses veio a ser a escolinha de madeirite Jose Ribeiro Guimarães o que carinhosamente ganhou o nome de “barracão”, coloco carinhosamente aqui, mas não acho carinhosamente não.

Passaram-se 7 anos, e aquela menina que quase nasce nesse espaço, agora era sua aluna na 1º série, e nessa época eu costumava de modo voluntário vir até a escola e ajudar na limpeza, pois nessa fase não havia funcionários suficientes para a limpeza de banheiros, de salas de aulas. Recordo-me da diretora na época Dona Sueli, a agradecer-me, não só a mim, mas outras duas mães que também eram voluntárias.

Os anos passaram e muitas histórias foram construídas, enquanto eu construía meus conhecimentos no curso de Letras, a José Ribeiro Guimarães construía suas pilastras de alvenaria, ela ganhava o concreto, a pedra o cimento em suas paredes, mas mantinha as paredes de madeira em sua alma e seu estigma de barracão no coração do bairro.

E nesse lindo barracão, fui me construindo como profissional, como ser, pois em 2003 estava eu aqui como estagiária e nos anos seguintes como professora substituta e em 2007 como professora de leitura e produção de texto, e como “feijão com arroz”, juntos e misturados eu e a escola José Ribeiro Guimarães crescíamos. Foram tantos momentos...

E foram tantas leituras nesse espaço, que o escritor Castro Alves se alegrou quando se viu patrono da Sala de Leitura, bom, ele já estava morto há um tempinho, mas ele ficou feliz sim, quem não ficaria?

E assim sigo, nesse espaço de ensinar e aprender que nunca sei quem ensina e quem aprende, onde a feira é do conhecimento, o show é de talentos, o sarau é cultural, o fórum é da paz, e ao som dos “despacitos, pacitos, pacitos” cantados pelos alunos as habilidades são trabalhadas, o conhecimento construído e emoções vividas.

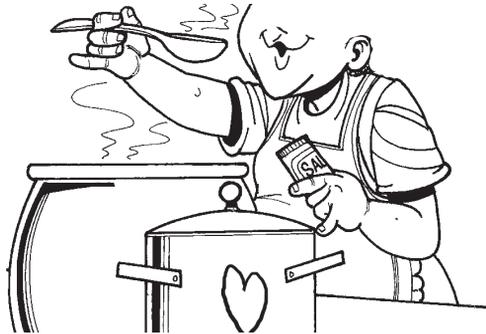
Maria Lucinete Basílio Rodrigues

Coordenadora Pedagógica

Idade: 45 anos

Renata Ribeiro Garcia

E. E. José Ribeiro Guimarães



MEMÓRIAS DA NAIR

Meu nome é Nair Cardoso, sou merendeira da Escola José Ribeiro Guimarães, desde 2005. Quando cheguei aqui a escola era parte madeirite e a outra de alvenaria e atendia os alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental.

Depois passou por uma reforma onde foi construída novas salas de aula, quadra moderna, nova secretaria, nova cozinha de merenda e novas instalações sanitárias.

Passou a atender alunos de 5ª a 8ª séries, pois os alunos de 1ª a 4ª séries foram remanejados para o Centro Municipal de Programas Educacionais (CEMPRE), escola da prefeitura.

Recentemente passou a atender alunos do ensino médio e hoje atende alunos do ensino fundamental e médio. Estou nesta unidade escolar há 12 anos, gosto de trabalhar aqui, gosto dos alunos dos professores e demais funcionários e colegas de trabalho.

Meu filho estudou aqui e minha neta também estuda e vejo que essa escola já é uma escola do futuro, é um modelo e exemplos de desenvolvimento e acolhimento.

Nair Cardoso de Godoi
Merendeira
Idade: 61 anos
Profa.: Renata Ribeiro Garcia
E.E. José Ribeiro Guimarães



TODOS SÃO ESPECIAIS

Meu nome é Adriana. Sou professora há 17 anos e pouco e já passei, por boas e más experiências dentro de uma sala de aula. Lembro, porém de uma em particular. Esse fato aconteceu há uns anos e vejo que desde então me tornei mais humana. Confesso que, assim como a maioria dos educadores, eu não me sentia apta a trabalhar com alunos com necessidades especiais.

Foi então que uma agente de organização escolar me procurou certo dia e me disse que receberíamos um aluno com uma doença muito rara, porém não contagiosa. Já meio preocupada, perguntei-lhe que tipo de doença e ela relatou que o corpo da criança era cheio de feridas e que ele – era um menino- se locomovia com muita dificuldade. Nesse momento, antes de conhecer o garoto, fiquei gelada e com o coração disparado. Não sabia como seria minha reação quando o visse. Seria capaz de lidar com a situação?

Dirigi-me à sala de sexto ano, pois precisava preparar a turma para receber o novo colega. Disse a eles que teriam mais um amigo na sala e que ele precisaria de muito carinho por parte deles, explicando-lhes, o melhor que pude, o pouco que sabia sobre a doença e, pedindo-lhes que o ajudassem que fosse possível. Fui buscar a tal criança, recusando-me a admitir até para mim mesma os receios. E se a doença fosse contagiosa, ao contrário do que tinham me informado? As lesões na pele exalam algum cheiro? Seria algo desagradável de se ver?

Ao chegar ao pátio, de longe o reconheci, pois andava bem lentamente, como movimentos meio descoordenados. Ao chegar perto, perguntei o seu nome, já com o coração partido, ao pensar no sofrimento daquele menino magro, de expressão triste. Reuni forças para levá-lo até a sala para que todos o conhecessem. Ao entrarmos, a turma o olhou fixamente, mal disfarçando a estranheza que aquele monte de feridas provocava. Apresentei-o aos demais e disse-lhe que podia sentar-se. Ele se dirigiu ao fundo da sala e se sentou.

Considerando que ficar lá atrás iria dificultar ainda mais as suas ações, sugeri que viesse sentar-se mais à frente e pedi se alguém poderia ajudá-lo. Seis alunos se prontificaram e, no mesmo instante, começaram a conversar com Raul (nome fictício). Relatou que era do Rio de Janeiro e, que na escola de onde vinha, os professores apagavam a lousa de trás para frente, por causa da bagunça.

Todos riram. Eu aproveitei dizendo que seria uma ótima ideia.

Eles, então pediram que o novo aluno, não contasse mais nada, para não me dar mais ideias. Estavam muito animados com uma excursão que haveria dali a uns dias e perguntaram se Raul não queria ir. Eu expliquei que lamentava muito, mas as vagas estavam esgotadas. Para minha surpresa, um dos alunos se levantou e entregou uma autorização em branco insistiu para que o novo aluno fosse em seu lugar. Fiquei comovida com a atitude generosa, pois sabia como essas excursões significavam para eles. Pedi licença e saí da sala, já com lágrimas nos olhos. Chorei, ao reconhecer como nós adultos temos dificuldade de aceitar o novo, o diferente. Eu me preocupando como iria trabalhar com o aluno “especial”, como faria para que não se sentisse rejeitado pelos colegas sem me lembrar que as crianças têm uma maneira mais descomplicada de se relacionar uns com os outros. Independente das diferenças, era apenas mais um colega na turma.

Quando o novo aluno foi ao banheiro, olhei aqueles anjos, de novo chorando e agradei pelo carinho que demonstraram. Intimamente, agradei também, por eles me mostrarem quão tolo era o meu preconceito quanto ao diferente. Tive que admitir que eu rejeitava a educação inclusiva, pois ela exigiria de mim mudança em minhas convicções, muito mais do que em minhas ações.

Até hoje, Raul ainda permanece com a mesma turma. Já não anda mais, porém isso não o impede de participar de todas as atividades com os colegas. Sempre há um disposto a empurrar sua cadeira de rodas. Não sou mais sua professora, mas ainda vislumbro em seus olhos o mesmo olhar de quando o vi pela primeira vez: um olhar positivo, de esperança na vida.

Quanto a mim, posso dizer que encaro de outra maneira a presença de alunos com necessidades especiais em minhas aulas. Apesar, de, às vezes, ainda, encontrar dificuldade em ensinar-lhes conteúdos e conceitos matemáticos, entendo que a maior lição que é a da convivência e do respeito, essa, aprendemos juntos. Professora e alunos, todos são especiais.

Raul, com sua energia para esquecer as dores que a doença lhe causava e aqueles meninos e meninas de coração tão aberto me ensinaram isso.

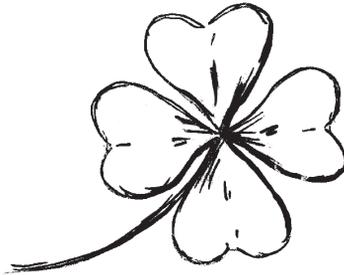
Adriana Aparecida dos Santos

Professora de Matemática

Idade: 43 anos

Profa.: Maria do Carmo dos Santos Maekawa

E.E. Profª Josephina Najjar Hernandez



“PROFESSORA, AGRADEÇO TODOS OS DIAS”

Olhando para trás, penso que passei mais tempo da minha vida em uma escola do que em qualquer outro lugar. Primeiro, como aluna, depois como professora e, atualmente, como coordenadora. Como escolher dentre tantas experiências, uma que tivesse marcado profundamente o meu coração: as farras com os colegas na infância e adolescência? As situações inusitadas, já como professora e que, por mais de uma vez, exigiram que eu controlasse o riso frente a uma resposta inesperada dos alunos ante uma bronca? Aquelas que me provocaram um nó na garganta?

Foram tantas realidades diversas, tantos rostos guardados na memória e, que talvez nem reconhecesse mais depois de crescidos, vidas cujas histórias se cruzaram com a minha e ajudaram a fazer de mim o que sou hoje. Porém, há um episódio que sempre volta à lembrança, como exemplo de atitude positiva perante as dificuldades.

O caso se passou com um aluno que, para dizer a verdade, me irritava bastante. Não tinha boas notas e tumultuava demais as aulas, de modo que eu vivia chamando sua atenção. Thiago era o nome dele e estava na antiga sétima série. Era grandão e desajeitado, destoando um pouco dos outros da turma, bem mais novos do que ele. Não foram poucas as vezes que tive que respirar fundo e contar até três para controlar a irritação que ele me provocava, por causa de suas brincadeiras inconvenientes com os colegas. E foi em uma dessas ocasiões que Thiago me desconcertou.

Os alunos estavam fazendo uma atividade em grupo e o garoto não parava quieto, e a toda hora eu ouvia: “Professora, olha o Thiago”, “Professora, vou arrebentar o Thiago, se ele não parar de me encher”. Cansada das muitas reclamações, chamei-o para a fora da sala de aula e rasguei o verbo, repreendendo-o por suas atitudes. Por fim, disse-lhe que, se continuasse com seu comportamento, eu passaria a ignorá-lo e, para mim, seria como se não existisse. Enfim, com todas as palavras, deixei claro a minha insatisfação com sua presença. Voltamos para a sala e fui registrar a ocorrência no diário. Foi então, que ele se aproximou e aparentando ter esquecido o “sabão” que eu lhe dera puxou assunto: “Sabe, professora? Eu agradeço a Deus todos os dias! – Eu, ainda mal-humorada, respondi sem sequer olhar para ele: “Ah, é? E por quê?” – “É que eu fui jogado na lata do lixo, quando nasci”.

Histórias de Escola

Nesse instante, parei o que estava escrevendo e só então, mesmo sem acreditar no que estava ouvindo, dei atenção a ele: “o quê??? E você é grato por isso?- Então, ele com a maior simplicidade explicou: “Não, professora” Não por ter sido jogado no lixo, mas porque Deus mandou uma mulher muito boa me tirar do lixo e cuidar de mim. A minha mãe verdadeira não era legal. Tanto que uma vez fui atropelado por uma bicicleta e ela viu quando caí e bati a cabeça na guia e nem foi lá me ajudar. Eu fiquei em coma e tive que operar a cabeça – acrescentou, mostrando-me as cicatrizes. “Minha mãe não me quis, mas eu tive uma muito melhor que gosta de mim”.

Foi o suficiente para mim. Fiquei sem palavras. Pensei nas muitas pessoas que são revoltadas, sentindo-se injustiçadas pela vida e comparei com aquela visão tão positiva que Thiago demonstrava, perante acontecimentos tão trágicos de sua existência. Como aquele mocinho tão jovem conseguia ter uma mente tão evoluída? Como foi que nunca percebi isso antes? Desde aquele dia passei a tratá-lo de outra maneira e ele também mudou muito suas atitudes em minhas aulas.

Anos depois, reencontrei Thiago, formado em engenharia e casado. Foi longe aquele rapazinho “limitado”, que muitos diziam que não chegaria a lugar algum.

Maria do Carmo dos Santos Maekawa
Professora Coordenadora Pedagógica
Idade: 53 anos
Profa.: Maria do Carmo dos Santos Maekawa
E.E. Profª Josephina Najjar Hernandez



TIPONITE

Vou contar para vocês uma ocorrência tipo no mínimo inusitada vivenciada no interior de uma sala de aula com alunos de faixa etária de onze anos, o que já podem imaginar é de alta relevância, posto que esses serezinhos são de um nível de observação altamente aguçado.

Consta que certo dia a professora ao abordar o tema linguagem fez juntamente com a sala a leitura coletiva de uma tira do Adão que falava sobre tiponite aguda. Eles com olhinhos de quem nada entendiam ficaram a imaginar do que se tratava e quando lhes foi feita a comparação com as doenças existentes tais como tendinite, rinite, faringite, gastrite entre outras, prontamente entenderam a colocação e lançaram a máxima “professora você tem essa doença tiponite”.

Qual não foi o espanto da mesma por analisar que além de entenderem o significado relacionaram com algo sobre o qual era de sua percepção. Ocorre que até então a mestra nunca percebera esta repetição e quando eles disseram que ela falava sempre “tipo isto”, “tipo aquilo” dois alertas importantes despertaram em sua vida.

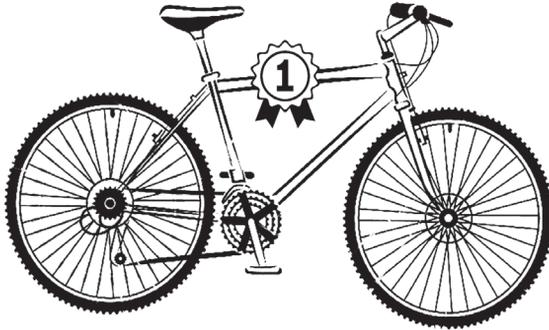
Primeiro a necessidade em se atentar ao discurso falado no dia a dia de modo a não incorrer em situações que levem de forma errônea os alunos imitarem, se bem que nesse caso foi engraçado e tudo levado na esportiva uma vez que ela explicou que substituiu a expressão “por exemplo” pela palavra “tipo” que tinha o mesmo significado por ter problema de dislalia, ou seja, trocar a letra L por R, evitando, portanto, palavras com esse fonema. Pois bem, segue a segunda e mais importante observação o fato de que os alunos prestam atenção a TUDO, desde a maneira em que se veste ou fala até a forma como se relaciona com os demais. Essas coisas são notadas e comentadas entre eles tendo fator relevante na forma em que irão atuar no dia a dia.

Não se pode esquecer jamais que o professor além da função de mediar a aprendizagem funciona como um espelho, sendo assim irá influenciar o comportamento de muitos que irão basear-se nele. Onde quer que esteja, mesmo num ambiente extraescolar sempre será uma referência

Histórias de Escola

para o aluno e esta é uma responsabilidade imensurável. Eles são os “filhos passageiros” no sentido que se tem o dever de zelar e cuidar para que sejam cidadãos que contribuam positivamente fazendo a diferença em nossa sociedade tão carente de bons frutos oriundos dos bancos escolares.

Mônica Salti
Professora de Língua Portuguesa
Idade: 49 anos
Profa.: Mônica Salti
E.E. Profª Josephina Najjar Hernandez



AMOR E DEDICAÇÃO

Quando penso em algo que aconteceu nestes anos todos de magistério, posso me lembrar perfeitamente do ano de 2008, que me renderam muitos momentos marcantes, foi quando assumi o cargo de Ciências na Diretoria de Ensino de Suzano, na escola Jandyra Coutinho.

No início do ano letivo, a equipe gestora propôs aos professores realizarem no decorrer do ano os projetos, alguns já definidos pela Diretoria e outro que já faziam parte da escola. Assim, minha expectativa de início de carreira me deixava muito empolgada e ansiosa, fui tomada de surpresa quando me atribuiu o projeto do jornal Diário de Suzano. Quanta honra! Porém relutei, não podia aceitar esta missão, nem sequer sabia o que fazer e o que viria pela frente.

Logo depois notei que esse projeto era composto por várias fases: fotografia, cartaz e crônica, como eu não quis me indispor com o grupo aceitei; talvez, esses professores sofressem da síndrome do pânico e não queriam correr riscos desnecessários, pois, no entanto, se não der certo, pensariam que a culpa seria da professora de Ciências...

Num momento estava eu sentada sem minha mesa da sala de aula, sentindo uma brisa fresquinha que vinha de fora e observando os alunos a realizarem as atividades quando avistei uma cartinha solitária sobre a mesa, entre os meus diários de classe ali mesmo, jogada entre minhas coisas, fiquei intrigada, para descobrir quem havia escrito. Supostamente era alguém que gostaria de me contar algo.

Passsei a observar, com mais atenção os meus alunos, e verifiquei um grande potencial de alunos leitores, naquele momento, pude perceber que talvez, a gente possa escapar dessas cobranças sendo mais espontâneos cumprindo deveres reais e possíveis, curtindo a vida e não atordoando os alunos com muitas cobranças alheias. Fui inserindo aos poucos pequenos textos de contos e crônicas de escritores conhecidos, incentivando a leitura, a formar opiniões próprias e a reescrita dos contos e crônicas.

Desse modo descobri, que o mesmo sendo da área de Linguagem pude contribuir com eles, lancei uma sementinha para que meus alunos fossem os protagonistas dessa história.

Foi então em meados do mês de maio, que veio as orientações para a primeira fase do projeto. Os alunos deveriam registrar por meio de fotografias, imagens do entorno da escola relacionados a poluição do ar, do solo ou da água e para que soluções fossem propostas, um trabalho que envolveu grande parte dos alunos, houve amostras de fotografia e textos relacionados ao tema na escola para a escolha para o trabalho que iria ser encaminhado para o jornal, jornal esse, que teria nossas publicações. Que legal ver nossas produções estampadas para todos lerem.

Mas lembram da carta que estava sobre a minha mesa, pois é, era uma aluna, muito dedicada e prestativa, fazia trabalhos voluntários na escola no período oposto das aulas e, desde o dia em que escreveu a primeira carta onde se apresentava e contava um pouquinho do que gostava, percebi que a escrita passou a ser rotina em sua vida e na minha a leitura, porque desde então passou a escrever o seu diário e entregar para eu ler, dia após dia, de forma ininterruptamente, incansável e discreta.

Depois das férias de julho, chegou o novo regulamento e orientações para a segunda fase, agora era a hora de colocar a mão na massa, os alunos deveriam confeccionar cartazes, relacionados com o tema meio ambiente, desta forma interdisciplinar, desta vez pedi a colaboração da professora de arte para divulgar o concurso.

Passado alguns dias, a escola recebeu um aviso, orientando que o professor responsável pelo projeto, juntamente com o aluno que produziu o desenho, participassem de um evento no Teatro Municipal. Para minha surpresa, aluna ganhou o prêmio em terceiro lugar, foi muito gratificante.

Lembra daquela aluna da carta, pois é, ela continua escrevendo relatos de textos diversos, e como ela, também outros começaram a tomar gosto pela leitura, e produzirem seus textos.

O grande dia do concurso chegou, confesso, eu também estava ansiosa, dessa vez pedi a colaboração das professoras de Língua Portuguesa para ajudar na divulgação do concurso de crônicas e na explicação para todos os alunos, uma das professoras foi muito prestativa, colaborando em vários aspectos; enquanto umas das docentes de matemática, apenas criticava.

Os alunos empolgados escreveram suas crônicas, relacionadas com o seu cotidiano, e lógico não poderia faltar a crônica da aluna, que escreveu suas maravilhosas histórias, lia, relia e me envolvia com cada parágrafo escrito, vivido por ela. Fiquei intrigada, porque ele escolheu justo eu para fazer parte de sua vida, de suas histórias, de suas vivências.

Novamente a escola recebeu um aviso para que os participantes do projeto “crônica”, fossem até a sede do Clube Bunkyo em Suzano, onde haveria a divulgação dos vencedores.

Para a minha alegria, lá estava o nome dela, corri para avisá-la e recebi um abraço tão caloroso e palavras de agradecimento.

Chegando o grande dia, nos encontramos no local combinado e lógico, eu não poderia deixar de levar a professora que mesmo não assumisse o projeto, muito me ajudou. Porém, sabe aquela professora de matemática que nada fez e só criou obstáculos, se sentiu ofendida quando não foi convidada para o evento do coquetel e a entrega das premiações.

O dia estava lindo, o local estava lotado de professores, alunos,

Histórias de Escola

autoridades, como a dirigente de ensino, o diretor responsável pelo jornal O Diário, e lógico a imprensa local. Todas as crônicas encaminhadas para o concurso, foram divulgadas através de banners individual e distribuídas no salão, com o nome da escola, do aluno e do professor orientador.

Parei para ler algumas crônicas, estavam muito bem escritas e escolas estaduais competindo com escolas particulares, que sufoco.

Começou a divulgação por níveis de ensino, primeiro Ciclo I, Ciclo II e Ensino Médio, dos três primeiros lugares, alunos e professores todos muito ansiosos. Quando começou a premiação dos alunos do Ciclo II, Ensino Fundamental 7º e 8º série, os nossos corações batiam descompensadamente, chamou o aluno que ganhou o 3º lugar, e 2º lugar, alunos da escola particular “Brasilis” e por último o tão sonhado primeiro lugar, anunciou o nome da minha querida da escola Jandyra Coutinho e professora orientadora, no caso eu, ficamos muito felizes, subimos de mãos dadas para nos aplaudirem, ela ganhou o 1º lugar e como prêmio uma bicicleta e alguns cursos gratuitos. Mas, melhor que o prêmio de um trabalho é o reconhecimento de um trabalho e a descoberta de saber que queremos e podemos, quando encontramos dispostas a se doarem.

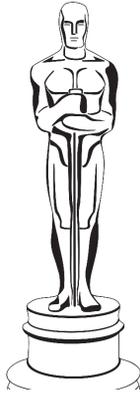
Sonia de Souza Santos Serafin

Professora de Ciências

Idade: 53 anos

Profa.: Rosangela de Almeida Leite De Siqueira

E.E.Reverendo Prof. Osmar Teixeira Serra



DOCES LEMBRANÇAS

E de repente um filme passou pela minha cabeça são quatro anos nesta escola e tantas coisas aconteceram. Muitos chegaram, novas ideias, amizades e novas adaptações, e muitos se foram e as tristes despedidas ocorreram.

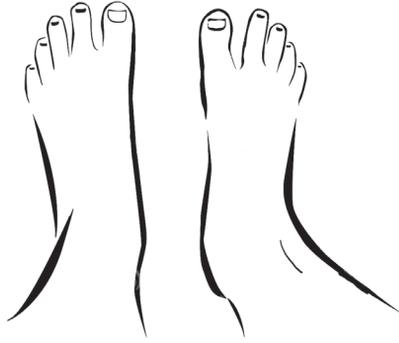
Cada ADD era uma festa, uma correria, um estresse e no final uma alegria pelo trabalho realizado. E os projetos? Como esquecer a nossa querida aluna Erica, nossa discente que arrasou na dança e conquistou os jurados, levou a torcida ao delírio. Com um pequeno e simples detalhe: Erica era uma muda e “senti” a música através das batidas! Que lição recebemos naquele dia!

Também tivemos dias tristes e de grandes perdas. Uma manhã triste, recebemos a notícia de que a professora Maria José havia falecido. Como esquecer aquele dia e não lembrar dos rostos tristes de cada um. Um minuto de silêncio, uma oração e mensagem foram as maneiras que os professores e alunos encontraram para deixar registrado o carinho por esta querida amiga.

Por outro lado, acompanhei as grávidas da escola. Que benção! Pois poder participar deste momento é sublime! Muitas mudanças aconteceram e a nossa equipe, a cada dia, mais unida. De colega de trabalho, para amigos. Comemoramos, com uma pitada de tristezas, algumas aposentadorias e com aperto no coração a despedida, com gostinho de alegria, da nova diretora Gisele chegou! Confirmando que não segurei uma lágrima.

Enfim... que filme maravilhoso! Sou apaixonada por esta escola e tenho orgulho de fazer parte desta equipe, desta família “Osmar Teixeira Serra”.

Gabriela Baesso
Professora de Português e Inglês
Idade: 33 anos
Profa.: Rosângela de Almeida Leite de Siqueira
E.E.Rev. Prof. Osmar Teixeira Serra



TECENDO O AMANHÃ

Quantas vezes, quantos sonhos, quantos segredos de meninice guardam estas frias e envelhecidas paredes do Pedro Malozze? É a voz da menina chorona, a do menino briguento, a da criança rebelde e do rapaz comportado. É o da mãe, que buscava seu filho pela orelha porque havia aprontado, da mãe que saía orgulhosa de boletim na mão, daquela comunidade tão unida, que dinheiro não tinha, mas vendeu, rifou, arrecadou para tornar a escola um segundo lar para seus filhos.

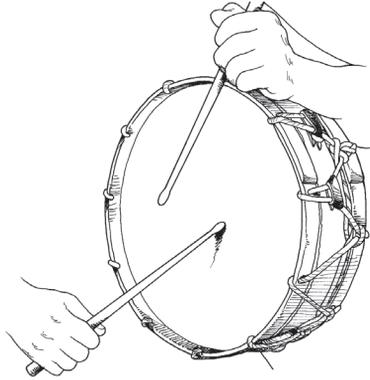
Foi a primeira escola Estadual da cidade, a primeira ao meio de tantas turbulências da ditadura. Enquanto o governo enfraquecia a população na década de setenta, um novo e forte batalhão nascia ali para reivindicar o seu primeiro colégio no município de Mogi das Cruzes e assim tornar um amigo do povo, o seu mártir, o seu patrono, homenageando um esportista comunitário, um homem simples, quase sem estudos, que mesmo diante de tanta simplicidade, trouxe para essas frias paredes escolar o orgulho para várias gerações.

Orgulho como a da Dona Terezinha, criança simples, de pezinho no chão, livrinho embaixo do braço, que caminhava todos os dias alguns quilômetros, na que parecia a tão longa estrada da vida, mas que hoje relembra de outra caminhada até os enormes portões da nossa escola, trazendo pela mãozinha sua filhinha que alegre e saltitante corria na frente, que vezes fazia toda a lição, vezes tinha que lhe chamar a atenção. E hoje essa tão nobre senhorinha espera ansiosa todos os dias a saída dos seus netos na frente desse mesmo portão.

Quem aqui não sonhou com o amanhã? Do cabelo ensebado ao cabelo brilhantinado, todos com seus sonhos e segredos, ventura e desventura, formados pela mais bela instituição, alguns são doutores, outros somente senhores que deixaram aqui o seu legado mais importante, que é o de aprender com a escola da vida.

São milhares de vozes que junto a outras, compõe nossos sonhos e nossas realizações e ecoam nestas frias paredes que hoje busco saudosamente lembrar, resgatar, vivenciar e assim construir novas vozes para não deixar morrer a nossa história, sem pelo menos deixar neste frio pedaço de papel o nosso muito obrigado a NOSSA querida Escola Pedro Malozze.

Adriana Penninches
Professora de Língua Portuguesa
Idade: 45 anos
Profa.: Lucimara de Siqueira
E.E. Pedro Malozze



GENEROSIDADE GERA GENEROSIDADE

Tudo aconteceu em meados de... Nossa!!! Faz tanto tempo que não dá mais para lembrar. O importante é que jamais será esquecido...

Pedro Malozze! Essa foi a escola escolhida pela família de Dona Teresinha para ajudar a desenvolver e reforçar os princípios e valores para além da aprendizagem escolar necessária para participação de suas filhas na sociedade. Dona Teresinha e seu marido sempre foram pais participativos e envolvidos com as atividades escolares.

O que mais os emocionava era a fanfarra! A fanfarra do Pedro Malozze com certeza era a mais rica em beleza, cores, harmonia, felicidade e elegância... A baliza, meu Deus, a baliza era a caçula deles! Quanta desenvoltura, charme e leveza! A fanfarra tinha tudo o que dinheiro não podia comprar! Mas para participar de grandes concursos, isso tudo não bastava! Desfiles de fanfarras exigem brilho, plumas, paetês, veludos, botas e muito ensaio.

Foram à luta em busca desta realização... as roupas, a maquiagem, os penteados, os ensaios. Mas as botas..., as botas já estavam surradas! Mesmo assim, quanto orgulho dos alunos do Pedro Malozze, que se comprometeram a dar o melhor de si por esse desfile.

O desfile foi em Caieiras e estavam lá participando, escolas de vários estados brasileiros. Não seria fácil, pois as outras fanfarras também estavam maravilhosas!

Tudo pronto! Todos em forma e preparados! A ansiosidade tomava conta de todos. Só mais uma escola e depois o Pedro Malozze!!!

De repente um grito! Em frente aos jurados, a baliza da escola que se apresentava caiu, ficando impedida de concluir os movimentos. A filha da Dona Terezinha prontamente correu e se posicionou diante dos jurados. Lindamente se apresentou comovendo a todos pelo grandioso gesto para que a escola não fosse desclassificada. O público ficou encantado e visivelmente emocionado com a inesperada ação da garota.

Mas a história não parou por aí não... Assim que a escola terminou sua apresentação, todos os integrantes tiraram suas lindas botas, e emprestaram aos alunos do Malozze! A comoção desta vez foi maior ainda!

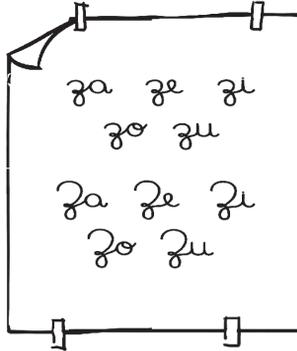
Histórias de Escola

A escola Pedro Malozze ficou em terceiro lugar no concurso. Esse resultado foi grandioso, mas não mais do que as ações assistidas por todos os presentes.

Mais do que um troféu por um desfile! Uma lição de humanidade, respeito, generosidade e encantamento diante de todas as “Histórias de Escola”.

Lucimara de Siqueira
Professora Coordenadora Pedagógica
Idade: 48 anos
Profa.: Lucimara de Siqueira
E.E. Pedro Malozze

Histórias de Escola



QUANDO FUI ALFABETIZADA

Meu nome é Gisele, tenho 31 anos e sou professora da Rede Estadual do Estado de São Paulo.

Comecei ir para escola com quatro anos de idade, na Educação Infantil na Escola Municipal Sérgio Benedito Fernandes de Almeida no bairro do Conjunto Santo Ângelo onde moro há 31 anos.

Adorava ir todos os dias para escola, para brincar com meus colegas e aprender cada dia mais.

Concluí a Educação Infantil e passei a estudar na Escola Estadual Lucinda Bastos no ano 1992.

Fui alfabetizada no sistema da “decoreba”, tínhamos várias lições, porém todos os dias, fazíamos o cabeçalho e todas as “famílias Silábicas”, fazia com capricho porque gostava dos elogios da professora que infelizmente não me lembro de todas, mas era bem tratada e me lembro do carinho delas e atenção.

Um dia chegamos ao final do ano letivo e com isso o final da Cartilha, e na lição das sílabas (ZA, ZE, ZI, ZO e ZU).

Sempre começávamos pelas sílabas simples e depois as compostas, a professora pediu para que fizéssemos a leitura de um texto dentro da lição do “Z”, e o texto tinha título “O Cartaz”.

Minha mãe trabalhava fora e eu ficava com uma tia, cheguei a casa dela almocei e sentei para fazer a leitura que a professora tinha pedido.

Quando abri a cartilha me deparei com a palavra “Cartaz”, não consegui ler e fiquei bem triste e minha tia brigou comigo.

Tive que esperar meu pai chegar do trabalho para me explicar como fazia a leitura e assim entendi, porém no primeiro momento fiquei angustiada por não conseguir ler e nenhum adulto para me ajudar.

Mas por fim deu tudo certo e no outro dia estava eu na sala de aula feliz por ter feito direitinho à lição de casa.

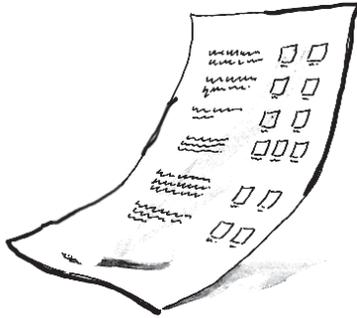
Resolvi escrever este relato porque nunca me esqueci deste dia e o quanto fui feliz em minha vida escolar como estudante e agora como

Histórias de Escola

professora tento transferir meu carinho e atenção aos meus alunos e agradeço a todos aos meus professores pela dedicação prestada para que me tornasse uma cidadã de bem.

E agradeço também a minha Coordenadora Professora Carmen por proporcionar este momento de lembrança, que sempre estará registrado comigo.

Gisele Rodrigues Nascimento
Professora Mediadora Escolar e Comunitário
Idade: 31 anos
Profa.: Carmen de Mello Miranda
E.E.Vereador Tadao Sakai



UM DIA DE PROVA

Alguns anos atrás, quando eu estava cursando o ensino superior de Pedagogia no ano de 2006 aconteceu um fato inusitado. Um dia de prova, cheguei à faculdade e a tutora de sala entregou a todos os alunos a folha de prova, começamos a realizar a prova. Passando mais ou menos duas horas de prova levantei-me e fui até a mesa da tutora e pedi o meu gabarito e voltei ao meu lugar.

Comecei a ler as informações do gabarito e observei que o meu nome estava equivocado, então fui até a tutora e disse:

- Tutora o gabarito está com o meu sobrenome errado, eu me chamo Carmen de Mello Miranda e no gabarito está Carmen...

Não me lembro do sobrenome só sei que não era o meu.

A tutora falou:

- Vou à outra sala para ver se o gabarito está lá. A minha tutora perguntou a outra tutora tem alguma aluna com o nome de Carmen?

A tutora respondeu:

- Sim, tem, ela já está realizando o preenchimento do gabarito.

A minha tutora levou um susto!

- Ela está resolvendo o gabarito trocado, temos que fazer a troca!

Mas o grande problema era que ela já tinha preenchido quase todas as questões.

Levou até a minha sala e explicou o que tinha acontecido que era para eu só terminar de completar, pois outra aluna já tinha praticamente feito.

No momento fiquei muito preocupada, pois não sabia se o gabarito estava com as respostas corretas, mas em algumas semanas chegou o resultado e por sorte fui bem na prova, quero dizer a outra aluna com o nome de Carmen.

A partir desse dia, sempre observo os dados pessoais da prova e do gabarito para que isso não se repita mais em minha vida.

Imaginem se isso acontecesse em concurso público!

Carmen de Mello Miranda
Professora Coordenadora Pedagógica
Idade: 50 anos
Profa.: Carmen de Mello Miranda
E.E.Vereador Tadao Sakai



RECORDAÇÕES

Recordações... Quantas recordações! Foi há alguns anos atrás. Ela se chama EE “David Jorge Curi”, minha escola querida, onde passei parte da minha vida. Lá estudei o Ensino Fundamental e Médio.

Meu último ano do Ensino Médio foi muito difícil, devido ao meu emprego em um restaurante no centro de São Paulo. Eram aproximadamente 200 km de ida e volta percorrido diariamente. Meu baixo salário era fundamental para ajudar meus pais no orçamento de casa, devido ao baixo salário de meu pai e minha mãe, devido aos sérios problemas no joelho, estava impossibilitada de trabalhar.

Em 2011, nossa escola tinha organizado uma festa de Halloween. E no dia tão esperado, cheguei muito cansado do trabalho e estava totalmente desanimado. Meus amigos insistiram para que fosse a festa, já que era praticamente o último evento do Ensino Médio.

Vencido pela insistência dos amigos, fui em consideração a todos os amigos, mas extremamente cansado, pois mal sentia minhas pernas e estava bastante sonolento. Decidido, passei na casa de um amigo que me emprestou roupas para fantasiar-me, já que não tinha condições financeiras para alugar fantasia e muito menos para comprar. Ele era integrante de uma banda de New Metal.

Olhei-me no espelho. Parecia um verdadeiro roqueiro. Camiseta preta do Iron Maden, pulseiras e um bracelete e sem esquecer o clássico tênis All Star. Chegando à porta da escola, pintei meu cabelo com tinta spray vermelha de outro colega. Aquela altura o sono e o cansaço desapareceram e eu estava muito envolvido com a música.

Luzes e fumaça completavam o ambiente montado pela escola. Músicas dos anos 60, 70 e 80 animavam jovens como eu que não viveram nesta época, mas dançávamos fazendo renascer aqueles velhos tempos. Este é minha recordação mais marcante.

A escola além de ensinar o currículo oficial, ensina também o currículo oculto que é a convivência e a socialização, gerando lembranças inesquecíveis!

Cesar Augusto F. da Costa
Professor de História
Idade: 23 anos
Profa.: Rubenilda Rodrigues Silva
E.E. Galdino Pinheiro Franco



AH QUE SAUDADES TENHO!...

Chego cedo ao trabalho e observo a minha volta. O ambiente totalmente vazio. Passo a caminhar pelos corredores e por um instante vem a minha memória uma cena que um dia me foi tão familiar.

Ouçó vozes, crianças, muitas crianças, todas em fila andando ordenadamente, uma atrás da outra e ao som ensurdecedor, parecido ao trem “Piui abacaxi, piui abacaxi”, e desciam as escadas que mais pareciam um paredão de tão altas que eram.

Observo uma garotinha bem magrinha, a menor da fila, rabo de cavalo, usando seu aventalzinho com o emblema da escola: EE GALDINO PINHEIRO FRANCO. Senta-se com sua amiguinha e ambas comem um lanchinho. “Vamos ao banheiro?” “Deus me livre, e a loira do banheiro?” Mas são interrompidas pelo som de uma canção – “Papagaio loro do bico dourado leva esta carta pro meu namorado” e ambas correm para entrar na roda. De súbito dispara o bom e velho sinal, anunciando que o intervalo acabara. Ah!... Que pena!

Automaticamente os alunos formavam filas em seus respectivos lugares e lá vinha a professora Elizabeth. Baixinha loira e de pele tão branca que até parecia ser transparente. De volta à sala de aula, a única indagação era: que horas vamos receber nossos livros, afinal a professora dissera que cada aluno receberia um livrinho, já que era dia do livro. Foram interrompidos pela voz da professora que pedia para que todos permanecessem quietos. Não tinha outro jeito a não ser esperar.

Engraçado, para criança o tempo não passa. Tudo parece demorar uma eternidade, até que dona Cacilda, a inspetora de alunos, como era chamada, pede à professora que encaminhem seus alunos ao pátio. Era a hora tão esperada!

Saíram da sala em fila, em silêncio, mas eufóricos. Do pátio, próximo à escada, lá no alto, estava a diretora da escola, dona Inês. Alta, esguia, tinha o rosto manchado com aquelas marcas do sol, porém muito sorridente. Após um pequeno discurso entregou aos alunos um livro e aquela garotinha com rabo de cavalo, pegou seu exemplar: “Reinações de Narizinho”, Monteiro Lobato e disse logo; quero ser professora! De súbito, ouço o ensurdecedor

Histórias de Escola

sinal. Hora da entrada. Lá estão meus alunos entrando na escola, correndo, gritando, e me desejando um bom dia. Os tempos mudaram!

Tania Aparecida Nagatani
Professora Coordenadora Pedagógica
Idade: 47 anos
Profa.: Rubenilda Rodrigues Silva
E.E. Galdino Pinheiro Franco



PALAVRAS QUE ECOAM...

Lá estava eu, entre o silêncio ensurdecedor de meus pensamentos, quando percebo que estou a balbuciar algumas palavras. Inicialmente com certa dificuldade, porém entre idas e vindas como um “disco riscado”, a sequência parecia aflorar de minhas memórias como o som marcante de um marcial, até que percebi serem parte de um hino. As palavras pareciam ter consigo a força de romper a barreira do espaço e do tempo e na estrada da memória me transportar aos tempos de “colégio”.

Tempos em que as filas eram construídas no pátio pouco antes da entrada do período, e que semanalmente o saudoso maestro e professor Caetano, quase que encantando com sua baqueta, nos fazia soltar a voz e como uma profecia entoar o canto: “Salve...Salve querido colégio...”

As palavras ganharam força, pois mais que professá-las, pareciam nos fazer “incorporá-las” e o respeito durante os anos refletia no convívio com colegas, funcionários e professores... A escola ia além dos muros, pois atingia a comunidade em seu papel transformador, a participação de todos para um resultado melhor se fazia evidente.

Então, as palavras ganharam força junto com as lembranças e... “Salve... Salve... querido colégio, magistral egrégio na vanguarda do saber, és orgulho de nossa raça manancial de graça que o Senhor veio nos conceder...”, enquanto o desejo de que os passos dados por seus “filhos” sejam por novos horizontes, fazia-me perceber que o sorriso nos lábios era fruto das boas recordações durante o tempo de minha formação.

Fernando Luiz de Souza Brito
Professor de Ciências
Idade: 45 anos
Profa.: Rosemary Pelegri Amorim
E.E. Professor Adhemar Bolina



A VIDA SEGUE

Escola Estadual Professor Adhemar Bolina, a escola que acolhe e escolhe o melhor para seus alunos, assim cheguei aqui em 1984, adolescente e cheia de sonhos, inquietações e com o propósito de cursar o Magistério.

Ah ... o Magistério..., alunas unidas, sonhadoras, comprometidas e realizadas nas somas das horas do estágio supervisionado.

Estudamos, nos dedicamos muito e em dezembro de 1987 quinze meninas, moças e mulheres saem para cumprir o papel de Educadoras. Todas seguem até hoje na área da Educação, seja na sala de aula ou na Direção, algumas já desfrutam da aposentadoria, outras caminham com a mesma esperança plantada há anos atrás.

Algumas trilham caminhos em outras escolas, outras permanecem aqui na escola Professor Adhemar Bolina, aqui eu me incluo.

Entretanto aquela que mais nos animava e lutava por uma educação cada dia melhor seguiu viagem antes de nós, mas temos a certeza que ela, Maria José, a nossa Zeza continua olhando por nós.

A saudade daqueles bons tempos bate forte, a ausência de muitos dói e a certeza de que tudo valeu à pena é muito maior que os dissabores que a vida nos apresenta.

Sou professora e tenho orgulho de ser.

Viviane Batista
Professora de Língua Portuguesa
Idade: 49 anos
Profa.: Rosemary Pelegri Amorim
E.E. Professor Adhemar Bolina



CONFUSÕES DO ENEM

Na primeira aula do período noturno, estava eu na 3ª série - A, do Ensino Médio, após a chamada, a coordenadora Madalena adentra à sala para solicitar aos alunos com interesse em realizar a prova do ENEM, que se dirigissem até a sua sala, munidos de seus documentos, pois ela iria cadastrá-los.

O aluno Denilson sai então para se inscrever e pouco tempo depois, ele retorna e diz o seguinte:

- Professora, dá licença? A Dona Madalena pediu para o próximo que vai fazer o NENÉM ir à sala dela.

what?



IBAMA AMERICANO

Durante a aula do professor Ricardo, na 3ª série do Ensino Médio, surge o assunto sobre o IBAMA e suas leis de proteção aos animais, pois a aluna que estava faltando, Larissa, havia retornado e brincavam com ela se a volta às aulas era porque o IBAMA havia liberado.

Ingrid questiona então, o que tem a ver o presidente dos EUA Obama Bin Laden com a Larissa.

Maria Angela Barzan

Idade: 54 anos

Professora de História

Profa.: Talita Taba da Silva Moretti

E.E. Benedito de Souza Lima



AUTISTAS E O MEDO DA BOLA!

O ano era 2011, em uma escola para autistas eu lecionava Arte, principalmente desenho, pintura, arte final e serigrafia. Era o último ano das escolas especiais, no ano seguinte os jovens autistas passariam a ser inseridos nas escolas públicas comuns. Em meio as discussões que se sucediam naquele momento de transição histórica para os especiais, alguns pais se apresentavam raivosos com a mudança, outros apreensivos, para os autistas nada disso interessava e sua rotina diária inalterável seguia, afinal a rotina de um autista é algo sagrado.

Pais de especiais estão sempre aflitos e cobram muito, reclamam muito também rsrs, em meio a reclamações na qual sempre fui atento e ouvidos, veio de algumas mães argumentos de frustração e tristeza do fato de seus filhos não jogarem bola na rua com seus coleguinhas, algo comum aos adolescentes, a famosa pelada.

Estes autistas já estavam conosco a alguns anos e as crianças estavam se tornando adolescentes, e porque eles não jogavam bola com seus amiguinhos? MEDO! Sim os autistas tinham medo da bola, pavor daquele símbolo nacional tão comumente afagadas pelos pés de milhões de crianças em todos países, a ausência da figura paterna no mundo autístico também contribuí de forma incisiva a certas complicações comportamentais, entre elas as relações do mundo masculino, o futebol.

Após algumas reflexões sobre as queixas das mães pensei, como ajudar? Não existe manual para trabalhar com autista, e o que fazer então? Atitude, seria talvez a palavra-chave, me questionei sobre o fator medo, sempre procurando o motivo do porque os autistas têm medo da bola de futebol, o caos instalava-se quando a bolava rolava, até que pensei em algo.

Pedi carta branca aos responsáveis, que me foi dado de prontidão, até que em uma tarde, mais precisamente depois do almoço, coloquei aqueles autistas (por volta de 25) em um paredão de aproximadamente dez metros, após colocá-los na parede peguei a bola e o olhar de desespero deles apareceu, me senti um carrasco prestes a fuzilar autistas, dei então o primeiro chute em suas direções, foi autistas correndo para todo lado, alguns com a mão na cabeça, outros olhando ao céu como que se aclamando um

Histórias de Escola

milagre para a sua salvação da tal “barbarie”, e os chutes se seguiram, um atrás do outro, um mais forte que o outro, a bola vez pegava na cabeça, as vezes na bunda, pernas, braços, rostos, nuca, costa, quando não explodia na parede, na cabeça deles algo como a bomba de Hiroshima.

Conforme foi passando o tempo, mudanças nos comportamentos apareceram, dias após dias colocavam eles no mesmo sistema do caos, até que... pouco a pouco eles foram percebendo que as bolas, não eram “bombas” ou “munição” que a bola, ao encostar em seus corpos, no máximo trazia leve ardência, que não iriam morrer por isso. Até que a mágica aconteceu! Pouco a pouco foram interagindo com a bola, se sentindo mais seguros, até que estavam jogando bola nas ruas com seus colegas.

Os anseios foram alcançados, não foi fácil, críticas no início ocorreram, mas perceberam que pelo amor ou pela dor, na vida se não mergulharmos no caos quando necessário, não veremos mudanças, e o medo sempre nos vencerá.

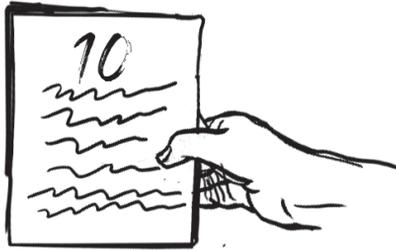
Sócrates Walter de Noronha

Professor de Arte

Idade: 41 anos

Profa.: Nádia Aparecida Borba Montes

E.E Prof. Sebastião de Castro



A CONVENÇÃO DAS T.I.A.S

Bons ou maus tempos? Incerteza. Antigamente ser estudante era duro só “passava de ano” quem conseguia somar o número mínimo de pontos. A cada avaliação a gente torcia para tirar pelo menos 5, e caso a nota fosse vermelha ...JESUS... A gente já ia rezando no caminho de volta para casa de posse do tal documento, datado e assinado pela professora, chegar em casa com uma nota dessas, significava no mínimo ouvir um sermão daqueles durante uma semana inteira, isso fora o vexame que a gente sentia ao perceber os muitos olhares dos “CDF”, com aquele sorrisinho entredado na boca de como quem quer dizer: -Eu te avisei para estudar !!!

Ano após ano “dedicação, suor e lágrimas”... ai,ai,ai ,seria um ótimo começo para o meu discurso, não fosse o abismo dos pontos que nos separavam. Logo eu, tão boa praça, estava pendurada no fim do ano na disciplina que melhor exercia em minha vida. A coisa que eu mais gostava de fazer era escrever e falar. Nossa, não sei mesmo como isso foi acontecer comigo em plena 8ª série. Já estava tudo combinado, fizeram até eleição ...Eu tinha sido a eleita para representar meus amigos de sala na formatura como “Oradora”.... ééééé infelizmente a realidade era que eu estava prestes a perder o ano, os planos feitos, o vestido mandado fazer e a festa de formatura....Tinha ido muito mal na prova. A professora de Língua Portuguesa não aliviou para mim... Aliás, eu tinha certeza de que ela estava adorando aquilo... Parecia vingança. Lembro até hoje quando recebi a fatídica notícia pela boca da Diretora dizendo que eu estava de recuperação e que teria três dias para aprender, decorar, treinar ou seja lá como fosse, para tirar uma nota 10... A professora não aceitaria nada mais nada menos do que um bom e sonoro “DEZ”. Nessa hora todos os sujeitos, predicados, objetos diretos e indiretos despencaram sobre meus sonhos ...Uma coisa era certa ... snif: eu tinha que estudar.

Quando cheguei em casa, com a pior cara que uma adolescente pré- formanda poderia ter, minha mãe que não era boba, percebeu e foi logo soltando o verbo,- Já sei , passou de ano com louvor”. Esperta demais, matou logo a charada de que eu não estava de férias e isso significava escalar todas as suas irmãs para me darem aula particular.

Histórias de Escola

Isso aconteceu algumas vezes....Contei a ela o meu fatídico desafio, nada mais nada menos, "DEZ"....essa era a exigência da queridíssima professora que me odiava. Eu tinha que concordar que dei alguns motivos. Minha mãe me olhou bem, por segundos que pareciam uma eternidade. Pegou no telefone e fez algumas ligações...chamou uma, chamou duas ...chamou todas! Minha nossa! Era a convenção das T.I.A.S (Tias Ilustres, Amáveis, Sabidas)...Minha lavoura seria salva? Incertezas no ar...

No dia seguinte, chegando da escola, avistei os carros de todas, certamente a minha espera, para o intensivo. Entrei já sendo sabatinada. Foram horas de exercícios, correções, devolutivas...UFAAAAA, cinco provas rrsrrsrs... todas sobre o mesmo assunto... Elas tinham vindo para casa de mala e cuia, sabe-se lá o que é isso??? TIAS prontas para atacar. Só saíam do campo de batalha ao atingir seus objetivos ..."Vencer o inimigo".

1988... 29 anos atrás, um destino traçado? Conseguiria eu romper com as barreiras da Língua e agarrar minha posição de oradora? Capítulos da vida real em meio a pensamentos transtornados pelo medo. Até em sonho eu estudava...reta final ...ZzZzZz.

Mal acordei, estava lá uma folha: Nome _____ nº ____ 8º série/ Avaliação de Língua Portuguesa. Li... Reli...Voltei a ler...Pausa fúnebre...Era eu e ela: a prova. Driblei a primeira questão, chutei a segunda, fiz a marcação da terceira, cabeceei a quarta mandei a décima para o golll !!!!!!! O campeonato seria meu? Já podia ouvir o grito da galera: Andrea! Andrea! Andrea! No fundo, os agitadores de torcida. Devaneios de esperança.

Entreguei a prova com secura na garganta. De posse de uma caneta vermelha a professora pegou minha prova nas mãos e começou a tortura. Acertei a primeira questão (GOL !!!!!), a segunda (GOL!!!!!!). Em cada acerto eu reparava o olhar desolado da outra parte. Tinha valido muito o esforço. Minha aprovação estava garantida. Corri para o abraço da torcida e agradei aos colaboradores (TIAS) pelo apoio, professora pela exigência e minha mãe pela organização da "Convenção das T.I.A.S"...Enfim... ORADORA da turma "uhuuuuuu!!!!!!"

Andréa Mariane Ramires Pavanelli
Professora Coordenadora Pedagógica
Idade: 44 anos
Profa.: Andréa Mariane Ramires Pavanelli
E.E. Maestro Antonio Mármora Filho



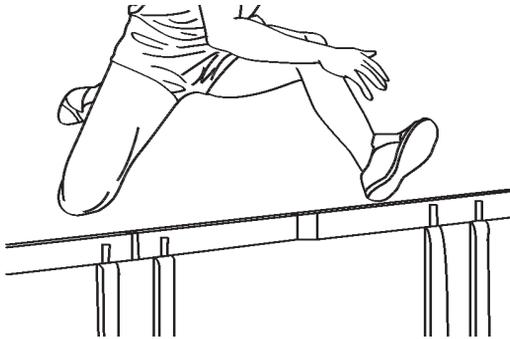
MEU TEMPO DE ESCOLA

Eu estudei a pré-escola e o ensino fundamental em uma escola muito tradicional da minha cidade, um colégio de freiras que por sinal, sempre foram muito rígidas. Era uma época em que a aprendizagem era pelo modo tradicional e as crianças que tinham dificuldade sofriam muito. Apesar desse método antigo, tenho muitas lembranças boas de lá e sei que foram os melhores anos de aprendizado da minha vida, os quais levei adiante no ensino médio e na universidade.

Fui bolsista integral por 9 anos, pois meus irmãos também estudavam lá e meus pais não tinham condições de pagar as minhas mensalidades integralmente. Por isso, quando estava no 7º ano, comecei a trabalhar ajudando a dona da cantina a servir os lanches na hora do intervalo. O pagamento era sempre um salgado e uma lata de refrigerante, sempre cinco minutos antes do intervalo terminar. Assim eu ajudava minha mãe a economizar e aprendia matemática do modo mais interessante possível: na prática. Me sentia muito feliz em poder ajudar a minha mãe e ao mesmo tempo alegre por poder comer aqueles salgadinhos tão maravilhosos que a tia Cleide e o tio Garcia faziam com tanto carinho.

São tantas recordações! Fazíamos aula de teatro, assistíamos a missa, participávamos de festas juninas, festa do sorvete. As aulas de Educação Física eram fantásticas! Tinha danças de ginástica rítmica (fita, bambolê, bola, corda). Com isso aprendi a gostar das danças, dos esportes. Foi uma fase incrível da minha vida. Ah se eu pudesse voltar no tempo! Só tenho a agradecer os meus pais por ter estudado em um lugar tão bom, com pessoas que guardarei sempre em minha memória!

Lícia Adlung dos Santos
Professora de Matemática
Idade: 31 anos
Profa.: Andréa Mariane Ramires Pavanelli
E.E. Maestro Antonio Mármora Filho



COMEÇAR E RECOMEÇAR

Eu não sei explicar, mas tudo que é novo, assusta!

Sai da nossa zona de conforto é dolorido e assustador, mas se faz necessário em alguns casos.

Depois de 4 anos lecionando em uma escola pequena, somente com anos iniciais, fui obrigada a me remover para uma escola maior, com poucas salas de anos iniciais e muitas de anos finais. A escola em que eu estava foi municipalizada e todos foram remanejados para outras unidades. Foi um caos! Muitos professores sem aula, alguns ficaram adidos e outros perdidos, como eu.

Cheguei ao Frei Thimóteo em 2012, encontrei muitas dificuldades tanto de aceitação como de adaptação, a princípio a recusa veio primeiro, pois eu carregava um grande preconceito, minhas experiências com anos finais e médio não foram agradáveis, tive que lutar comigo mesmo para entrar novamente em uma sala de 5º ano, mas em meio a tanta desconforto também havia algo a mais...

Os gestores também estavam em situações desagradáveis, porque acabava de chegar um batalhão, para todas as funções e alguém iria sobrar, em uma dança das cadeiras sempre sobra alguém não é?! Mas tudo foi se acomodando, eu tinha que encarar a realidade, mas para minha surpresa foi o melhor ano da minha vida!

Apesar de não me sentir aceita por todos do grupo docente, eu me sentia realizada com os meus alunos, exatamente seis quintos anos, todos no período da tarde. Que delícia, eram tudo e muito mais! Os corredores eram pouco para tanta energia, e nem as árvores escapavam, pura adrenalina, mas tínhamos uma fala única, todos nós, professores do período da tarde, éramos unidos e admirávamos o trabalho um do outro e foi assim que ganhei do “céu” vários presentes...Em meio a tanta correria, sobrava tempo até para compartilhar admiração e preocupação.

O ano acabou, e em 2013 algumas coisas mudaram novamente: a gestão mudou, os professores mudaram e eu também mudei. Passei por problemas particulares e grandes dificuldades com a minha saúde, mas me aproximei ainda mais da minha fé.

Histórias de Escola

O ano passou e outro se aproximou, meu desespero aumenta novamente, afinal, como categoria F, eu teria que ir embora, já que a efetiva dona do cargo se removeu. Meu chão estava caindo, só de pensar em ir para outra escola já me dava dores, mas em no último instante apareceu um anjo, aliás dois anjos que viraram meus diplomas do avesso e me atribuíram aula de História.

Mais uma vez o presente me apresenta um novo obstáculo, uma nova oportunidade que eu agarrei, sem olhar para traz, tive vários apoios, mas um deles foi muito especial, pois todas às vezes em que eu fraquejava, lá estava ela, pronta para me amparar com um abraço inexplicavelmente confortador.

Esse anjo também passava por momentos de adaptação e aceitação, mas nunca se recusou a ajudar com uma palavra que fosse. Durante o ano tivemos ingresso, eu perdi as aulas de história e ganhei duas salas de Língua Portuguesa e completava com as aulas de eventual.

Mais um ano que vai e outro que vem, mais mudanças, agora sem chances de ficar no Frei, pois com os ingressos passamos a ter 99% de efetivos e eu teria que ir embora. Meu desespero começa novamente, minha saúde fica fragilizada e eu, sem saída, após várias atribuições sem sucesso, para minha alegria volto para o Frei como PA. (Professora Auxiliar), mas tenho que admitir tive uma enorme ajuda do “céu”, foi um ano difícil, turbulento e desgastante que chegou ao final com novas preocupações.

Em 2015 depois de muitas lágrimas e muita fé, ganhei um presente divino: a sala de leitura, que me realizou. Consegui respirar novamente, me aproximei dos meus antigos alunos e tive o prazer de contribuir com a formatura dos mesmos. Que alegria em poder vivenciar um momento tão importante e saber que fiz parte, estive presente e fizemos histórias juntos.

Permaneci dois anos na sala de leitura e aos poucos ganhei saúde e vontade de mudar, de ousar... Entreguei proposta para a coordenação e para minha surpresa fui escolhida... Estou na coordenação do Frei Thimóteo, este ano foi abençoado com muito conhecimento e crescimento, e o melhor de tudo é saber que os amigos que ganhei continuam ao meu lado e os anjos também.

Viviane de Siqueira Rodrigues
Professora Coordenadora pedagógica
Idade: 34 anos
Profa.: Viviane de Siqueira Rodrigues
E.E. Frei Thimóteo Van Then Broeck



NEM SEMPRE O ÓBVIO ACONTECE!

Durante minha trajetória como educadora sempre busquei desafiar meus alunos, a fim de levá-los a entender situações do cotidiano como um cenário da aplicação dos conceitos aplicados em sala de aula.

Foram incontáveis as vezes que ouvi comentários a respeito do melhor aproveitamento, que alunos de regiões centrais apresentavam e também, como ponto fundamental para tal situação o comprometimento dos pais sobre a vida escolar do aluno. Semana dessas, após sugerir sucintamente, a uma de minhas turmas, que pesquisassem certo assunto para sequência na aula seguinte, com a certeza de quais seriam “portadores” das respostas.

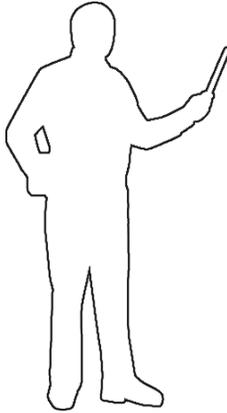
Então, a vida de educador sempre nos reserva surpresas, às vezes ruins, mas quase sempre boas. Cheguei à sala, da citada turma e perguntei, já com os olhos voltados para o alvo, que eu pensava ser o certo e perguntei: alguém se lembrou de fazer a pesquisa que sugeri na aula passada?

Qual não foi minha surpresa, quando alguns braços, já tão conhecidos, não se ergueram. Surpresa maior ocorreu, quando uma mão desconhecida e muito encabulada, ergueu-se no canto esquerdo da sala, bem próxima à janela.

Não! Exclamei, já vão pedir-me para ir ao banheiro ou beber água. E qual não foi minha surpresa e satisfação profissional, quando o aluno levantou-se e discorreu sobre o tema da pesquisa, com riqueza de detalhes.

Nesta profissão, com toda certeza, devemos estar prontos para momentos como esses em que nem sempre o óbvio acontece se torna constante o descobrir e aprender.

Maria Antonieta Cipullo Jeronymo
Professora de Ciências
Idade: 56 anos
Profa.: Sheila apada da silva tassini
E.E. Profa. Vânia Aparecida Cassará



ALGUÉM ENXERGA O PROFESSOR?

No alto de minha humilde cátedra, tinha certo que nem todos os alunos aprendem da mesma maneira, uns com maiores necessidades e outros com aptidão que julgava ser fruto de um bom trabalho dos mestres que me antecedem.

Naquele dia, parecia ser um dia como qualquer outro. Como de costume entrei na sala de aula. Nela, entre os alunos talvez, a priori, sem querer rimar os termos (priori/piiores), os piores alunos que qualquer professor poderia imaginar.

Sentei-me e dirigi-me aos alunos com sorriso no rosto, dizendo-lhes um sonoro "Bom Dia". Como de costume ninguém ouviu não me incomodei afinal já estava acostumado a não ser ouvido. Ah! Antes que me esqueça, sempre digo que a ciência e a ficção científica sempre imaginaram a possibilidade de que uma pessoa pudesse ficar invisível e até hoje não conseguiram seu intento. Pensava –Ei! Cientistas! Olhem pra nós professores! Em certos dias, ou melhor, quase sempre somos invisíveis e nem fazemos uso de conhecimentos científicos para isso. Querem a formula da invisibilidade? Eu a tenho: tornem-se professores!

Naquele sala havia um aluno que eu julgava ser um dos piores da sala, imaginem.... Se a sala era ruim, ele ganharia o concurso do pior dos piores sem dúvida. Naquele dia, ele estava pior do que de costume, só faltava botar fogo na sala, ou melhor, botou, botou e foi levado para diretoria.

Pra meu espanto, ao retornar, aquele aluno mudou seu comportamento. De imediato do nada, contou-me sua história, disse-me que seu pai estava preso e que desde a idade de quatro anos não tinha mais contato com ele, sua mãe trabalhava em dois empregos para sustentar sua família e tinha mais cinco irmãos, o mais novo nascido com uma doença rara que necessitava de um atendimento continuado e de muita atenção.

Assim, como num passe de mágica, eu que me considerava invisível passei a ser enxergado e passei a enxergar Diego Souza e não mais o número 23. Comecei a entendê-lo melhor. Passei a entender que assim como eu, professor, muitos alunos sentem-se invisíveis acreditando que ninguém vê seus problemas.

Alfredo Miranda Martins

Professor de Língua Portuguesa

Idade: 59 anos

Professor responsável: Alfredo Miranda Martins

E.E. Historiador Isaac Grinberg



A FORMATURA

O ser humano, ser diferente, cada um com sua crença, sua opinião e em um local onde se concentram muitas pessoas, isso é mais difícil. A escola é um lugar assim, onde temos diferentes pessoas e precisamos ser diferentes também, às vezes mãe, psicóloga, enfermeira, amiga e tudo mais.

Cada dia conhecemos crianças com problemas e cada um que nem imaginamos que ela possa passar, por fora a escola parece ser um lugar seguro e onde podemos deixar nossos filhos, mas para ser verdade, há dentro uma luta diária para mantermos nos jovens longe da violência, das drogas que insistem em invadir nossos muros, tentamos de todas as formas prever situações conflituosas e manter a escola um porto seguro.

Há quatro anos trabalhando na escola Paulo de Oliveira Mello, conheço bem os alunos e os respeito e eles também me respeitam, sei que gostam de mim, pois sempre que tem algum evento querem que eu esteja lá.

E falando em evento... Primeira formatura que houve na escola. Nela fizeram questão da minha presença.

No dia da Colação de Grau, foi um dia muito especial, percebi o quanto faço a diferença. Ficamos enfileiradas esperando a chamada e a cada instante a emoção aumentava, a cada chamada de professores, direção havia um grande alvoroço lá dentro e com isso a emoção só aumentava, mas quando me chamaram, ao entrar fui ovacionada. Senti-me lisonjeada.

Às vezes penso em parar de trabalhar em escola, mas fico pensando em momentos como este que fazem a diferença na nossa trajetória tanto pessoal quanto profissional e também nos outros alunos, do dia a dia, que sempre vêm conversar, desabafar, contar problemas e alegrias, logo entendo que estou onde devo estar.

E assim é a escola, um lugar cheio de emoções...

Ana Regina da Costa Silva
Agente de Organização Escolar
Idade: 54 anos
Profa.: Maria Aparecida da Silva Barbosa
E.E. Professor Paulo de Oliveira Mello



EDUARDO

Histórias..., como gosto de ler e contar histórias.

Esse é um momento em que me encontro e percebo quantos encontros proporciono...

Numa dessas contações que ocorrem na escola, tanto na sala de aula, quanto em oficinas de leitura consigo me lembrar de Eduardo.

Ah Eduardo, como gostava de tomate. Digo isso, porque ele levava todos os dias um tomate para a escola para comer no intervalo.

E sabe qual a melhor parte de levar um tomate para o intervalo?

É que ninguém pedia para dividir.

O Eduardo foi um aluno especial. Especial por possuir alguma necessidade educacional e especial porque me mostrava, a cada leitura que eu fazia, as inúmeras possibilidades imaginativas que uma leitura pode ter/ trazer.

No começo, os comentários que Eduardo fazia incomodava-me muito, pois tirava a atenção da classe, tirava o foco no texto e, muitas vezes era impossível de continuar.

Mas, a partir do momento em que eu entendi como a mente dele funcionava, Eduardo passou a fazer parte das histórias e os alunos ouviam a minha leitura, mas assistiam as interpretações dele. Eduardo vivia as histórias, ele tinha a certeza de que estava e/ou podia interagir com os personagens e, que suas ações podiam mudar o rumo dos acontecimentos.

Um dos momentos mais marcantes, foi na leitura da história João e Maria. E o fato do Eduardo já conhecer a história, tornou-o mais real. No momento em que as crianças encontraram a casinha de doces, Eduardo saiu de sua cadeira, caindo de joelhos no chão, suas mãos passavam pelos seus cabelos, de cima para baixo, numa expressão de pânico e ele dizia com uma voz falha:

- Não! Não cheguem perto dessa casinha. Tem uma bruxa lá que vai tentar comer vocês! Saíam enquanto ainda dá tempo!

Foi uma encenação perfeita, digna de um Oscar.

Eduardo continuou na escola por mais 2 anos, vivendo as histórias intensamente, assim, como deve ser a nossa vida.

Claudia Regina Gomes Barbosa

Professora de Educação Básica I

Idade: 36 anos

Profa.: Maria Aparecida da Silva Barbosa

E.E. Professor Paulo de Oliveira Mello



RELATO DE MEMÓRIA

Cheguei na E.E. Paulo Tapajós em janeiro de 2014. Entusiasmada com tudo que vi, fiquei, também, assustada sabendo que teria que manter o alto índice de desempenho deixado pela gestão anterior. Uma escola limpa, agradável, crianças que se comportam como crianças, professores comprometidos, animados e responsáveis, pois ficavam praticamente o dia todo na escola por ser de Tempo Integral.

As festas que aconteciam eram um evento à parte. Muita participação de todos. Podia contar com uma equipe maravilhosa, até que em 2016 deixamos de ser Escola de Tempo Integral para ser escola regular com dois turnos. Até este momento podia contar com as coordenadoras dos Anos Iniciais e Finais onde podiam tratar das demandas pedagógicas e com a mediadora que trata das relações interpessoais da escola.

A escola, de uma forma tranquila e de qualidade, caminhava nos avanços dos desempenhos dos alunos. Nesta jornada, até aqui, aprendi muito. Cresci. Lógico, ainda tenho muito a aprender, principalmente a conhecer as pessoas e saber lidar com elas. Neste período, meados de 2016, fizemos uma horta linda e produtiva com a verba do Programa Mais Educação, junto com os monitores e alunos.

Organizamos um simples e lindo coral e uma bandinha, que faz apresentações em eventos pequenos da escola. Hoje, estamos numa situação de crise, não muito confortável, com defasagem de funcionários, equipe gestora, pouca participação da comunidade, troca de vários professores em uma única classe, falta de verba, etc... Agora, assumo várias funções e entendo que quem tem várias atribuições, talvez não faça bem uma delas.

Mas, por trás de tudo isto, sempre tem a ajuda de algumas pessoas que te move, te anima, te mostra que sobrevivemos diante das crises. Ainda acredito no ser humano e anseio por um mundo melhor que virá através dos alunos que são nosso objeto de trabalho.

Tento trazer para os professores bons exemplos, modelos e atitudes de transformação para uma prática exitosa em sala de aula e um olhar atento para os nossos alunos. A experiência que tenho vivido na gestão da E.E. Paulo Tapajós, me traz, ao mesmo tempo, muitas sensações boas e ruins. Sempre me

Histórias de Escola

preocupei com a formação dos professores. Fui coordenadora dos Anos Iniciais por 8 anos e estou a 4 anos na direção desta unidade escolar. O programa Ler e Escrever foi a melhor coisa que a SEE promoveu. Acredito muito nas sequências das atividades e nos projetos e logo chegou o Ensino da Matemática dos Anos Iniciais para agregar na aquisição de conhecimentos matemáticos para os alunos de forma diferente e divertida.

Estou sempre aberta a aprender para ensinar. Não guardo nada para mim. Só guardo as recordações de uma profissão que escolhi por amor e creio, por dom.

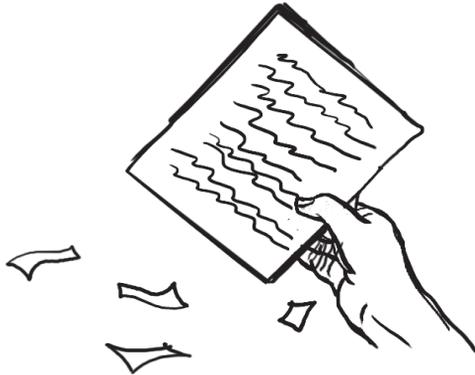
Elis Regina dos Santos Martins

Vice-diretora

Idade: 52 anos

Profa.: Elis Regina dos Santos Martins

E.E. Paulo Tapajós



O ÚLTIMO ADEUS A TANCREDO

Hoje, lembrei-me da infância. Acho que é devido ao fato de que o Dia das Crianças está chegando e, querendo ou não, paramos para relembrar os melhores anos de nossas vidas.

Embora eu seja professora, peguei-me pensando numa história de quando eu era aluna e cursava a 7ª série. Voltei no tempo e consegui sentir até o cheiro da folha nova de papel almaço, ouvir os barulhos da sala de aula, a voz imponente da minha professora de História, dona Ester, e dos rostos preocupados dos meus colegas de classe.

Vou contar o porquê da preocupação de todos. Um dia antes deste relato, morreu o então candidato à Presidência da República pelas “Diretas Já”, o senhor Tancredo Neves. Eu me recordo que tanto para os professores, quanto para a minha família, Tancredo seria o socorro na tempestade que o Brasil estava passando com a ditadura e com o militarismo. E morreu!

Era dia de prova de História, mas achamos que nossa professora estaria abatida e de luto pelo então falecido candidato que seria o salvador da Pátria. Presumimos que não haveria prova, pois choraríamos sua perda junto com a professora, querida dona Ester.

Infelizmente, não foi bem assim que aconteceu. Nossa professora chegou sim, chorosa, triste, lamentando a perda, mas incrivelmente, não se esqueceu da prova.

Foi um corre, corre danado de todos os alunos tentando ler na velocidade da luz toda a matéria que iria cair na prova. Resolvi que era hora de pôr em prática a curiosidade que sempre tive em saber como seria “colar”.

Lá fui eu, escrevendo com letras mínimas em minúsculos pedaços de papel tudo o que eu não lembrava. Com muito custo e com uma velocidade que até hoje não consigo entender como fui capaz, registrei tudo e um pouco mais do conteúdo da prova. Coloquei milimetricamente lado a lado dentro da folha de almaço e aguardei ansiosamente o início da prova. A professora começou então a caminhar por entre as fileiras de carteiras, cada vez mais triste. Lágrimas escorriam por suas faces. Parou ao meu lado e meu coração, também, parou neste mesmo instante.

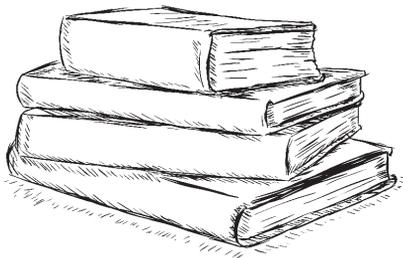
Com sua grande e potente voz de professora disse: - Vamos dar o

Histórias de Escola

nosso último adeus a Tancredo. Levantem e abanem para o céu suas folhas e digam adeus.

Foi então, que pegou a minha folha e a abanou para o céu. Não sei com que cor fiquei quando vi aquela quantidade imensa de pedaços de papel voando pelo ar como pombas brancas representando a paz neste momento tão triste para a nação. Mas não pude deixar de sorrir, quando percebi que as minhas colas se juntaram a centenas de outras colas dos meus amigos.

Eliana Prado
Professora Coordenadora Pedagógica
Idade: 46 anos
Profa.: Eliana Prado
E. E. Francisco Ferreira Lopes



ESQUECI DA CALIGRAFIA

Em fevereiro de 1975, às cinco horas da manhã, lá estava eu, em pé, pronta para colocar o uniforme azul e branco, e comer um feijão com farinha, que minha mãe com todo carinho fazia para comermos e sair para à escola, que ficava a seis quilômetros de minha casa.

Lembro-me até hoje, que para aquilo descer garganta abaixo, ela semeava açúcar por cima do feijão e comíamos rápido, porque a caminhada era longa e cansativa, mas tudo valia a pena, o desejo de aprender a ler e escrever me corroia por dentro.

Chegando à escola, a professora Eunice, se apresentou e dividiu os alunos por fileiras, uma para cada ano escolar e eu pequenina e feliz corri e sentei bem no primeiro banco a espera das primeiras letras, mas lá só chegou “morrinhos” que fiz rápido e já chamei a professora que passou um monte de “lacinhos” e “voltinhas”. Quanta decepção, cadê a palavra?

Um mês se foi e eu desesperada e nada da professora passar as palavras! Como poderia aprender daquele jeito? Coitadinha de mim! Com a ânsia de aprender as palavras esqueci da caligrafia, do fazer o traçado de cada letra direitinho...

Mas como quem quer vai a Roma, convenci meu irmão a me ajudar. Na volta da escola andando debaixo daquele sol quente, enterrava os pés na areia para refrescar e aí descobri que com os dedos e a areia poderia desenhar as letras e até palavras. Mas qual aprender primeiro?

Como haveria na escola uma comemoração a professora passou a cantar conosco uma música do padre Zezinho e aí não deu outra! Poderia escrever as palavras mais bonitas e assim foi. Cada dia queria aprender uma palavra diferente e ia escrevendo pelo caminho na areia quente e fofa.

Quando penso que não, já sabia muitas palavras para minha alegria e surpresa da professora, que passou a me pedir ajuda para auxiliar os coleguinhas, que não saia dos tais morrinhos. E eu prontamente a auxiliava.

O ano transcorreu sem muito mais novidades, só eu querendo ler tudo que passava pela minha mão, o que era pouco. Escola de roça é sempre sem muitos recursos e assim foram os anos seguintes, mas chegou o final do terceiro ano e não haveria mais escolas para mim. Teria que ir para a cidade

Histórias de Escola

para continuar os estudos. E aí, o que fazer? Meus pais não iriam mudar para a cidade para que pudesse continuar, mas eu não poderia parar...

Mamãe me ajude!

Meu pai interveio e disse:

- Vá minha filha! Até a oitava série, eu dou escola para vocês.

Quanta tristeza e alegria tudo junto! Poderia continuar a estudar, mas teria que ficar longe dos meus pais e irmãos menores. A vontade de aprender foi maior e lá vai eu morar na cidade.

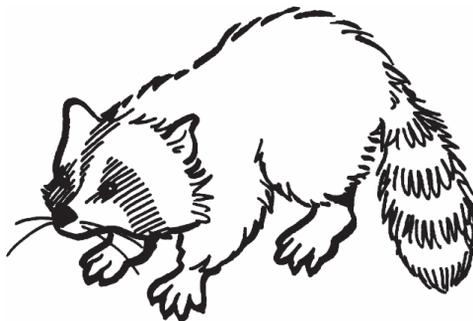
Para me compensar da solidão encontrei como professora de quarto ano a dona Nina que me apresentou os livros de leitura e mostrando com a leitura do livro "O menino do dedo verde", de Maurice Druon, que poderia ser como quisesse e estar onde sonhasse. E não deu outra, os livros passaram a fazer parte de minha vida é por isso que incentivo tanto meus alunos a ler. Hoje sou a professora Helena!

Helena Maria de Fátima Ferreira

Idade: 48 anos

Professora de Língua Portuguesa

E.E. Profª Vânia Ap. Cassará



MOMENTOS INESQUECÍVEIS DE UMA PROFESSORA ALFABETIZADORA

Eu professora do Ciclo I, no início da minha carreira no magistério, em meados de 1991, ainda muito jovem, em uma escola localizada no bairro do Rio Acima, “Profª Ana Maria de Azevedo Viné Carrare” na periferia de Mogi das Cruzes, em um bairro rural, onde o transporte era muito difícil, saía apenas um ônibus do centro da cidade, muito cedo, e quando este quebrava o acesso era realizado apenas com carona, porém foram momentos muito difíceis e marcantes.

Nesta escola, fazíamos todo tipo de serviços, desde cuidar da alimentação dos alunos, limpeza da escola, além de cuidarmos da educação dos alunos, éramos em duas professoras.

Quando chegávamos na escola, ainda estava muito escuro, sempre éramos saudados pelas corujas e morcegos. As aulas de matemática, eram as que eu mais gostava, lembro-me que utilizávamos os alimentos como material didático; para ensinar; unidade, dezena, sistema de numeração decimal e criação de situações problemas. Nas minhas aulas, eram utilizados cenouras, ovos, bananas e chuchus, que depois das aulas, esses alimentos eram utilizados para a preparação da merenda.

Não podia de deixar de retratar que eu estava lecionando em uma região chamada de Cinturão Verde, local de muito plantio, que abastecia e ainda abastece com verduras toda a grande São Paulo. Na escola havia muito espaço, como o pátio, área ao redor da mesma, e assim era possível ensinar unidade de medidas e metros, onde eu solicitava aos alunos que me ajudassem pegando pedras para demarcar as contagem dos passos, definindo assim as metragens.

Não havia muitos materiais pedagógico, muitas vezes eu levava livros usados e jornais que ganhava e com o pouco que conseguia, ia adaptando ao conteúdo programático das séries que lecionava. Houve uma época, em que meu irmão trabalhava com caminhão no transporte de verduras, buscando no Rio Acima e levando para o CEASA em São Paulo, as vezes conseguíamos esta carona para eu e a outra professora, e quando o caminhão atolava no barro, coitadinha de nós, lá vamos amassar barro. Era no caminho de volta, que vamos limpando as mãos e unhas marcadas pelos “materiais didáticos” utilizados.

Certo dia, já sem a carona, fui trabalhar de ônibus, quando cheguei a escola, me dei conta que só havia eu e os visitantes, pois era feriado... Como

fazer para voltar para casa? Tive que andar quilômetros para chegar à casa de um aluno e pedir aos pais dele para levar me de volta à cidade. Eram tantas emoções, entre um dia e outro, num belo dia, apareceu na porta da minha sala de aula, um novo visitante, uma falsa coral, acredito que ela estava tentando assistir um pouco da minha aula, mas que ironia, essa cobra acabou tornando-se, conteúdo para várias aulas, na minha mesa dentro de um vidro com álcool, envolvida por vários trabalhos de pesquisa realizados pelos alunos, assim as nossas aulas de ciências tiveram um bom rendimento... Pensam que acabaram as emoções, que nada...

Numa manhã ensolarada, lá estava eu ensinando utilizando dos materiais didáticos que eram possível, de repente; comecei a ouvir muito barulho feito pelos cachorros, vindo do outro lado da rua, barulho que acabaram interferindo a minha aula, os alunos já não estavam mais concentrados, logo achei por bem interromper a aula e iniciarmos o intervalo. No pátio, na hora do intervalo, os cachorros continuavam latindo sem parar, que acabou paralisando até mesmo o intervalo dos alunos, logo deduzi que deveria ter algo do outro lado da rua num riacho, logo eu e os alunos, fomos ver o que estava acontecendo, para nossa surpresa, avistamos um bichinho dentro do riacho, assustado, emitindo sons demonstrando medo, daquela matilha. Logo começamos a tocar os cachorros, chamando-os pelo nomes, para afastar daquele pequeno animalzinho indefeso, ainda desconhecido por mim. Até que um aluno teve uma ideia, de pegá-lo e por em uma caixa de papelão, pois ele apresentava estar machucado. Eu toda preocupada com aquele bichinho, concordei, sem que pestanejasse, logo aparecera em minha frente uma caixa. Até aí, tudo bem, o que eu não havia pensado, era no que fazer com o bichinho desconhecido, eis que os alunos falaram ; professora leva para sua casa.

Eu ainda movida pela emoção, resolvi levá-lo para casa, então voltamos para aula, já com o bichinho dentro da caixa me esperando até o final da aula.

Quando me deparei com uma questão; estava de ônibus, como fazer para levar aquele bichinho silvestre? Resolvi ir em frente, fui para o ponto de ônibus com a caixa nas mãos. Quando dei sinal para o ônibus, fui primeiramente falar com o motorista, como ele era conhecido, se comoveu com a minha boa ação e deixou-me levar aquele animalzinho até o centro da cidade.

Que sufoco! Num certo lugar, já com o ônibus andando, balançando, barulhento e lotado, o danadinho resolve dar umas chacoalhadas, cada momento que ele se mexia eu levava um susto.

Até que enfim, cheguei até o centro da cidade. Pensei; agora é só andar uma meia hora já chego em casa.

Lembro-me que neste dia, eu estava usando pela primeira vez uma blusa branca de lã, que infelicidade, quando já estava na metade do caminho de casa, o danadinho, novamente deu umas mexidas e quando olho para a minha blusa a mesma estava toda amarelada e eu não entendendo o que era aquilo e ao mesmo tempo assustada querendo chegar logo.

Vou confessar uma coisa, eu estava muito feliz por ter socorrido o bichinho e já pensando que eu iria poder cuidar do mesmo se estivesse machucado.

Ao chegar em casa, logo avistei o meu querido pai, imediatamente fui falando; olha pai, o senhor não adivinha o que eu trouxe nesta caixa. O meu pai foi logo perguntando o que era, e eu respondendo, disse que era um bichinho

que encontrei no riacho próximo da escola.

Quando meu pai foi olhar o bichinho na caixa, o mesmo emitiu um som forte, como se fosse um gato bravo, meu pai se assustou e me falou; esse bichinho é um Guaxinim, muito perigoso, ele come cobra e se ele fizer xixi, ninguém suporta o cheiro, além de ficar impregnado.

Quando me atentei com aquele amarelão na minha blusa, me dei conta que era o bichinho que havia feito xixi, logo fui tirando-a e coloquei no tanque com água e sabão, pensei... perdi minha blusa nova!

Isso ainda não foi o pior, tive o maior transtorno até anoitecer, fiquei no desespero ligando para todos os lugares possíveis, que pudessem aceitar o animalzinho que já sabia o nome, Guaxinim.

Liguei para as Universidades, centro de zoonose, parque municipal, etc. Para minha sorte, tive a brilhante ideia de ligar para o corpo de bombeiros e consegui falar com uma pessoa que já conhecia e se prontificou em me ajudar.

Além de ficar o dia todo para resolver a situação, não consegui almoçar e até perdi as minhas aulas na Universidade.

Quando de repente, chega dois caminhões de bombeiro com sirenes ligada, saindo vários homens do caminhão entrando em minha casa com uma gaiola de ferro enorme, como se fosse pegar uma onça ou algum animal muito grande e perigo.

Até que enfim, consegui resolver a situação, podendo socorrer o pequeno Guaxinim, ufa!!! Com essa história, pude aprender que os visitantes daquele lugarejo, não eram as corujas, morcegos, cobras e Guaxinim e sim, eu.

Vera Lúcia Fernandes de Souza
Diretora
Idade: 50
Profª. Gislene Maria dos Santos
E.E. Prof. Claudio Abrahão



CHURRASCO NA SALA

Podem não acreditar por escrito, porque acham ser uma invenção, mas, juro eu que gosto de provar que tudo é possível enfrentei esse desafio de fazer o churrasco na sala.

Tudo começou em uma conversa entre amigos, onde o assunto era churrasco na casa de alguém para termos onde ir. E nesse dia estávamos numa roda jogando UNO e disseram “ só faltou um churrasco”, e então surgiu essa ideia. Muito tempo se passou e nada acontecia, acabamos a escola e só teria ficado em fotos.

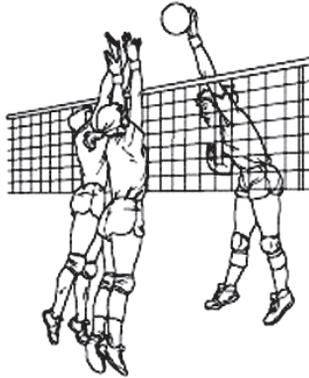
No início do segundo semestre do ano de 2017 eu consegui estudar na ETEC, e sempre lembrando das palavras ditas no ano anterior.

Enfim, depois de me matricular só esperava pela oportunidade certa e a elaboração de alguns amigos de sala. Uma de nossas professoras solicitou uma apresentação de um restaurante que um grupo criasse. E ainda mais, solicitou um dia de degustações dos produtos que era vendido em cada estabelecimento, ou seja, uma oportunidade magnífica para a proeza que esperava para realizar.

Dia da apresentação todos um pouco tensos, e eu como? Com frio na barriga, pois ninguém tinha feito algo desse tipo antes, até pessoas do meu grupo diziam “não dará certo, esquece isso”, mas eu nunca ouvia, pois pensava que os mesmos eram pessoas “clichês”, e de humanos “iguais” já estava cheio, é necessário pessoas diferentes.

Portanto, realizei o churrasco, todos gostaram, número um de todos as apresentações, e um grande prazer de satisfação em saber o que foi um ‘sonho’ bobo de escola, se tornou em uma apresentação de primeiro lugar.

Wilson Alexandre Loesh
Funcionário da Cantina
Idade: 18 anos
Profª. Luciara Carla Gonçalves
CEEJA Mogi das Cruzes



UM DIA DIFERENTE NA ESCOLA

Já faz algum tempo desde o tempo da escola, mas posso recordar-me muito bem do que um grupo de amigos podia fazer com determinação e força de vontade.

No início do século XXI um grupo de amigas se reuniu para um campeonato de vôlei de praia. Todas nós tínhamos um só objetivo que não era ganhar o torneio, e sim conhecer o prefeito de Mogi das Cruzes, pois o mesmo iria comparecer no dia do evento.

No entanto, tivemos que passar por alguns apuros, como: treinamentos pesados, a professora cobrando resultado e algumas tirações de sarro, mas, com todos esses os obstáculos nós, o grupo de amigas estávamos sempre focadas e não desistíamos.

Enfim, o dia do campeonato, todas as garotas preparadas, visando a vitória. O jogo começa e após muito esforço, muito tempo nós perdemos, mas ainda estava tudo sob controle, pois o objetivo não era vencer o campeonato.

Portanto nunca desista dos seus sonhos, pois mesmo com a derrota nos jogos, o prefeito tirou foto com cada uma da equipe, pois sempre falam “o importante é se divertir”, diante de todas adversidades, o nosso sonho se realizou e por nosso mérito,

Siga seus sonhos e acredite que tudo vai dar certo mesmo dando errado as vezes, tudo dá certo no final!

Caroline Abussanra Gomes
Responsável pela Cantina
Idade: 29 anos
Profa. Luciana Carla Gonçalves
CEEJA Mogi das Cruzes



MINHA VIDA NA ESCOLA.

Minha cidade de nascimento foi Suzano, mas foi em Mogi que fui educado. Fui uma criança amorosa e gostava da escola, infelizmente não tive êxito nos estudos. Tenho apenas o diploma da 7ª série (oitavo ano) . Por muito tempo não dei a devida importância nos estudos. Minha mãe criou cinco filhos, sem esposo e por conta disso tínhamos quem cuidava de nós cinco sem se preocupar direito, não sei bem se isso influenciava na escola; só que não fui um bom aluno. Minha mãe fez tudo que pôde (acho) para me ajudar, mas não deu muito certo. Estudei em pelo menos sete escolas até sair de casa aos 14 anos. Fui expulso de uma escola em Jundiapéba e muito rebelde em todas as outras. Infelizmente não tenho boas lembranças desse período. Acho que meu Pai fez muita falta na minha educação, mesmo assim, tenho comigo que a escola é um bom lugar.

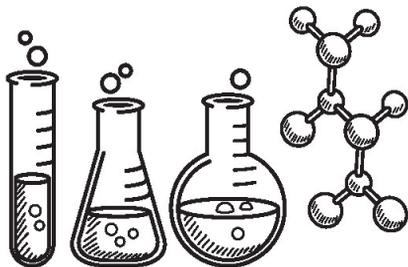
Hoje, estou matriculado no CEEJA junto com minha esposa; pretendo terminar o Ensino Médio e quem sabe me formar no ensino superior.

Agradeço a vocês, por cuidarem do meu filho, e dar a ele tudo que precisa em termos de conhecimento.

Gostaria muito de ter a idade dele de novo e poder fazer tudo diferente. Uma das primeiras coisas que faria é “não ser amigo dos que fui na escola”, com certeza não me ajudaram em nada. Gostaria mesmo é de ser amigo dos professores, assim hoje seria talvez um doutor e não um “Biscateiro”.

Espero que meus filhos possam fazer e ser o que eu não fiz e não sou.

Cayus Vinicius Eroles
Pai de aluno
Idade: 41 anos
Prof. Valdenis Silva
E.E. Profª. Lucinda Bastos



MINHA ESCOLA, MINHA VIDA

Em 1987 inicia-se minha vida na Escola Estadual Professora Lucinda Bastos. Lembro até hoje dos meus professores do ensino fundamental I, Vera Lúcia, Maria Assunta, Solange e Raquel. Foi ainda neste período que tive minha primeira paixão. Não fui um aluno destaque, mas lembro de ter minha família me perguntando como estava na escola e minha mãe que por ser diarista deixava de ir trabalhar nos dias reunião para ver como minha irmã e eu estávamos na escola. Foi neste período acadêmico que perdi meu pai, eu com oito anos era o único a não ter pai vivo, sendo assim, os dias dos pais realizados na escola começavam a me incomodar mesmo sabendo que tinha minha mãe ao meu lado sempre que ele podia.

No Ensino Fundamenta II surgem novas paixões, esporte e a realidade social na qual estou inserido começa a fazer sentido para mim. Lembro-me que saía da escola, ia para casa limpá-la e entre 16h e 17h minha mãe chegava para eu poder sair para brincar com meus colegas até as 20 h.

No Ensino Médio a educação passou a ter mais importância pois, meu professor de química Gilberto aplicou uma avaliação em que a maioria teve uma nota inferior a cinco e conversando com a sala ele disse que o profissional de química não fica desempregado nunca. O fracasso na avaliação unida a possibilidade de ter uma profissão na qual não correria o risco de ficar desempregado me fez apostar nesta profissão, assim me dediquei em Química, Física e Matemática.

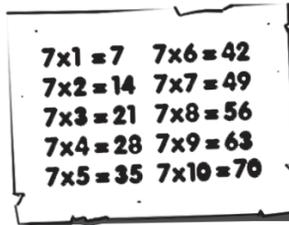
Graças a tudo isto, ao sair da escola segui o caminho na química com o curso Técnico e nível Superior voltando a escola em 2009, agora casado com aquela primeira paixão do ensino fundamental I e grávida de minha primeira filha. Ainda neste ano realizei concurso público para professor e sou aprovado como Professor de Química e mesmo com várias opções, não tive dúvidas de qual escola escolher. Anos depois foi realizado outro concurso para professor e novamente fui aprovado e mesmo com várias opções de escolha escolhi aquela que considero minha casa.

Minha história continua, ainda conheci o amor novamente uma professora sorridente, alegre, inteligente, com uma voz que até hoje me faz querer sorrir quando escuto, uma pessoa que me fez ser melhor, que me

Histórias de Escola

incomoda e me põe a melhorar, ela me fez continuar e terminar o mestrado, me levou a verdadeira mudança como pessoa e mesmo hoje que já não estamos mais juntos ela não deixa de ser importante em minha vida. E como pode perceber, minha história não acaba por aí somente as linhas deste texto pois, todos os dias escrevo um novo capítulo nesta escola a qual decidi chamar de lar.

Erik David Perozini de Oliveira
Professor de Educação Básica II
Idade: 37 anos
Profa. Adriane Luiza M.R. de Lima
E.E. Profa. Lucinda Bastos



O PROFESSOR NOVATO

- João Paulo, sete vezes sete?
- João Paulo fez ar de pensativo...
- Quarenta e nove, professor!
- Ok, João... Parabéns!
- Pablo!... É você o Pablo?... Cinco vezes seis, Pablo?...
- O que tem, professor, o "cinco vezes seis"?... – Risos da sala.
- Quanto é, Pablo, cinco vezes seis?...
- Ah!... – Deu uma respirada um pouco mais forte, abaixou a cabeça um pouco de lado, batendo com o lápis na bochecha...
- Finalmente recostou-se na cadeira...
- Trinta, professor!...
- Ótimo!... Pensou no relógio, Pablo?...
- Não, professor!...
- Vocês são feras, pessoal!... Você, como é o seu nome?...
- Maria Clara, professor.
- Maria Clara, você sabe o que é um adjetivo?... – Depois de alguns segundos em silêncio:
- É a palavra que serve para modificar um substantivo. Exemplo: Árvore frutífera...
- Muuuito bem, Maria!... Vocês são espetaculares!... Já irá acabar a aula. Se acertarem mais essa, trago balas e pirulitos para todos na próxima aula!... – Os alunos vibraram bastante. Continuou:
- Para qualquer aluno da sala: O que é preposição?...
- Silêncio total...
- Alguém se lembra?... O que é preposição?...
- Podia-se ouvir um grilo distante: Cri...cri...cri...
- Um aluno, então, respondeu lá do fundo:
- Puxa, professor, por que não perguntou o que é substantivo?... Os cartazes de tabuada, adjetivo e substantivo ainda estão aí na parede, atrás do senhor... Mas o de preposição tiraram da parede na semana passada!...

Eduardo Novaes Silva
Professor de Educação Básica II
Idade: 37 anos
Prof. Eduardo Novaes Silva
E.E. Padre Bernardo Murphy



APROXIMAÇÃO ANIMAL

Em um dos meus momentos filosóficos no portão da escola, admirava as árvores floridas e os animais pastando, logo ali... Os gritos de alegria das crianças na rua de baixo faziam-me lembrar brincadeiras da minha infância na fazenda de meus avós, quando quase perdia o fôlego de tanto rir.

Hoje, aqui na Escola Padre Bernardo Murphy, as brincadeiras são outras... as risadas ficam por conta da interação com as crianças e a perda do fôlego pelas minhas correrias do dia.

Pensava em tudo isso, quando ouvi:

- Tia Chuchu... olha o cavalo!

Corri... com a respiração equina no pescoço e o sinal da escola em meus ouvidos, ainda com coragem de virar a cabeça e ver a aproximação absurda da natureza animal querendo vencer o portão da escola.

Adriana Tomaz Silva
Função: Agente de Organização Escolar
Idade: 40 anos
Profª. Ivone Pereira Sugeda
E.E. Padre Bernardo Murphy



MINHA ESCOLA – COMO A VEJO

Diariamente, e em praticamente todos os dias da semana mesmo – estamos lá, bem cedinho, para nos encontrarmos. Que alegria podermos estar juntos. Começo com um “Bom dia” para todas as pessoas que como eu também estão lá. Encontro alguns professores, a inspetora que sorri, os alunos no pátio esperando para subir ainda com sono.

As saudações são calorosas na Sala dos Professores e também em cada sala de aula. Que alegria podermos estar juntos. A cada aula meu pensamento é sempre em como tornar satisfatório esse nosso encontro. Escapar da rotina não é fácil. Escapar do fácil não é fácil. Mas nunca tive medo do difícil. Sou otimista e sempre encontrei professores para me dizerem “Calma... Vá lá que você consegue”. E olha que eu nem dizia estar nervosa. Mas quem é professor tem um estranho e aguçado dom de ler as expressões faciais de seus alunos.

Parte inferior do formulário

Tudo isso faz parte do que uma escola pode ser... deve ser... e é. Que alegria podermos estar juntos. Escola é muito mais que a sala de aula e suas carteiras. Escola é mais do que o calendário de provas. Escola é mais do que a preparação para o SARESP. Escola é poder transformar o espaço. Escola é poder cantar pelos corredores, é poder declamar uma poesia. Escola é poder viajar, é poder debater. Escola é poder ganhar, perder, torcer e competir. Escola é poder construir um gigantesco barco de papel e suspendê-lo no ar.

Escola é apresentar-se no palco, é fazer um gol, é chorar e ser amparado. Escola é lugar de receber os pais, os amigos de sempre e os ex-alunos. Ah, como é bom ter para onde ir todos os dias. Que alegria podermos estar juntos. Tudo isso para dizer que eu tento fazer de todos os meus dias, uma nova aprendizagem. E isso não se faz sozinha. É preciso muita energia, muita força e muito empenho. É preciso colegas de profissão com propósitos firmes. É preciso alunos nos quais se pode confiar.

Não é fácil. Mas nunca tive medo do difícil. A escola sempre foi lugar de desafios, de amigos, de projetos encantadores e de um “Calma... Vá lá que você consegue!” Agradeço aos meus alunos e colegas que fazem do nosso encontro diário um momento importante em minha (nossas) vidas. Que alegria podermos estar juntos todos os dias.

Ester de Sant Anna
Profa. Coordenadora Pedagógica
Idade: 53
Profa.: Ester de Sant Anna
E.E. Profa. Branca Baumann do Amaral

Colaboradores



BOLINHO T.T.



DR. JOÃO MENDES
Veterinário

DRA. VANICE MARIA DE SENA
Advogada



LIONS INTERNACIONAL

ADVOCACIA MARTINS MOTA
Araci e Paulo Mota



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Rua Dr. Antônio Cândido Vieira, 451,
Centro - Mogi das Cruzes - SP
Telefone: (11) 4728-5621 / Fax: (11) 4728-4457
E-mail: demgcnpe@educacao.sp.gov.br
Núcleo Pedagógico